



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

TATIANE RODRIGUES DA SILVA

**A REEXISTÊNCIA DA PERIFERIA EM LETRAMENTOS DE JOVENS MCS: UMA
ANÁLISE DE SIGNOS IDEOLÓGICOS NOS JOGOS DE LINGUAGEM DO RAP**

FORTALEZA – CEARÁ
2018

TATIANE RODRIGUES DA SILVA

A REEXISTÊNCIA DA PERIFERIA EM LETRAMENTOS DE JOVENS MCS: UMA
ANÁLISE DE SIGNOS IDEOLÓGICOS NOS JOGOS DE LINGUAGEM DO RAP

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.
Área de Concentração: Linguagem e interação.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudiana Nogueira de Alencar.

FORTALEZA – CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Silva, Tatiane Rodrigues da.

A reexistência da periferia em letramentos de jovens MCs: uma análise de signos ideológicos nos jogos de linguagem do rap [recurso eletrônico] / Tatiane Rodrigues da Silva. - 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 169 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Linguagem e interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Claudiana Nogueira de Alencar.

1. Letramentos de reexistência. 2. Rap. 3. Ideologia. 4. Significação. 5. Jogos de linguagem. I. Título.

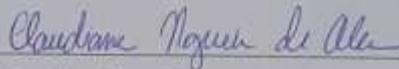
TATIANE RODRIGUES DA SILVA

A REEXISTÊNCIA DA PERIFERIA EM LETRAMENTOS DE JOVENS MCS: UMA
ANÁLISE DE SIGNOS IDEOLÓGICOS NOS JOGOS DE LINGUAGEM DO RAP

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 18 de dezembro de 2018.

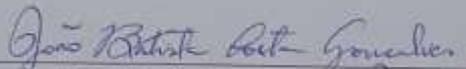
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar. (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao meu querido painho, Francisco Alves, que com a(fé)to e sabedoria me constituiu com seus conhecimentos de vida. A prof^a Claudiana que viu no brilho do meu olhar a sede pela pesquisa. E ao MC Dieguin, pelos sonhos compartilhados nessa rica trajetória.

AGRADECIMENTOS

Durante a minha pesquisa Bakhtin esteve comigo nos estudos, leituras e reflexões, mas, a verdade é que necessitei de sujeitos situados em minha história concreta de vida para que ela se materializasse embebida de valores apreciativos. Então, essa dissertação não teria se realizado sem ter sido de alguma forma vivenciada juntamente com pessoas incríveis que percorreram os trajetos cartográficos comigo. Por essa razão, direciono meus sinceros agradecimentos:

A Deus com todo louvor e glória ti agradeço, pela tua força em meu interior que se faz tão grande e me sustenta até aqui.

Aos meus pais, Francisco Alves e Cleuma Maria, pelos conselhos, orações e incentivo, me ensinando desde sempre o valor e a importância que os estudos têm na vida de uma pessoa.

À minha tia Carmem Rodrigues (cacaí), exemplo de mulher guerreira, independente e profissional, que me mostrou que o conhecimento é o melhor caminho que podemos escolher para trilhar.

Ao meu amigo Karmichael Viana, obrigada por todo apoio, pelas palavras de ânimo e esperança e por todas as vezes que esteve a ouvir sobre teorias que lhes eram totalmente desconhecidas, estando sempre disposto a me proporcionar o equilíbrio e o estímulo que necessitava.

À minha orientadora, Claudiana Alencar, carinhosamente Clau, que por meio do seu primeiro olhar me transmitiu sua energia repleta de alegria e paixão que tem pela pesquisa-extensão em Pragmática Cultural. Professora, gratidão por acreditar em mim, por toda confiança, pelos ensinamentos, pelas vivências e acima de tudo pela importância que dá ao cuidar do lado humano, o mundo precisa de mais “Clau” como você. Sem seus ensinamentos essa dissertação não seria possível, isso aqui tem muito de ti.

Ao professor João Batista que desde a graduação transmitiu conhecimentos sobre o Círculo de Bakhtin com tanta sabedoria e entusiasmo, me constituindo dialogicamente ao me apaixonar a ponto de me tornar uma estudiosa/admiradora de tal teoria desde então. Professor, sou grata por ter “conhecido” Bakhtin pelo seu olhar e por todas as suas sugestões necessárias e indagações que me fizeram crescer como pesquisadora e profissional da linguagem. Obrigada pelas ricas

contribuições no exame de qualificação e por ter aceitado o convite para fazer parte da banca de defesa. Sinto-me honrada!

À professora Ana Lúcia Silva pelo carinho e receptividade desde o início ao aceitar o convite para o exame de qualificação, que contribuiu ricamente para a construção desta pesquisa, me possibilitando realizar questionamentos referentes ao meu lugar de pesquisadora branca no universo periférico. Se hoje compreendo que podemos sim lutar juntos, parte disso é por ter tido o privilégio dos seus ensinamentos. Agradeço também por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora de defesa dessa pesquisa. Grata!

À professora Catarina, pelas contribuições na qualificação e por sempre me lançar questões que me fizeram enxergar novas possibilidades de pesquisa.

Aos amigos do Viva a Palavra: Ceceu, Jean, Bruna, Mirian, Nyanne, Thaís, Pool, Beatriz, Carlos Anjos, entre outros. Em especial a Vanusa, que sempre me tratou como uma irmã, obrigada pelo carinho, conselhos e por sempre me dá força para seguir essa caminhada. Você é pra mim um grande exemplo de dedicação, humildade e compromisso; Ozielton pelas conversas breves, mas necessárias, esclarecedoras dos enigmas da pesquisa acadêmica; E a Gílian que sempre que nos encontrávamos estava sempre sorridente falando de resistência, e isso me contaminava.

A todos os colegas da turma de Mestrado PosLA 2017, que se fortaleceu como uma família, dividindo suas dúvidas, anseios, medos, fortalecendo uns aos outros nessa trajetória de pesquisa, formando parcerias, comemorando juntos as conquistas alcançadas e emanando energias positivas para aqueles que ainda estão a caminhar. Vocês são os melhores! E desta turma destaco duas amigas incríveis que estão comigo desde os estudos para a preparação para a seleção de ingresso na Pós-graduação. Luciana Peixoto, a menina prodígio que pela sede de pesquisa sempre tinha respostas às nossas indagações, nos transmitindo segurança e autoestima. E Ingrid Xavier, que com seu sorriso meigo dividiu comigo sonhos, aflições e teorias desde a graduação, traçando caminhos juntas permeados pela paixão aos estudos bakhtinianos, pelos sonhos e pela fé de seguir uma carreira acadêmica. Obrigada minhas queridas.

Aos companheiros e colegas do bairro da Serrinha, que me acolheram tão bem. Principalmente os *rappers* com quem estive mais próxima durante esse percurso; Diego Martins, que com sua simplicidade de viver a vida, exala reexistência e poesia

em seu corpo, sua alma, seus discursos, e isso me encanta. Sou tua fã MC, gratidão! E Fábio Júnior, que timidamente com seu sorriso encantador em nosso caminhar poético-militante-cartográfico me fez entender que só quem o conhece sabe a bravura que tem as palavras e ideias desse jovem;

E a minha querida UECE e todos do PosLa, principalmente Jamille e Ismael, que compõem a equipe tão eficiente quanto humana da secretaria de Pós-graduação em Linguística Aplicada, que atenciosamente me deram o suporte necessário sempre que precisei.

“Viva a palavra!
Essa palavra da gente,
Cada vez mais eloquente
Buscando justiça e paz.
Viva a palavra,
Dos versos de um violeiro,
De um MC, de um vaqueiro,
Nos aboios dos currais!
Viva a palavra,
Do brado de um estudante,
Que cada vez mais garante
Que a luta continua!
Viva a palavra,
Do nosso artista de rua,
Com sua arte fenomenal!
Viva a palavra,
Essa arma santa,
Que sai de cada garganta
Na apresentação de um sarau”.
(Edmar Eudes, poeta da Serrinha, *in*
memoriam)

RESUMO

Por meio de diversas linguagens como a música, a poesia, o desenho, o teatro etc., o Programa de Extensão Viva a Palavra propõe uma troca de saberes entre a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e os movimentos político-culturais populares do Bairro da Serrinha no enfrentamento à violência contra a juventude da periferia de Fortaleza, pretendendo promover e ampliar as práticas de letramento crítico da juventude que reside nas comunidades do entorno da UECE do campus do Itaperi. Essa articulação de diversos movimentos, linguagens e artes é potencializada pelos letramentos de reexistência (SOUZA, 2011) produzidas pelo Coletivo Cultural Enquadro Rap da Serrinha. Neste trabalho caracterizamos o *rap* como agência de letramentos de reexistência a partir dos Novos Estudos dos Letramentos Sociais (STREET, 1994) e da Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014). Nesse sentido, articulamos as (res)significações ideológicas que emergem nos jogos de linguagem do *rap*, tais como saraus, oficinas e batalhas de MCs, pontuando os sentidos que são construídos pelo material sígnico verbo-visual. Então, fomentamos essa discussão com base nas reflexões do Círculo de Bakhtin, sob enfoque das noções bakhtinianas de ideologia e significação. Além disso, nos ancoramos em Wittgenstein (1999) em relação aos jogos de linguagem e formas de vida das práticas culturais juvenis da periferia. Para isso, aliamos a proposta de uma pesquisa cartográfica (PASSOS, 2015), que busca acompanhar processos, articuladas ao ensino e às demandas da comunidade a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, voltando-se a sua realidade. Portanto, os resultados sugerem que os signos ideológicos verbo-visuais expressam a luta vivenciada pelos jovens da periferia, assim como, o orgulho de ser parte da comunidade, reexistir e “gritar” essa reexistência nas suas rimas para que suas vozes sejam “escutadas”. Assim, se utilizando de diversas práticas de letramentos de reexistência, como forma de manifestação política e de resistência às várias formas de opressão presentes no cotidiano da comunidade, mostrando o caráter emancipatório da linguagem. Portanto, esta pesquisa destaca a importância do uso social da linguagem nas práticas culturais juvenis da periferia em suas lutas cotidianas contra o racismo, o preconceito geracional e o extermínio das juventudes pobres das grandes cidades.

Palavras-chave: Letramentos de reexistência. Rap. Ideologia. Significação.

ABSTRACT

Through a variety of languages, music, poetry, drawing, theater, etc., Programa de Extensão Viva a Palavra proposes an exchange of knowledge between the Universidade Estadual do Ceará (UECE) and the popular political-cultural movements of Bairro da Serrinha against violence against the youth of the periphery of Fortaleza, aiming to strengthen the critical literacy practices of the youth residing in the communities around the UECE of the Itaperi *campus*. This articulation of diverse movements, languages and arts is potentialized by the literacies of reexistence (SOUZA, 2011) produced by the Coletivo Cultural Enquadro Rap da Serrinha. In this work, we characterized rap as an agency of reexistence literacies from the New Studies of Social Letters (STREET, 1994) and the Cultural Pragmatics (ALENCAR, 2014). In this sense, we articulate the ideological meanings that emerge in rap language games, such as “saraus” (poetry and rappers’ performances), workshops and MC battles, punctuating the senses that are constructed by the visual-visual sign material. So we foster this discussion on the basis of the Bakhtin Circle reflections, under the focus of Bakhtin's notions of ideology and meaning. In addition, we anchored in Wittgenstein (1999) in relation to the language games and life forms of the youth cultural practices of the periphery. To this end, we align the proposal of a cartographic research (PASSOS, 2015), which seeks to follow processes to extension activities, articulated to teaching, research and community demands from a qualitative methodological approach, returning to their reality. Therefore, the results suggest that the verbal-visual ideological signs express the struggle experienced by the youth of the periphery, as well as the pride of being part of the community, to reexist and "shout" this reexistence in their rhymes so that their voices are "listened". Thus, this youth linked to the Coletivo Cultural Enquadro Rap has been used of various practices of reexistence literacy, as a form of political manifestation and resistance to the various forms of oppression present in the daily community, showing the emancipatory character of language. This research, highlights the importance of the social use of language in youth cultural practices in the periphery in their daily struggles against racism, generational prejudice and the extermination of the poor youth of large cities.

Keywords: Reexistence. Rap. Ideology. Meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa atual dos bairros Montese, Itaoca e Serrinha	28
Figura 2 – Mapa do bairro da Serrinha	29
Figura 3 – Perfil no Facebook do <i>Enquadro Rap</i>	34
Figura 4 – Canal do Enquadro Rap no Youtube	35
Figura 5 – Sarau Viva a Palavra na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará	75
Figura 6 – <i>Enquadro Rap</i> (MC Dieguin) no Sarau do Viva a Palavra na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará	76
Figura 7 – Batalha de conhecimento na Praça da Cruz Grande.....	89
Figura 8 – MC Dieguin e as crianças na Batalha de conhecimento da Praça da Cruz Grande em 22/03/18.....	91
Figura 9 – Duelando: A esquerda MC Dieguin e a direita Mano Zica.....	91
Figura 10 – 2ª Batalha do Dragão: MC Dieguin no primeiro duelo.....	93
Figura 11 – 2ª Batalha do Dragão: MC Dieguin no final do primeiro duelo.....	93
Figura 12 – 3ª Oficina Pra Si Paz.....	96
Figura 13 – Pra Si Paz: Oficinas de círculo de cultura de paz.....	101
Figura 14 – Poesias produzidas na oficina.	104
Figura 15 – Momento de ler as poesias produzidas: Elenita, 11 anos.	105
Figura 16 – Levi, MC Vida Loka e MC Dieguin	113
Figura 17 – Sarau de Cenopoesia: Lançamento do livro <i>Discurso, fronteiras e hibridismo</i> . Orgs. Alencar, Costa e Costa.....	114

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE FOMOS	23
2.1	VIVENDO A PALAVRA	23
2.2	O CAMPO: A SERRINHA.....	27
2.3	OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO BAIRRO SERRINHA.....	29
2.4	O GRUPO ENQUADRO RAP	32
3	FALANDO SOBRE LETRAMENTOS: DO IDEOLÓGICO À REEXISTÊNCIA	36
3.1	OS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO (NEL/NLS).....	36
3.2	LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA	39
4	POR UMA PRAGMÁTICA CULTURAL NOS ESTUDOS CRÍTICOS DA LINGUAGEM	44
5	O CÍRCULO BAKHTINIANO E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD)	53
5.1	O SIGNO IDEOLÓGICO NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA.....	53
5.2	RELAÇÕES DIALÓGICAS	55
5.3	SIGNIFICAÇÃO E TEMA	59
6	LINGUAGEM COMO AÇÃO: AS REGRAS DOS JOGOS DE LINGUAGEM WITTGENSTEINIANO	61
7	PERCURSO METODOLÓGICO	69
7.1	QUANTO À NATUREZA DA PESQUISA	69
7.1.1	Pesquisa qualitativa	69
7.1.2	Pesquisa participante cartográfica	70
7.2	CONTEXTO DE PESQUISA	73
7.3	COMITÊ DE ÉTICA	73
7.4	PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	74
7.4.1	Primeiro round e os participantes da pesquisa	74
7.4.2	A escolha do MC focal	76
7.4.3	Procedimentos de geração de dados	78
8	ANALISANDO O SIGNO IDEOLÓGICO “PERIFERIA” PELOS SENTIDOS POÉTICOS DO RAP	80
8.1	RESISTIR, INSISTIR E EXISTIR	82
8.2	O JOGO DE LINGUAGEM DA BATALHA DE RAP	88
8.3	A ALITERAÇÃO NA POESIA DO COTIDIANO.....	94
8.4	DA “RUA” PARA DENTRO DAS ESCOLAS/UNIVERSIDADES	102
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS	134

ANEXO	141
ANEXO A – BATALHA DE CONHECIMENTO NA PRAÇA DA CRUZ, DIVULGADO PELO FACEBOOK	141
ANEXO B - BATALHA DE CONHECIMENTO NA PRAÇA DA CRUZ GRANDE	143
ANEXO C – FÓRUM DE CARA COM A LINGUAGEM, DIVULGADO PELO FACEBOOK E NA UECE	144
ANEXO D – 1ª BATALHA DO DRAGÃO, DIVULGADO PELO FACEBOOK ..	145
ANEXO E – 2ª BATALHA DO DRAGÃO, DIVULGADO PELO FACEBOOK ..	146
ANEXO F – 1º EVENTO CULTURAL CONTRA O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE, DIVULGADO PELO FACEBOOK.....	147
ANEXO G – SARAU DA B1, DIVULGADO PELO FACEBOOK.....	148
ANEXO H – SOPÃO PELA PAZ, DIVULGADO PELO FACEBOOK E NA SERRINHA	149
ANEXO I – JUBRA, DIVULGADO PELO SITE, PELO FACEBOOK E NA UFC	151
ANEXO J – CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, DIVULGADO PELO FACEBOOK E NA SERRINHA	152
ANEXO K – DIA DAS CRIANÇAS, DIVULGADO PELO FACEBOOK E NA SERRINHA	153
ANEXO L – SARAU PARA A REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DA CRUZ GRANDE, DIVULGADO PELO FACEBOOK	154
ANEXO M – PRA SI PAZ: CÍRCULO DE CULTURA.....	156
ANEXO N – ALITERAÇÃO CANETA CARRASCA, MC DIEGUIN	158
ANEXO O – ALITERAÇÃO POESIA PARALELA, MC DIEGUIN.....	159
ANEXO P – CANÇÃO PARTINDO O CÉU DA BOCA, ENQUADRO RAP	160
ANEXO Q – CANÇÃO POMBA BRANCA, ENQUADRO RAP.....	163
ANEXO R – CANÇÃO DIÁRIO DE UM MALUCO, ENQUADRO RAP	165
ANEXO S – CANÇÃO RAP NA PERIFERIA, ENQUADRO RAP.....	168

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa faz parte do Programa de Extensão *Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza*, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que busca “contribuir com a realização de ações contínuas para a transformação de uma realidade social alarmante: a violência contra a juventude pobre e negra na periferia das grandes cidades” (ALENCAR, 2014a, p. 4). Então, o programa pretende fortalecer as práticas de letramento crítico da juventude residente nas comunidades do entorno do *Campus* do Itaperi e do *Campus* de Fátima.

Por isso, desenvolvemos a pesquisa atuando no bairro Serrinha, onde está situada a sede da UECE, o *Campus* do Itaperi. Sabemos que o bairro é formado por várias comunidades. São elas: Comunidade dos Buracos, Itaperi, Vila Rica, Rampa, Santa Tereza, Parque Dois Irmãos, Cruzeiro e Garibaldi. Nessas comunidades, percebemos uma forte resistência e existência de coletivos culturais e movimentos sociais, tais como: o *Ensaio Rock*, o *Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba*, o *Hip Hop Gospel*, o *Enquadro Rap*, entre outros. Contudo, o bairro é conhecido, popularmente, por ser um território atingido pelos mais altos índices de violência. Assim sendo, buscamos estabelecer pontes de valorização dos letramentos possibilitados pela cultura do *rap*, prática culturalmente forte no bairro.

Foi a partir da realidade vivenciada em ruas, becos, escolas e casas do bairro Serrinha, na periferia de Fortaleza – por meio do Programa de Extensão *Viva a Palavra*, que busca entender como o domínio do uso social da linguagem se relaciona com as lutas sociais no bairro Serrinha e de que maneira a linguagem, enquanto forma de ação, contribui para a transformação das relações sociais de opressão –, que lançamos um olhar sobre as resistências dos moradores dessa comunidade. Localizado na zona central da capital, no estado do Ceará, é possível afirmar que o bairro Serrinha ainda é precário em infraestrutura e equipamentos urbanos. Segundo o censo de 2010, a população masculina do bairro Serrinha é composta de 13.823 habitantes (48.05% do total) e a população feminina é composta de 14.947 habitantes (51.95% do total), ou seja, existem mais mulheres do que homens. Contudo, é preciso destacar, o bairro pode ser considerado “jovem”, visto que 23.4% da população é composta por jovens e apenas 5.6%, por idosos.

Esses dados disponibilizados pelo Censo de 2010¹ contribuem para a proposição desta pesquisa, uma vez que pesquisamos a tematização dos signos ideológicos que constituem os jogos de linguagem dos jovens *rappers* da referida comunidade a partir das práticas de letramentos de reexistência (SOUZA, 2011), pois são esses jovens que têm expressado, pela letra e pela canção, suas reflexões, suas críticas e suas performances comunicativas – instituídas por tais reflexões e críticas –, e também como se sentem frente às desigualdades sociais. Corroborando com a pesquisa de Souza (2011), entendemos por letramentos de reexistência o agir dos sujeitos que além de permanecerem firmes, persistindo e superando suas dificuldades, seguem de uma nova forma, se reinventando e recriando sua trajetória.

Vivendo em territórios esquecidos, às margens da indiferença no que diz respeito às políticas públicas, a representatividade desses jovens na sua comunidade nos sensibilizou e fez surgir indagações referentes à importância de expandir a voz da periferia, “uma vez que, ao considerar a linguagem como de natureza social, ela se mostra produtiva para considerar as particularidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica” (SOUZA, 2011, p. 34).

Dessa forma, observamos a necessidade de não apenas olhar a Serrinha como um território de exclusão social a ser superado, mas também como um espaço potencial de vocações, talentos e riquezas a serem afirmadas. Diante da árdua jornada de trabalho, das condições mínimas de moradia, e, muitas vezes, da responsabilidade de gerir uma família, os jovens da comunidade da Serrinha, por isso mesmo, veem na rima e na prática do *rap* uma forma de mostrar o seu cotidiano e de lutar através das críticas e reflexões sócio-históricas e culturais presentes em suas letras por um reconhecimento e melhores condições de vida.

O rap é intensamente, exuberantemente dialógico. [...] emerge de um processo dialógico: da conversa entre membros de um grupo que interage em grande proximidade física: olham-se nos olhos, permutam versos, homenagens ou insultos, e, de modo geral, “se alimentam da intensidade do outro” (STAM, 1992 *apud* SOUZA, 2011, p. 75-76).

Por isso, entendemos que a prática do *rap* está associada a, no mínimo, dois sujeitos: dois MCs, quando imersos nos jogos de linguagem da batalha de *rap*,

¹ Dados obtidos através do site *População: o maior portal sobre população brasileira*. Disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-serrinha_fortaleza_ce.html>. Acesso em: 05 ago. 2017.

ou um MC e um interlocutor. Em ambas as situações, teremos o MC interagindo com, pelo menos, um interlocutor, que será atravessado pelas vozes ideológicas presentes no discurso do MC. Além disso, o MC, geralmente, é conhecido como um sujeito que possui domínio das rimas e das letras das canções e que tem uma capacidade rápida de improviso. Isso acontece devido aos letramentos sociais desse sujeito, ou seja, ele realiza essas e outras ações – age de acordo com as regras dos jogos de linguagem – do âmbito do *rap* por tê-las adquirido socialmente, nas suas práticas sociais não escolares.

Por algum tempo, os estudos do letramento estiveram voltados para designar as competências individuais do sujeito quanto ao domínio da escrita, conhecido como sua alfabetização. Hoje, contudo, é necessário refletir sobre as múltiplas facetas que os letramentos possuem, pois acreditamos que, para que haja uma leitura do mundo, por exemplo, é preciso uma articulação com as práticas de transformações sociais. Diante disso, os Novos Estudos dos Letramentos veem “as práticas de letramentos como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos” (STREET, 1984, p. 7).

Diante das enfáticas distinções sociais existentes no nosso país, é importante ressaltar que há uma considerável parcela da sociedade que vive nas denominadas cidades invisíveis, que, para Alencar (2014a), seriam os espaços abandonados devido à ausência de políticas urbanas e habitacionais. Tendo isso em vista, neste estudo, propomos uma “nova” forma de ver os grupos sociais marginalizados do bairro Serrinha e refletir sobre eles a partir de seus conhecimentos e práticas sociais não valorizados socialmente. Assim, é lidando com a linguagem a partir de uma Linguística Crítica que iremos “intervir na realidade social da qual ela faz parte” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 126).

É importante pensarmos, ainda, sobre os aspectos dos letramentos da população negra do Brasil, uma vez que suas práticas de letramentos influenciam nas vivências de usos sociais da linguagem. Dessa forma, compreendemos a necessidade de se considerar as práticas culturais e sociais para se pensar os usos da linguagem. Logo, concordamos com Alencar (2014a) quando diz que:

É preciso tecer mapas a partir das rotas culturais juvenis da gente negra das periferias, conhecer seus jogos de linguagem, escutar a sua perspectiva, ouvir suas dores, suas angústias e indecisões. Mais do que

isso, é preciso reconhecer-lhes a voz, seus movimentos de resistência; é preciso dar-lhes a PALAVRA, como nos falava Paulo Freire (ALENCAR, 2014a, p. 7).

A partir desse viés, buscamos responder os seguintes questionamentos:

- a) Que jogos de linguagem são vivenciados pelo coletivo cultural *Enquadro Rap* e que regras culturais das formas de vida da periferia constituem tais jogos?
- b) Como se dá a significação e o tema do signo ideológico “periferia” nas dimensões verbal, visual e verbo-visuais de linguagem do *rap* e como esse signo ideológico atua e constitui sentidos nos jogos de linguagem dos MCs?
- c) Como a tematização do signo ideológico “periferia” produzida nos enunciados concretos dos MCs pode se constituir em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento do coletivo cultural *Enquadro Rap*?

Para isso, compreendemos que os letramentos de reexistência vão além das habilidades de ler e escrever. Eles dizem respeito a “poder ser compreendido como superação, construção que se faz nas relações de poder que são estabelecidas e que implica em transformações pelas quais os sujeitos envolvidos nessa prática constroem relações de identidade de poder” (KLEIMAN, 1995, p. 11). Desse modo, o uso social da linguagem também extrapola as salas de aula e é, historicamente, construído por sujeitos, contribuindo, assim, para a desestabilização dos discursos já cristalizados, em que as práticas de uso da língua validadas socialmente são apenas ensinadas e apreendidas na escola formal.

Por essa razão, surge nossa inquietação por tentar entender melhor os sujeitos sociais, uma vez que sabemos pouco sobre eles, sobre suas vontades, saberes, experiências e vivências. Assim como Paulo Freire (2009), entendemos que nosso conhecimento “tem de partir do que somos e do que fazemos como povo, não do que pensam e queiram alguns de nós” (FREIRE, 2009, p.150).

Isto posto é válido frisar que nossa pesquisa é, portanto, engajada e comprometida com o fortalecimento do Movimento Social do *rap* na periferia, proporcionando visibilidade ao grupo *Enquadro Rap* no bairro Serrinha, conforme proposto pelo Programa de Extensão *Viva a Palavra*. Assim, nosso estudo pretende entender de que modo o *rap* como agência de letramentos de reexistência, pode

funcionar como uma proposta educativa na comunidade, favorecendo a inserção do indivíduo no mundo, em contraponto a um formato de objetivação e adaptação desse sujeito em um contexto de vivências determinadas pela História.

Considerando nosso objetivo, acreditamos que Freire (1996) corrobora com o nosso pensamento quando afirma que “[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1996, p. 60). Para nós, essa afirmação do autor enfatiza a agência dos sujeitos e não a sua adaptação ou conformação às instituições. Tal destaque à agência permite-nos também perceber que “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita” (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Diante da contextualização acima, é preciso informar que a escolha do *rap* como objeto de estudo se deu em virtude da percepção de sua relevante importância tanto no bairro como na vida dos jovens *rappers*. Então, foi a partir das andanças e ações na comunidade por meio do Programa *Viva a Palavra* que sentimos a necessidade de pesquisar as ideologias que constituem o discurso dos MCs, uma vez que elas corroboram para a compreensão dos signos ideológicos nas vozes desses jovens e também contribuem para a construção de um pensamento crítico acerca de suas práticas de letramentos. A pesquisa é relevante por considerar que esses jovens são sujeitos capazes de intervir no mundo por meio de suas práticas nos diversos jogos de linguagem em que interagem. A partir das ações dos jovens do coletivo cultural *Enquadro Rap*, pudemos perceber as regras culturais dos seus jogos de linguagem. Assim, os MCs dão ênfase à denúncia na escolha de signos que funcionam como um grito, isto é, os MCs refletem e refratam uma realidade que se quer contestar para que suas vozes e as vozes dos jovens que representam sejam reconhecidas socialmente por meio das letras de suas canções: “... as portas se fecharam... minha mente é meu escudo... sou um daqueles que sonham em um dia ser alguém” (MC DIEGUIN, ENQUADRO RAP).

Com base no exposto, é preciso destacar, ainda, a importância de nossa pesquisa no âmbito da Linguística Aplicada, área em que está inserida. Nessa direção, Moita Lopes (2006) pontua que o objetivo de uma pesquisa em Linguística Aplicada é “trazer à tona os significados que circulam” (MOITA LOPES, 2006, p. 25), ou seja, de acordo com o pensamento do pesquisador, entendemos que os

significados devem ser (re)interpretados e desconstruídos, uma vez que compreendemos que as experiências de vida os constituem e são por eles constituídas e representadas. Para isso, devemos focalizar as práticas discursivas utilizadas, os signos ideológicos e as significações/ressignificações presentes nas letras colocadas à prova diante de uma sociedade “desigual”.

Portanto, a importância de analisar os signos ideológicos dos MCs e refletir sobre o tema e a significação de suas palavras nas formas de vida da periferia é percebida no ganho da compreensão da prática cultural do *rap* na/da comunidade da Serrinha como agência de letramentos de reexistência desses jovens, que, com orgulho, cantam que “*Rap* na periferia, *rap* na periferia, é mais saúde, educação e moradia. É tudo isso que a gente aqui precisa”. Então, a partir das noções bakhtinianas e wittgensteinianas com que olhamos as enunciações dos MCs dos jogos de linguagens, compreendemos que refletir sobre as ideologias presentes em seus enunciados nos leva a “pensar não apenas os sentidos do signo, mas do signo ideológico; pensar o signo não apenas no domínio da língua, mas também no domínio do discurso e, portanto, da vida” (CEREJA, 2010, p. 201).

Afinal, a linguagem deve ser um meio de compreender e transformar a realidade em que vivemos, pois, de acordo com Alencar (2014b), baseando-se nas ideias wittgensteinianas, concebemos aqui a linguagem como forma de vida, em que realizamos diversas atividades pela linguagem e na linguagem. Assim, essa linguagem se constitui nos jogos de linguagem que nos orienta a compreensão e o conhecimento das condições sociais, históricas, políticas e culturais em que se concretiza a linguagem.

Então, situamos a presente proposta de pesquisa nos Estudos Críticos da Linguagem, bem como entendemos que as práticas de letramentos críticos são fundamentais para o desencadeamento da transformação do pensamento crítico. Assim sendo, um dos desafios das pesquisas contemporâneas é ir além da tradição de dispor de resultados atrativos apenas para seus pares, legitimando-os.

Na realidade, a Linguística Aplicada nos possibilita enfrentar esse desafio por ser uma área que dialoga com teorias que reluzem profundas maneiras de produzir conhecimento em ciências sociais, buscando, assim, entender nossos tempos e visando caminhos para “ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Levando em consideração que essa pesquisa é realizada no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, ancorar-nos-emos nos estudos da Linguística Aplicada (LA) com base na perspectiva de que ela volta suas reflexões para o estudo interdisciplinar da linguagem em uso na vida social e estabelece diálogos transdisciplinares com diversas áreas, tais como a psicologia, a educação, a sociolinguística, a antropologia, etc. Esse diálogo entre diferentes campos do saber tem, portanto, uma intenção explícita de politização, bem como de compreensão dos processos de transformação de contextos situados de uso da linguagem. Essa perspectiva linguística é transformadora, “ainda que não queira clamar aqui que estamos diante de uma nova verdade, mas sim de alternativas para a pesquisa em nosso campo, que refletem visões de mundo, ideologias, valores etc.” (MOITA LOPES, 2006, p. 21).

É, pois, com base em uma perspectiva crítica, que tomamos para nossa pesquisa o letramento a partir do viés do modelo ideológico de Street (1984), por meio do qual é possível dialogar a respeito das interações que emergem de uma determinada prática social – interações nas quais estão inseridas as práticas de leitura e escrita, por exemplo –, não só em significados culturais, mas em posições ideológicas sobre o que conta como letramento e nas relações de poder a ele associadas. Por conseguinte, embasamo-nos em Souza (2011) no intuito de aproximar os usos sociais da linguagem que os jovens da comunidade da Serrinha utilizam em suas práticas sociais e não escolares, pois, segundo a autora, os letramentos de reexistência mostram-se singulares por apresentarem práticas cotidianas de linguagem que contribuem para transformar circunstâncias históricas que podem e devem ser construídas ou desconstruídas, desestabilizando o que pode ser apontado como “discurso já cristalizado em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas ensinadas e apreendidas na escola formal”. (SOUZA, 2011, p. 36).

Considerando que a educação não se resume apenas à educação escolar, realizada na escola propriamente dita, refletiremos sobre a educação não formal e a concepção ampla de educação. Segundo Gohn (2011), um dos exemplos de espaço educativo é a participação social do sujeito em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Diante disso, consideramos o *rap* como uma agência de letramentos de reexistência do grupo *Enquadro Rap*, que age

com resistência à exclusão e luta por inclusão social, por novas culturas políticas de inclusão, por reconhecimento da diversidade cultural, etc.

Desse modo, cientes de que existem algumas pesquisas acerca dos letramentos, podemos pontuar três pesquisas atuais que se aproximam da nossa proposta. Inicialmente, destacamos o estudo de Souza (2011), em que nos baseamos para abordar os letramentos de reexistência. Em síntese, a autora trata dos letramentos de reexistência a partir do movimento do Hip Hop na cidade de São Paulo. Em nossa pesquisa, focalizaremos em apenas um dos elementos que compõe o *Hip Hop*, que é o *rap*. Contudo, ampliaremos a discussão a partir da categoria de jogos de linguagem e da categoria de signo ideológico.

Já as pesquisas de Nascimento e Pinheiro (2013) e de Silva e Souza (2013), apesar das similaridades com relação à perspectiva dos letramentos de reexistência, ambas possuem divergências teóricas e/ou metodológicas ao compararmos com a nossa. Nascimento e Pinheiro (2013), por exemplo, focalizam o *rap* como um produto cultural em que a noção de autor engloba o produtor de um enunciado e as relações entre ele (autor-criador) e o ouvinte (contemplador). Silva e Souza (2013), por sua vez, partem das narrativas das canções de grupos de *rap* para compreender os eventos históricos e sociais da cidade de Foz do Iguaçu.

Então, nossa pesquisa se diferencia das listadas acima por três razões essenciais: primeiro porque o *corpus* e o campo de pesquisa são distintos, logo, trata-se de uma análise inédita; segundo porque iremos nos limitar a um grupo de *rap*, o *Enquadro Rap*, que é composto por jovens moradores de uma periferia de Fortaleza, a Serrinha; terceiro porque, com base na análise de materiais constituídos por diferentes planos semióticos – verbais e visuais –, discutiremos a possibilidade de uma articulação teórico-metodológica entre os estudos pragmáticos e os estudos bakhtinianos por meio de uma pesquisa cartográfica.

Assim, pretendemos analisar o *rap* como letramentos de reexistência de jovens da periferia a partir do estudo sobre o tema e a significação do signo ideológico “periferia” nos jogos de linguagem do *Enquadro Rap* sob a perspectiva da teoria do Círculo Bakhtiniano e da Pragmática Cultural, em fluxos contínuos vivenciados por meio da cartografia.

Portanto, a pesquisa contribui com os estudos dos letramentos de reexistência a partir da prática cultural do *rap*, ou seja, nossa pesquisa compreende o *rap* como prática cultural de letramentos de reexistência na/da comunidade da

Serrinha em processos constantes de transformação, travessias percebidas pela experiência cartográfica.

2 DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE FOMOS

Se eu tivesse que nascer,
 Eu nasceria.
 Se eu tivesse que viver,
 Eu viveria.
 Se eu tivesse que morrer,
 Eu morreria.
 Se eu tivesse que matar,
 Eu poesia!
 (Ray Lima, poeta e educador popular)

É por meio da poesia e da educação popular, assim como o poeta popular Ray Lima, que o Programa Viva a Palavra “nasce e vive”. Além disso, uma pesquisa cartográfica narra as vivências e as experiências, que acontecem como um processo a depender do campo de pesquisa.

Então essa seção foi organizada em quatro subseções que narram desde a trajetória de inserção da pesquisadora a Pós-graduação, a definição de sua pesquisa, até o campo de pesquisa e os sujeitos nele imerso. Dessa forma, na primeira subseção, *Vivendo a Palavra*, elucidaremos a imersão da pesquisadora ao Programa de Extensão Viva a Palavra, na segunda subseção, O campo: a Serrinha, explana a história e as características do campo de pesquisa, o bairro da Serrinha em Fortaleza, no Ceará. Já na terceira subseção, pontuaremos os movimentos sociais do bairro Serrinha, e por fim, a última subseção, O grupo *Enquadro Rap*, disserta sobre o coletivo cultural de jovens *rappers* da periferia do bairro Serrinha, e estes, são os sujeitos que compõem nossa investigação.

2.1 VIVENDO A PALAVRA

Durante os semestres finais da minha graduação, fui imersa no mundo da docência ao ser bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola pública situada em uma das periferias de Fortaleza, no Barroso em Messejana. Nos dois anos dessa trajetória, vivenciei como docente, a realidade da educação de jovens estudantes do ensino fundamental e médio da periferia. A partir dessa experiência, pude conhecer os “dois lados da moeda”, do docente e do discente, afinal, advinda de uma família de classe média baixa em que hierarquicamente possuía escolaridade completa apenas de ensino básico, tradicionalmente fui estudante, por muitos anos, em escolas públicas, bolsista no

ensino médio em escola particular, e sempre morei em uma periferia de Fortaleza, no bairro Pici.

Diante de difíceis percalços econômicos, mesmo sendo branca, nunca me vi como uma privilegiada, muito pelo contrário, por ser da periferia e de família de classe média baixa, acreditava ter tido as mesmas oportunidades que aqueles alunos, jovens da periferia. Contudo, esses alunos são predominantemente negros (assim como os *rappers*) e o racismo vai muito além de questões econômicas, pois, conforme Bento (2014), o negro é estereotipado marcadamente como maléfico, incompetente ou feio, e as desigualdades sociais acabam sendo argumentadas apenas como uma herança negra do período escravocrata.

Portanto, “mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico de brancura, o que não é pouca coisa.” (BENTO, 2014, p. 27) E eu, professora, pesquisadora e branca, só compreendi isso, de fato, após fazer parte do Programa Viva a Palavra. Assim, durante uma conversa informal com o MC Dieguin, em um dos nossos primeiros diálogos, estávamos sentados na arquibancada de concreto da Praça da Cruz Grande do bairro Serrinha, aguardando o início das batalhas de *rappers*, quando ele me indagou: “quer saber se você é preto? Vá ao supermercado e veja se você está sendo seguido ou observado pelos seguranças ou funcionários, aí você vai saber se é preto.” (MC DIEGUIN, 2017) Ou seja, o que existe é um silêncio referente ao branco não refletindo a interferência da branquitude como detentora silenciosa de privilégios e nem sobre a herança branca da escravidão. Ainda, “dito de outra maneira, negros nas mesmas condições que brancos não costumam ter as mesmas oportunidades, os mesmos tratamentos” (BENTO, 2014, p. 149), assim, o que o MC quis dizer é que, por causa do enraizamento cultural do racismo, o negro, independente da condição financeira, sempre vai ser julgado negativamente e previamente apenas por ser negro.

Então, retornando à ordem cronológica dos fatos, logo após a graduação, atuando como professora efetiva em escolas da periferia no Município de Fortaleza, Autran Nunes, conhecido como Alto do bode e no Pici, conhecido como Papoco, despertou-me a curiosidade de entender e refletir sobre o que acontece além dos muros escolares na vida desses jovens negros da periferia e de que contextos e ideologias eles são permeados. À vista disso, percebi que através de estudos na linha de pesquisa dos Estudos Críticos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) eu

poderia obter algumas respostas ou, pelo menos, desencadear reflexões críticas acerca do assunto.

Ao adentrar no Programa de Pós-graduação como mestranda, comecei a fazer parte do Programa de Extensão Viva a Palavra, que é coordenado pela professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, e foi, a partir dessa extensão universidade-comunidade, que tive caminhos possíveis para que a pesquisa acontecesse. O *Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza* é um programa de extensão da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que busca contribuir com a transformação de uma realidade social alarmante através da realização de ações contínuas. Essa realidade é a violência que existe contra a juventude pobre e negra na periferia das grandes cidades.

Então, o programa vem desenvolvendo ações de extensão acadêmica que contribuem para a ampliação da prevenção da violência que atinge, de forma preocupante, a juventude negra que reside em Fortaleza. Referindo-se a essas ações segundo Alencar (2014a):

Entendemos que tais práticas de letramento, realizadas através de diversos jogos de linguagem (cirandas de leitura, oficina de produção de poesia, oficina de narração, saraus literários, fórum de diálogos entre movimentos sociais e etc) podem contribuir, através do uso social da linguagem e de seu trabalho terapêutico e emancipatório, para o desenvolvimento da conscientização crítica e resistência da juventude negra, para a promoção da cultura de paz e para valorização da vida do jovem negro na comunidade. (ALENCAR, 2014a)

Para tal fim, o Viva a Palavra realiza ações imerso no contexto pesquisado, desencadeado pela demanda, atualmente da comunidade da Serrinha, contribuindo na solução de problemas. Deste modo, tem objetivado desenvolver três subprojetos de pesquisa-intervenção, *Palavras de Paz*, *Palavras de Resistência* e *Palavras de Esperança*, que são delineados em articulação com as dimensões crítica investigativa e interventora, aliando a formação dos alunos à função social das instituições de ensino superior públicas. Assim, o pesquisador atua em um processo de escuta ativa, pois age como mediador que organiza, articula encontros, sistematiza as vozes e os saberes frutificados pelos sujeitos envolvidos na pesquisa.

É por meio do *Palavras de Paz* que há o incentivo e a busca pela organização de espaços de diálogo, denominado círculos da paz, que utiliza a

linguagem para resolução de conflitos; o ciclo de palestras sobre violência, juventude e igualdade racial, nas mediações do bairro da Serrinha, nas universidades e nos bairros das periferias de Fortaleza, tendo à frente tanto sujeitos da universidade como da comunidade. E a cartografia das práticas de letramento em torno de uma cultura da paz, para que possamos conhecer as práticas atuais de mediação de conflitos na periferia de Fortaleza.

Já o subprojeto *Palavras de Resistência* cartografa as práticas de letramento dos movimentos sociais, principalmente do movimento negro da periferia de Fortaleza, promovendo ciclo de palestras sobre protagonismo juvenil e sobre o movimento negro, assim, incentivando a organização de movimentos comunitários referente às questões da violência contra a juventude negra.

E, por fim, a partir da busca de jovens talentos da comunidade, o *Palavras de Esperança*, subprojeto em que esta pesquisa está situada, demanda cartografar as práticas de letramento da juventude negra da periferia de Fortaleza existentes na comunidade, através de registro de sua produção cultural; produção de contos, poesia, narrativas orais e populares etc., como também desenvolver tais atividades; oficina de produção de poesia, cirandas de leitura, oficina de produção de narração, oficina de iniciação lítero-musical, saraus literários, publicação de obras literárias de autoria dos/das jovens negros/negras da comunidade.

Portanto, segundo Munanga e Gomes (2016), percebo que “refletir sobre a questão do negro não é algo particular que só deve interessar às pessoas que pertencem a esse grupo étnico-racial ou aos militantes do Movimento Negro. É uma questão da sociedade brasileira e também da humanidade” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 178). Assim, o racismo tem consequências negativas para todos. Mesmo que o impacto do racismo sobre o negro seja claramente diferente do impacto do racismo sobre o branco. Ou seja, “o racismo é um problema para negros e brancos” (BENTO, 2014, p. 156). Por isso, percebemos que a conquista da palavra não é tudo e que no enfrentamento da violência e do racismo devem ser considerados também outros pontos, tais como: a distribuição das riquezas, a infraestrutura econômico-social, as relações psicológicas familiares e pessoais, a diminuição da diferença remuneratória entre o trabalho intelectual e o trabalho técnico, etc.

2.2 O CAMPO: A SERRINHA

Ao final do ano de 2017, estive em uma conversa-entrevista com Milton Ferreira, presidente da Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha - AMORBASE, e foi por meio dessa entrevista e em pesquisas na internet no site Bairro da Serrinha² que obtivemos diversas narrativas a cerca do bairro e seu surgimento.

Assim, foi em torno de 1946, existiu um lugar, na cidade Fortaleza, no Ceará, em que havia apenas uma grande extensão de terras às margens da estrada do gado que fora denominado de Pirocaia. Com o passar dos anos, nesta mesma década, o lugar foi desmembrado e veio a se tornar os bairros Montese, Itaoca e Serrinha. A Serrinha era uma comunidade carente de abastecimento de água potável, energia elétrica e saneamento. Este cenário do bairro permaneceu até o início de 1981 quando os moradores viviam uma luta diária para sobreviver diante das precárias condições de vida.

Em 1981, surgiu a AMORBASE – Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha – como fruto de batalhas e conquistas advindas da união dos moradores do bairro. Para isso, os moradores organizaram a *passeata das latas vazias e da lamparina*, em que estes objetos levados pelos moradores na passeata representavam a falta de água e de luz na comunidade. O movimento repercutiu em toda a cidade de Fortaleza e ganhou os holofotes das principais mídias e dos governantes da época.

Dessa forma, o engajamento dos moradores se fortaleceu em busca de melhores condições de vida, e, juntos, traçaram caminhos frutíferos, dentre eles a primeira escola do bairro em 1988, que funcionava no espaço físico da AMORBASE e foi chamada Creche Comunitária Pequeno Paraíso. Por vinte anos, a creche foi o lugar que muitas mães precisavam para que pudessem deixar seus filhos seguros e bem cuidados enquanto trabalhavam para sustentar a família. Logo, em seguida, as conquistas vieram, tais como a pavimentação das ruas, construção de escolas públicas e do projeto ABC.

A seguir, primeiramente, veremos o mapa atual dos bairros Montese, Itaoca e Serrinha segundo a planta oficial do município de Fortaleza atualizado em

² Informações acessadas no site disponível em: < <http://serrinha.org/> > Acesso em: 18 de nov. 2018.

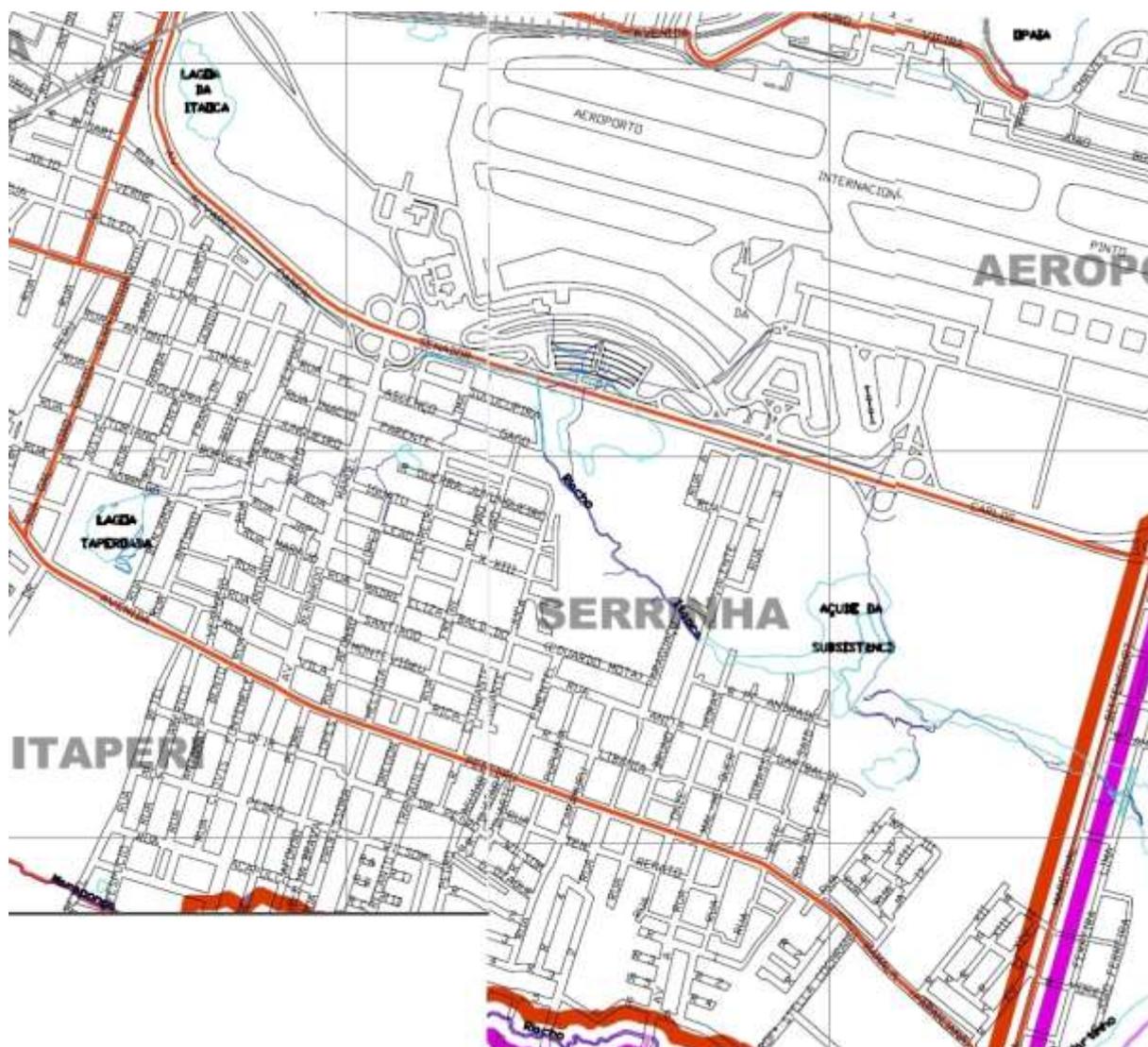
2011. E posteriormente, de forma aproximada, o mapa do bairro da Serrinha, também registrado em 2011 pela planta oficial do município de Fortaleza.

Figura 1 - Mapa atual dos bairros Montese, Itaoca e Serrinha



Fonte: Mapa do atual dos bairros Montese, Itaoca e Serrinha segundo a planta oficial do município de Fortaleza atualizado em 2011.

Figura 2 - Mapa do bairro da Serrinha



Fonte: Mapa do bairro da Serrinha segundo a planta oficial do município de Fortaleza atualizado em 2011.

2.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO BAIRRO SERRINHA

Historicamente por meio de lutas sociais, o bairro da Serrinha, é característico por seus moradores serem engajados em coletivos culturais e movimentos sociais em prol das conquistas de melhores condições de vida. E foi nessa trajetória de lutas e conquistas que os coletivos culturais e os movimentos sociais surgiram, em contrapartida que outros se disseminaram. Dessa forma, durante a nossa pesquisa, a troca e a parceria com alguns dos principais coletivos e

movimentos ativos e atuantes na comunidade ficaram evidentes e foram fundamentais para estreitar os laços com os jovens moradores do bairro.

Podemos citar aqui alguns coletivos culturais e movimentos sociais, tais como: o Movimento Político e Cultural Ensaio Rock e o Flor de Cactos, que atualmente está disseminado; o Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba que busca a revitalização e urbanização da Lagoa de Itaperaoba e do seu entorno; o Hip Hop Gospel (HGO) que, por meio do *rap*, fala sobre o evangelho principalmente para os jovens; o Enquadro Rap; o Círculos Populares que, segundo MC Dieguin (2018), “é um movimento político social da cidade que atende as demandas do proletariado, fortalecendo com o povo e para o povo nas questões básicas de existência, numa luta por moradia, educação, investimento no meio social, cultural, saneamento básico e fatores de necessidades urgentes”, o Movimento Arte e Reexistência Periférica (MARPE) que objetiva (re)articular as atividades culturais na/da Serrinha mais especificamente engajado nos saraus, e a AMORBASE, que a partir de uma conversa-entrevista com o presidente da Associação buscamos entender, conhecer e acompanhar as ações que a associação desenvolve.

Então, Milton Ferreira que ocupa a gestão da associação desde 2016, narra que sua formação como historiador e artista plástico tem sido fundamental para a elaboração e execução de atividades e lutas desenvolvida na/pela comunidade. Dessa forma, com base em Gohn (2008a) defendemos a Amorbase como um movimento social que não pode ser pensado fora do seu contexto sócio, histórico e cultural. Afinal, “um movimento social é aquele que cria sua própria identidade a partir de suas necessidades” (Gohn, 2008a). Portanto, observamos que os sujeitos participantes desse movimento atuam a partir da necessidade e das possibilidades advindas da comunidade da Serrinha, construindo ações coletivas que se realizam como resistência à exclusão, concomitantemente a luta pela inclusão social.

Entre as ações que se realizam na Amorbase e que conhecemos de perto, destaca-se a oficina de desenho e pintura. Anteriormente a oficina era aberta ao público e não tinha limitação de participantes. Com a difícil condição de manutenção financeira que dá assistência para a disponibilização do material necessário para a realização da atividade, como também, pela dispersão da frequência esporádica de alguns participantes, foi necessário formar turmas com

alunos fixos, com o propósito de expandir e lapidar as habilidades que os jovens possuem para o desenho e a pintura.

Dessa forma, a partir da parceria com as escolas públicas localizadas no bairro da Serrinha formaram-se duas turmas com cerca de 20 jovens e crianças que demonstraram habilidade e interesse por desenhos e pinturas. Essa organização já acontece há pelo menos um ano e meio, expandindo e incentivando a arte plástica de jovens e crianças em encontros/aulas que acontecem duas vezes por semana.

Ainda, além dos muros da Amorbase, como forma de proporcionar o reconhecimento do talento dos jovens pintores e desenhistas, a associação promove a cada dois meses uma exposição dos trabalhos produzidos nas oficinas. Essas exposições aos poucos foram ganhando conhecimento da população a partir de divulgação pelas redes sociais e por “boca a boca” - palavras ditas em entrevista pelo presidente da associação.

Hoje, alguns jovens recebem encomendas de suas pinturas e desenhos, assim, a renda que é adquirida na venda de trabalhos nas exposições e em encomendas é direcionada para a compra de material para as oficinas, como também para o próprio artista. Além do mais, com o intuito de promover o incentivo à reflexão crítica dos moradores do bairro, a cada duas semanas acontecem debates críticos reflexivos acerca de aspectos sócios, históricos, culturais e político. Os voluntários envolvidos na organização dos debates são afeiçãoados a diversos partidos políticos do país. Contudo, conforme afirma Milton, nos debates não se defende nenhum partido político em específico. O que se semeia é o conhecimento e a reflexão acerca da multiplicidade de ideias, perspectivas e anseios.

Além das ações em que mencionamos, atualmente a Amorbase está em processo de organização de uma biblioteca pública. Alguns livros já constam no acervo da associação, mas ainda estão em busca de doações tanto de livros como de mobília para a organização estrutural da biblioteca. E para proporcionar o ensino e a possibilidade de moradores do bairro obter uma forma de adquirir uma renda financeira. Encontra-se em andamento a organização de oficinas de artesanato e de instrumentos musicais, tais como violão. Essa parceria se realizará com os membros das igrejas evangélicas e católicas do bairro. A Amorbase será um espaço disponibilizado para que voluntários das igrejas possam ajudar e ensinar os moradores que necessitam e que possuem interesse em aprender ou desenvolver

essas habilidades. Conforme enfatiza Milton, não serão desenvolvidas atividades com intuito religioso, e sim, com intuito artístico.

Portanto, a partir disso compreendemos que a associação atua como um forte movimento social do bairro, afinal, ainda segundo Gohn (2008b) os movimentos sociais são matrizes geradoras de saber e fontes de inovação, características essas que são imbuídas em suas ações. Dessa forma, diante da realidade vivida pelos moradores do bairro da Serrinha que é popularmente conhecido por ser um bairro periférico, no qual grande parte da população encontra-se na classe média e baixa e que há prática intensa de tráfico de drogas e de criminalidade, exaltou a necessidade da existência de “ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizem formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. (GOHN, 2008b)

Então, quando mencionamos a troca e a parceria dos coletivos e movimentos, queremos mencionar o estabelecimento das reflexões críticas e a atuação em conjunto de ações no bairro da Serrinha, tais como; sarau, batalhas, oficinas e o cursinho popular Viva a Palavra, pois é por meio dialógico partindo do saber sobre a vida dos moradores, que, juntos, questionamos as distâncias e hierarquias para a construção de uma cidadania crítica que busca a transformação do mundo que seja menos injusto, menos desigual, menos gerador de sofrimento, valorizando as sabedorias populares, as expressões culturais locais, a participação popular e as ações coletivas.

Portanto, diante de vários movimentos sociais e coletivos culturais formados por moradores do bairro da Serrinha em prol de melhores condições de vida, para nossa pesquisa nos atentamos para um, o *Enquadro Rap*, que é um coletivo cultural composto por jovens negros militantes. Portanto, na subseção a seguir, dialogaremos sobre o coletivo cultural *Enquadro Rap*.

2.4 O GRUPO ENQUADRO RAP

Segundo Munanga e Gomes (2016), os homens e as mulheres negras durante todo processo histórico brasileiro sempre resistiram e lutaram valentemente a todas as maneiras de discriminação e opressão. Para isso, eles elaboraram diversos modos de enfrentar e superar a vida por meio do corpo, como as múltiplas expressões musicais. E a partir de uma estética corporal impregnada na cultura do

povo brasileiro, da arte, da política, da cultura, da religião, da dança e da música que o negro participa, produz e vivencia a cultura afro-brasileira. Ainda, Munanga e Gomes (2016) nos afirmam que “vivemos em um país com uma estrutura racista que precisa ser superada porque o histórico de escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 176). Por este ponto de vista, podemos entender o fato de o sujeito identificar as raças, na verdade, por intermédio de uma construção política, social e cultural estabelecida no íntimo do processo histórico das relações sociais e de poder, pois a raça:

Não significa de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto dessas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar. Se as coisas ficassem só nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, em variados contextos, também vamos aprendendo a tratar as ditas diferenças de forma desigual. (grifos nosso) (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 176).

Então, o *rap*, sendo uma arte, surge como um gênero musical que combina a moderna tecnologia com a tradição ancestral africana, e, com base em um enraizamento ligado a grupos negros urbanos em seu discurso, perpetua a denúncia de opressão social, racial, injustiça e policial, pois “os *rappers* se veem como porta-vozes da periferia, assumindo a dimensão da denúncia em suas letras e formas de expressão”. (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 166)

Portanto, é necessário destacar que decidimos centrar nossa pesquisa em um único grupo de *rap*, o *Enquadro Rap*, por este ser um coletivo cultural composto por jovens negros militantes das causas sociais e atuantes no lugar em que vivem, na periferia de Fortaleza. O *Enquadro Rap* é composto por três MCs e um DJ³, que se inserem na faixa etária de 18 a 25 anos, moram nas comunidades do bairro Serrinha e foram estudantes das escolas públicas do bairro.

Esses jovens, desde cedo, enfrentam a desigualdade construída ao longo do processo político, histórico e social do país e assim tiveram a responsabilidade de trabalhar para o seu sustento e o da sua família; logo, assumiram o lugar de sujeitos

³ Dj é a sigla de Disc Jockey (disc-jóquei) e significa a pessoa responsável por tocar, comandar as músicas.

ativos social e militarmente por atuarem em um grupo de *rap* militante dos problemas sociais. Entendemos que “essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, os negros” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 172).

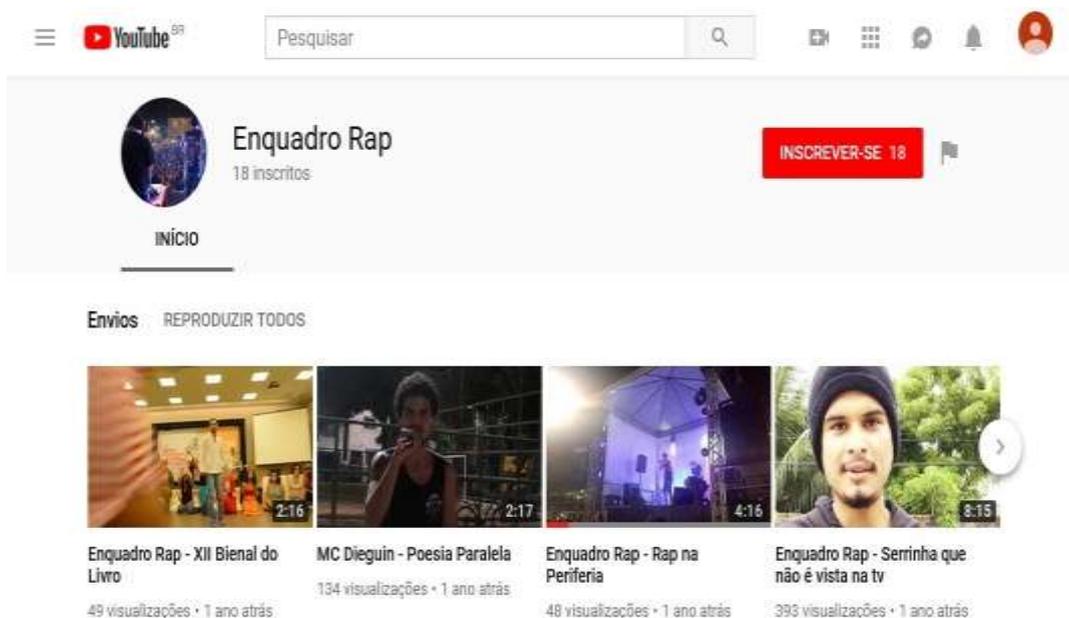
O grupo atua, principalmente, nas comunidades em que vivem, no bairro Serrinha, e em diversos bairros periféricos de Fortaleza, como Barra do Ceará, Jangurussu, Messejana, Praia de Iracema, Mondubim, entre outros. Além disso, o coletivo cultural *Enquadro Rap* possui uma página na rede social *Facebook* e um canal no *Youtube*, meios de divulgações e disseminações de suas ideologias e lutas para “fora dos muros das periferias”, já que o ambiente virtual é um meio de acesso relativamente democrático. Logo abaixo veremos o *print* da página inicial das respectivas redes sociais.

Figura 3 – Perfil no Facebook do *Enquadro Rap*



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/Enquadro-Rap-1424432584237071/>>. Acesso em: 28 out. 2017.

Figura 4 - Canal do *Enquadro Rap* no Youtube



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCyuyGi_v7gU4pnbv70pLaOg> Acesso em: 08 mai. 2018.

Portanto, após percorrer essa trajetória, explorando o campo de pesquisa, os movimentos e coletivos culturais existentes, como também o coletivo cultural que sustenta essa investigação, o *Enquadro Rap*. Agora, a seguir na seção 3, versaremos sobre os letramentos, ou seja, os Novos Estudos do Letramento e os Letramentos de Reexistência, dialogando-os com nossa pesquisa.

3 FALANDO SOBRE LETRAMENTOS: DO IDEOLÓGICO À REEXISTÊNCIA

“Dentre as formas mais efetivas de se tornar poderoso, destacam-se o acesso à e a manipulação da informação”.

(KLEIMAN, 1995, p. 8).

Estudar as práticas do *rap* como letramentos de reexistência implica compreender os aspectos sociais que constituem os sujeitos e os jogos de linguagem que fazem parte das práticas sociais dos MCs e as regras desses jogos estabelecidas socialmente. Para tanto, antes de tudo, precisamos entender as ideologias que constituem os discursos dos MCs e estabelecem significações que refletem e refratam a realidade em que esses sujeitos estão inseridos.

Por isso, decidimos organizar nossa discussão em seções e subseções de caráter teórico e reflexivo. Contudo, ressaltamos que os diferentes referenciais teóricos que apresentaremos a seguir estabelecem relações dialógicas principalmente quando inseridos no âmbito dessa pesquisa. Dessa forma, essa divisão estrutural foi estabelecida apenas para constituir um viés didático.

Assim, nesta seção sentimos a necessidade de articular nossas reflexões em duas subseções. Portanto, a primeira, exploraremos os Estudos dos Letramentos, mais especificamente, os Novos Estudos de Letramento, principiado pelo pesquisador Brian Street (1994), e a segunda subseção apresentaremos as reflexões referentes aos Estudos dos Letramentos de Reexistência, categorizado por Souza (2011).

3.1 OS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO (NEL/NLS)

Os estudos referentes aos letramentos examinam o desenvolvimento social e procuram englobar os usos e as práticas sociais de linguagem que abrangem a escrita de uma maneira ou de outra. Não é possível pensar em letramento excluindo os fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos de uma época ou se restringindo apenas à escrita. Afinal, segundo Kleiman (1995, p. 20), “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”.

Podemos perceber isso ao observar crianças que, mesmo antes de adquirirem o domínio da escrita e da leitura, conseguem desempenhar determinadas práticas sociais que são coerentes aos contextos situacionais. Da mesma forma, sujeitos analfabetos agem na sociedade desenvolvendo também práticas de letramento que são determinadas e adquiridas socialmente pelos jogos de linguagem em que estão inseridos. Portanto, o aprendizado da escrita se dá considerando as práticas sociais e concretas, ou seja, as práticas letradas são produto da história, da cultura e do discurso. Nessa perspectiva, os letramentos devem ser discutidos com base no que Street (1984) chama de “modelo ideológico do letramento”.

Então, os estudiosos do letramento, com base na obra de Street (1984), principiam os Novos Estudos do Letramento (NEL/NLS), expondo a relevância de perceber o letramento em sua pluralidade, ou seja, considerando a existência de vários letramentos, em que um não exclui a presença do outro. Assim, não nos restringimos apenas à competência individual desenvolvida nos âmbitos escolares, denominada pelo pesquisador como modelo autônomo de letramento. Quer dizer, olhamos para a pluralidade de letramentos e para o modelo ideológico de letramento, que defende que as práticas discursivas são adquiridas a partir de aspectos culturais, bem como de aspectos advindos das estruturas de poder eminentes da sociedade.

Portanto, os NEL sustentam que as práticas de letramento são determinadas social e culturalmente e que “os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

É na conjuntura dessas mudanças que refletimos sobre a noção de letramento com a qual nos afiliamos como um agrupado de práticas socialmente organizadas, que se utilizam de um conjunto de símbolos e de tecnologias para a realização de tais práticas sociais em contextos situados. Ou ainda, como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (SCRIBNER; COLE, 1981 *apud* KLEIMAN, 1995, p.18-19).

Nesse sentido, os Novos Estudos do Letramento têm tido como objetivo dar conta da heterogeneidade das práticas de letramentos sociais de escrita, leitura e uso da linguagem como um todo, especificamente, das práticas não valorizadas

que, por consequência, são pouco investigadas. Em nossa pesquisa, denominamos essas práticas, de letramento de reexistência. Street (2003, *apud* ROJO, 2009) reconhece que as práticas sociais se realizam de acordo com a variação das condições sociais situadas. Sendo assim, o teórico enfatiza a necessidade de se considerar a existência de múltiplos letramentos, “interrogando-se sobre “quais letramentos” são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência” (STREET, 2003, *apud* ROJO, 2009, p. 102).

No que diz respeito aos letramentos dominantes, podemos entendê-los como aqueles que são estabelecidos pelos aparelhos ideológicos de poder, ou seja, as instituições de poder consideradas cultural e legalmente, tais como a escola, a justiça, a política, a igreja, a ciência, o comércio, entre outras.

Já os letramentos não controlados e não regulados por instituições sociais de poder são chamados de “vernaculares”. Originam-se, brotam e florescem no cotidiano dos sujeitos, nas suas práticas culturais, sendo, por isso, muitas vezes, ignorados, esquecidos e desvalorizados por se constituírem como letramentos de rompimento hegemônico da cultura oficial, ou seja, como letramentos de resistência, ou melhor, de reexistência. Nesse sentido, Kleiman (2016) nos diz que os Estudos do Letramento “concebem o discurso como uma construção sócio-histórica, na qual ecoam vozes que se relacionam com outros enunciados de maneira dialógica” (KLEIMAN, 2016, p. 40).

Tendo isso em vista, podemos observar a prática do *rap* como letramentos de reexistência, que rompem com a ideia hegemônica de que o letramento deve ser relacionado apenas ao âmbito escolar, pois o MC, ao agir no mundo, segue diversas regras dos jogos de linguagem do *rap*, tais como: organização das canções, repletas de rimas com críticas sociais; respeito ao turno de fala e ao tempo determinado para cada MC; compreensão e conhecimento prévio do ritmo e do assunto da canção, pois, quando imersos nas batalhas de *rap*, os MCs devem improvisar sua rima de acordo com o assunto temático que é sorteado no momento de sua ação.

Nessa visão, é possível afirmar que a participação em práticas de letramentos acarreta a aprendizagem de determinados jogos de linguagem, ou seja, a aprendizagem das regras dos jogos de linguagem estabelecidos e valorizados em contextos específicos. Pelo estudo dos atos de fala, reconhecemos que as regras desses jogos são determinadas pelos sujeitos e pelo tema de seus enunciados

concretos. Assim, os letramentos sempre são sociais, afinal, nós os aprendemos através da participação em relações sociais, tais como; realizar uma compra, um pedido em um restaurante, um pagamento, usar elevador, transporte público, ir a aniversário, escola, casamento, funeral, etc. E, então os significados que construímos nas relações sociais sempre nos remetem a uma rede dialógica de significados de outros sujeitos.

Na concepção de Soares (1998), o letramento com enfoque ideológico e que conversa com a perspectiva de alfabetização proposta por Paulo Freire contribui para a potencialização de poderes dos agentes sociais e para a construção de identidades em sua cultura local, que é, por vezes, uma cultura valorizada, rompendo com a hegemonia.

3.2 LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA

Para discutirmos sobre os letramentos de reexistência, é importante mencionarmos que foi a prof^a. Dra. Ana Lúcia Silva Souza, durante a sua pesquisa de doutorado defendida em 2009 no Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), quem propôs essa conceituação. A partir de sua tese, teve como fruto o livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop* em que fundamenta nossa pesquisa ao abordarmos os letramentos de reexistência. Ao dedicar-se a investigar as práticas de letramentos na cultura do Hip Hop, a pesquisadora considerou as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar como letramentos de reexistência, por serem práticas marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos e afetadas por aspectos da história do letramento do Brasil, sendo, portanto, capazes de influenciar no percurso pessoal e coletivo do uso social da linguagem.

As práticas dos jovens implicam sustentar e assumir novos papéis e funções sociais nas comunidades de pertença e nas relações de interação com os sujeitos. Segundo Souza (2011), os letramentos de reexistência configuram-se como a atuação dos sujeitos que se reinventam em espaços sociais, “nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não” (SOUZA, 2011, p. 37).

Dessa forma, os sujeitos “praticantes” dos letramentos de reexistência não só resistem a um formato de letramento hegemônico e excludente que se firma

nas legitimações cristalizadas, como também tecem outros caminhos para dizer o já dito, inserindo, de forma imanente, suas significações ideológicas e suas identidades sociais. Assim, os sujeitos percorrem um caminho além da resistência, reexistindo também através da linguagem, pois é a partir das práticas letradas e dos discursos dos reexistentes que se dá nitidez à invisibilidade social dos esquecidos, historicamente, pela sociedade, tais como: os moradores das periferias, os negros, os jovens marginalizados, as mulheres, os homossexuais, etc.

Souza (2016) trabalha com a noção de letramento de reexistência ao perceber que, mesmo que não se reconheça ou não seja estimado, existe “no cotidiano uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que os sujeitos realizam e que estão ancoradas, sobretudo, nos referenciais e na história de vida das pessoas” (SOUZA, 2016, p. 70). Além disso, o fato de entender que não basta somente escrever e ler, isto é, ter domínio do sistema alfabético, foi uma das marcantes reviravoltas para a mudança no entendimento da escrita e da leitura. Dessa maneira, “o salto qualitativo dos estudos do letramento resgatou um dos aspectos fundamentais para a compreensão dessas duas habilidades relevantes para a socialização, intervenção transformação da cidadania: a práxis social do ato de ler e escrever” (CRUZ, 2016, p. 65).

Então, a pesquisadora nomeia como letramentos de reexistência as práticas de ressignificação de identidades dos sujeitos no cotidiano da construção de conhecimentos. As práticas de letramentos de reexistência se tornam, portanto, práticas de reinvenção dos modos de ser e estar no mundo por meio da linguagem. Dessa forma a categoria “reexistência” é usada fundamentada num ponto de vista sócio-histórico, conforme os estudos bakhtinianos de linguagem e os questionamentos referentes aos letramentos múltiplos e heterogêneos (KLEIMAN, 1995; BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000; ROJO, 2009; SOUZA, 2009, 2011).

Como também, os estudos de identidades e cultura segundo Hall (2000) e os conhecimentos acerca da educação da população negra no Brasil (BARROS, 2005, 2016; FONSECA, 2005, 2016; ROMÃO, 2005; CUNHA, 2005; CARDOSO, 2005; CRUZ, 2005). Por causa da omissão dos valores, da história e da cultura negra nas práticas escolares, hoje, diversos estudos têm demonstrado que a grande maioria de negras e negros reconhecem a vivência na escola como algo distorcido, distante de sua práxis, que se realiza a partir da ausência de representatividade e do pertencimento sócio-histórico cultural.

Por isso mesmo, tenho defendido que entrar no universo de letramento escolar – uma das esferas sociais mais importantes da vida, pois passamos lá boa parte de nossa existência –, não pode significar “sair da vida”, e, sim, espaço de articulação, de valorizar experiências educativas das quais os sujeitos participam para além da escola, no cotidiano e em outros espaços de sociabilidade como os movimentos sociais negros. (SOUZA, 2016, p. 69)

Portanto, Souza (2016) categoriza o letramento como de reexistência ao destacar que as nossas práticas sociais de uso da linguagem se sustentam principalmente na história de vida das pessoas e nas suas referências, mesmo que não notemos ou não as olhemos devidamente.

Dessa forma, entendemos que o letramento de reexistência se ancora em três prismas: as vivências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais; os letramentos escolares e não escolares; as práticas de usos de linguagem associadas ao momento atual, como os movimentos sociais, a política, etc. Ainda, esses prismas podem estar em esferas sociais diferentes. Por isso, a pesquisadora relata que um dos desafios emergentes das instituições escolares é contemplar as múltiplas e dinâmicas formas de uso social da linguagem, implementando um elo entre o que está no interior e o que está no exterior da sala de aula, de modo a reconhecer as diversas identidades e vozes que rodeiam os espaços educativos (SOUZA, 2009, p.188).

No início do século XXI, as discussões referentes aos letramentos, a escola e aos estudos sobre educação da população negra ganhou uma ênfase a partir da aprovação da Lei no 10.639/03 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) –, que insere no currículo oficial das instituições de ensino básico das redes pública e privada do país a obrigatoriedade de estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira. Vejamos:

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro

na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. § 3º (VETADO)" "Art. 79-A. (VETADO)" "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Percebemos então que o desafio é imenso, afinal, “independente de conteúdos, matérias, disciplinas e áreas de conhecimento, o que está no centro da discussão são os usos da linguagem no cotidiano” (SOUZA, 2016, p 71). Nesse sentido, nas práticas sociais dos sujeitos podem se revelar traços de um lugar de práticas comprometidas e engajadas, como também, aspectos do racismo e seus efeitos, tais como, discriminações e preconceitos.

Conforme mencionamos, proferir sobre o letramento de reexistência acarreta pensar as práticas de letramentos realizadas em âmbito não escolar, estabelecidas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos. E além do mais, refletir os aspectos que atingem o histórico do letramento da população negra no Brasil, influenciando nas trajetórias individuais de usos sociais da linguagem.

O cerne desta pesquisa está centrada na análise dos discursos de um grupo, ou como denominado, um coletivo cultural, engajado no movimento social da prática do *rap*. Esses jovens são predominantemente negros e desenvolvem ações de várias formas nos quais suas práticas envolvem a escrita, a leitura e a oralidade, e a partir disso, demonstram “padrões singulares de uso da linguagem em suas mais diferentes modalidades” (SOUZA, 2016, p 71).

Conseguimos averiguar o prisma educacional ao nos debruçarmos as práticas sociais dos jovens *rappers* tais como; a produção de canções autorais fazendo uso de dicionários para a busca de (novas) palavras/significados e de livros para abranger seu conhecimento, e, a organização e realização de saraus, batalhas e oficinas. Essas ações acontecem em diversos âmbitos sociais, acarretando “destaque à juventude negra e, não raras vezes, causam um estranhamento em olhares acostumados a não enxergar, positivar e legitimar as práticas de letramento de grupos juvenis” (SOUZA, 2016, p 72).

Uma maneira de educar a partir da vida dos sujeitos é por meio de um ensino que reconheça suas vidas em sua plenitude, sua história, seus costumes, e, a construção de conhecimentos dos sujeitos a partir da realização de suas práticas

cotidianas. Em vista disso, é necessário pontuar que resistir não é apenas sobreviver e endurecer, é resistir existindo de um novo jeito, em harmonia com as práticas vivenciadas e com as histórias de vida que estão sendo tecidas.

4 POR UMA PRAGMÁTICA CULTURAL NOS ESTUDOS CRÍTICOS DA LINGUAGEM

É preciso olhar para nossas vivências linguísticas cotidianas, nas quais as nossas gramáticas culturais são historicamente construídas em diversos jogos de linguagem (ALENCAR, 2017, p. 103).

Pensando sobre as vivências dos sujeitos que constroem suas gramáticas culturais por meio dos diversos jogos de linguagem, é que nesta seção, discutiremos sobre o conceito e a relação que a Pragmática Cultural (NOGUEIRA DE ALENCAR, 2009) tem com a pesquisa. Nossa trajetória percorre desde a compreensão de pragmática enquanto uso social da linguagem, perpassando pelos estudos filosóficos de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) que se discute como “estruturado” em duas fases relacionado a suas duas obras; “Tractatus Logico-Philosophicus” (1917) e “Investigações Filosóficas” (1999). E por fim, chegamos à Pragmática Cultural, que entende a práxis, o uso da linguagem em seu contexto sociocultural.

Tendo em vista tais aspectos, iniciaremos por versar que a Pragmática se desencadeia passeando entre a Filosofia e a Linguística, pois o aspecto pragmático da linguagem se inicia fora da Linguística, no uso social. Assim, sem saber o limite entre Filosofia e Linguística, entendemos a Pragmática como um campo híbrido de investigação. Então, “a linha divisória que separa os linguistas que se interessam pela questão da significação e os filósofos que se interessam pela linguagem está se tornando cada vez mais tênue” (RAJAGOPALAN, 1996 p.106). Contudo, esclarecemos que há alguns preceitos integrados ao ato de jogar os jogos de linguagens da pesquisa em pragmática, que é uma forma de vida. Com base nisso, “[...] a interação linguística concreta de pessoas reais [...]” (ALENCAR, 2009b, p. 3) nos faz entender a vinculação das formas de vidas e jogos de linguagem com a Pragmática.

Diante disso, para explanar esse vínculo, precisamos nos situar ao século XX em que Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um dos filósofos mais importantes porque suas obras desencadearam duas grandes reviravoltas na Filosofia e na Linguística. A primeira “Tractatus Logico-Philosophicus” (1917) e a segunda, “Investigações Filosóficas” (1999). Denominado de primeira e segunda fase de Wittgenstein, respectivamente cada fase a sequência de publicação das obras, os

estudiosos brasileiros tais como Oliveira (2006); Martins (2000) e Araújo (2004) esclarecem que, na primeira fase, havia uma concepção representacionista da linguagem, assim, o sentido da palavra é estabelecido porque há objetos que elas designam. Em relação à segunda fase, referente à obra *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein pontua que o sentido das palavras não mais resultam de uma relação entre linguagem, palavra e mundo, e sim da práxis, de seus usos na linguagem cotidiana nos diferentes jogos de linguagem. Assim, o autor declara que “representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1989, p.15).

Nesse sentido, propõe que a linguagem seja notada como uma atividade, de fato, humana, ou seja, uma forma de vida. Portanto, a linguagem é uma forma de ação social e não se reduz apenas a ferramentas nem a signos para estabelecer a comunicação, pois essa ação se realiza em um jogo de linguagem que são materializadores de formas de vida. Nesse sentido, os jogos de linguagem têm suas regras estabelecidas socialmente, por isso, as ações não ocorrem de forma aleatória. Então: o que seriam essas regras?

Será que aqui a analogia da linguagem com o jogo não nos será esclarecedora? Podemos muito bem imaginar que pessoas se divertem num campo jogando bola e de tal modo que comecem diferentes jogos existentes, não joguem muitos deles até o fim, atirem a bola entrementes para o alto ao acaso, persigam-se mutuamente por brincadeira, atirando a bola, etc. Então alguém diz: durante todo o tempo aquelas pessoas jogaram um jogo e se comportaram, a cada jogada, segundo determinadas regras (WITTGENSTEIN, 1989, p. 46).

Considerando que quem joga o jogo somos nós, entendemos que também somos os estabelecadores das regras que são construídas e compreendidas enquanto um saber aprendido socialmente a partir de suas próprias vivências, experiências cotidianas. Então, ao proferir algo, nós não só dizemos este algo, mas uma vez que dizemos, realizamos algum tipo de ação social. Isto é, “nosso ato de falar é uma forma de realizarmos ações. Ações que se manifestam nas e em linguagens” (BONFIM, 2011, p. 54, grifos do autor).

Além disso, no início do mesmo século, o filósofo J. L. Austin desenvolveu estudos a partir de indagações tais como; Dizer algo é fazer algo? Até que ponto falar é agir? Perguntas como estas resultaram na produção da “Teoria dos Atos de Fala” com base na noção de linguagem semelhante à da filosofia da linguagem

wittgensteiniana. Para Austin, as questões surgiram advindas da forma como a linguagem era compreendida pelos linguistas e filósofos de sua época. Ainda que Wittgenstein tivesse exposto que o significado das palavras é o seu uso nos diversos jogos de linguagem, assim estabelecendo a linguagem uma forma de vida, vários estudiosos ainda se amparavam na teoria tradicional da linguagem, que defende a linguagem como essencialmente descritiva.

Respondendo a essa perspectiva, Austin (1990, p. 23) relata que “Nem todas as declarações verdadeiras ou falsas são descrições”. Ou seja, a linguagem não se restringe a sua função designativa. Em outras palavras, descrever é somente uma das funções da linguagem, não a única. E para especificar sua Filosofia da Linguagem Ordinária, o pesquisador lança uma distinção entre enunciados constataativos que são aqueles de pura constatação de fato. “Mas além desses enunciados há outros, que não constata fatos ou ações, mas, antes, eles mesmos executam uma ação, fazem parte de sua operação” (OLIVEIRA, 2006, p. 152), que são os atos performativos.

Dessa forma, Austin situa a linguagem humana no seio do processo comunicativo, nos revelando que, ao dizer algo, nós não só dizemos, mas fazemos este algo. Afinal, os atos que realizamos, por meio dos enunciados performativos, executam ações convencionais, ou seja, são executadas na medida em que cumprem normas estabelecidas. E a partir disso, os atos cumprem normas intersubjetivas para se estabelecer e não é a intenção do sujeito que estabelece o ato. Portanto, devemos levar em consideração toda a situação na qual a expressão linguística ocorre, “[a]lém do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação” (AUSTIN, 1990, p. 30), então, para que os atos possam ser executados, é preciso certas condições sociais.

Ainda, em busca de responder as indagações que lhes rodeiam, o teórico/filósofo desenvolve o ato de fala, que se constitui em três dimensões que acontecem simultaneamente. O ato locucionário, é o ato de dizer algo, a totalidade da ação, realizando os sons pertencentes a um vocabulário e a articulação entre a sintaxe e a semântica; o ato ilocucionário diz respeito ao ato de dizer algo que fazemos também algo, ou seja, é o ato que se executa na medida em que se diz algo. E, por fim, o ato perlocucionário que é o fato de provocar por meio de

expressões linguísticas certos efeitos tais como pensamentos, sentimentos e ações de outras pessoas.

Depois de realizado esses estudos, podemos dizer que a discussão de Austin vai percorrendo para, enfim, ascender em uma “visão performativa da linguagem”, pois, se todo ato de fala não só realiza uma ação, como é a própria ação, a distinção entre enunciados constatativos e performativos proposta por Austin, não mais se sustenta. Quer dizer, Austin revelou que a linguagem sempre foi e sempre será performativa, no sentido de ser movimento, ação, forma de vida humana, e não um instrumento produzido apenas para descrever a realidade.

A partir desse panorama, esses estudos da linguagem operam uma segunda “reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea” (OLIVEIRA, 2006). Isso, pois, Wittgenstein com os jogos de linguagem já havia desencadeado uma primeira reviravolta. No entanto, é Austin que irá refletir sobre a linguagem humana de forma impossível de ser segregada.

Portanto, assim observamos que Austin suscitou uma reviravolta enorme tanto na Linguística, como na Filosofia, especialmente na área da Pragmática, com sua visão performativa da linguagem. Com o precoce falecimento de Austin, John R. Searle se responsabiliza por divulgar seus estudos a partir de sua perspectiva, publicando em 1969, sua obra “Speech Acts – An Essay in the Philosophy of Language” (Os atos de fala – Um Ensaio de Filosofia da Linguagem), que teve grande influência na Linguística. Entretanto, não é que Searle tenha dado continuidade à teoria dos atos de fala, pois, em relação a isso, existem divergências porque há quem diga que ele foi um “anti-Austin” (Cf. ALENCAR, 2005), pois, ao invés de anunciar de fato os estudos e as concepções austinianas sobre a linguagem, Searle lançou mão de uma outra leitura que agregou toda a pesquisa austiniana no terreno dos atos de fala ao modelo de gramática em ascendente naquela época, década de 70, ou seja, a Gramática Gerativo Transformacional.

Melhor dizendo, Searle reformulou a teoria dos atos de fala de Austin, de tal forma que a linguagem voltou a ser entendida enquanto uma mera ferramenta de comunicação. Entretanto, atualmente já existem muitos estudos que buscam uma leitura alternativa, ou, uma leitura austiniana de Austin (ALENCAR, 2009b; FERREIRA, 2007; PINTO, 2002, 2009; SILVA, 2005, 2010, RAJAGOPALAN, 2010, dentre outros). Essas pesquisas podem ser vistas como formadoras de uma “Nova Pragmática”, expondo que a linguagem será uma forma de ação social sempre,

práxis entre outras práxis. Nesse segmento, podemos afirmar que a concepção de linguagem acurada por Austin se relaciona à perspectiva wittgensteiniana, tendo em vista que as duas abordagens entendem que a linguagem é, foi e sempre será movimento, ação, forma de vida humana, sendo a linguagem inseparável da fala, do corpo, da imagem, dos gestos.

Assim, a construção dos sentidos para esta abordagem linguística se realiza pela integração destas dimensões comunicativas e não em uma concepção segregacionista, em que o domínio linguístico e o extralinguístico ficam distantes, de “lados opostos”. Portanto, os atos de fala do agir realizado pelos sujeitos participantes de um certo jogo de linguagem, em uma abordagem de Pragmática Cultural, são idealizados como a materialização da integração dos aspectos verbais e os ditos não-verbais.

Dito de outra forma, o ato de um MC proferir palavras como “Fora Temer/ *rap* na periferia é mais saúde, educação e moradia” e o ato do mesmo sujeito, desenvolver oficinas de *rap* e poesia voluntariamente na sua comunidade, consideramos uma forma integrada nesta pesquisa, como atos de fala, pois o *rapper* anuncia suas questões e age (ao realizar oficinas) de acordo com suas significações enunciativas. Afinal, é impossível investigar a linguagem de forma segregada, até porque “[...] nós não podemos praticar um conhecimento linguístico segregado de um conhecimento extralinguístico. Os dois domínios são integrados de um modo altamente complexo e não segregados, como sempre defendeu a linguística nos moldes saussureanos” (ALENCAR, 2009a, p. 80).

Para prosseguirmos, nos apoiamos nessa perspectiva por entender que “o estudo da integração entre os dois domínios [linguístico e extralinguístico] e sua complexidade é o próprio estudo da linguagem: não há outro” (ALENCAR, 2009a, p. 80-81). Assim, lembramos que o objetivo embrionário desta investigação em Pragmática Cultural é compreender os signos ideológicos dos discursos dos MCs em seus letramentos de reexistência por meio dos jogos de linguagem constituintes das formas de vida vivenciadas por estes sujeitos, dentre elas, a batalha, o sarau e as oficinas. Então, entendemos que nós nos constituímos enquanto sujeitos na e a partir da linguagem, falando e agindo. Portanto, “somos seres linguísticos, seres que exigem a linguagem em uma ordem para existir” (ALENCAR, 2009b, p. 13).

Destaco então que a Pragmática Cultural é uma pragmática linguística orientada para o debate sobre aspectos políticos e éticos da linguagem. Uma

pragmática histórica e discursiva, direcionada para uma linguagem como práxis, preocupada com as práticas do trabalho do linguísta para/na sociedade. Dessa forma, se estabelecendo como uma pragmática que entende “que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas.” (ALENCAR, 2009b, p. 3). Deve-se esclarecer que os sujeitos desta pragmática “[...] são compreendidos como situados historicamente considerados como, ao mesmo tempo, singulares e sociais, capazes de intervir no mundo através de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem [...]” (idem). Assim sendo, a pesquisadora diz que:

A Pragmática Cultural pretende ser um instrumental de trabalho para a pesquisa linguística que permita pensar questões sobre o entendimento de nossa própria responsabilidade linguística, da relevância social do nosso trabalho, das relações entre linguagem e nossas formas de vida cultural. (ALENCAR, 2009b, p. 3).

O conceito de Pragmática Cultural foi desenvolvido por Nogueira de Alencar⁴ (2009) ao propor, em suas pesquisas, a necessidade de analisar as práticas culturais como jogos de linguagem. Esse conceito é percebido pela autora a partir de seu contato com a noção wittgensteiniana de jogos de linguagem, na qual ela procura perceber a Pragmática Cultural como ponte entre a Pragmática, que entende a linguagem como um modo de ação humana, e a Antropologia Linguística, que tem como objetivo compreender as problemáticas que se estabelecem entre linguagem e cultura. De acordo com Alencar (2013), a Pragmática Cultural:

procura entender o lugar da linguagem na constituição histórica de problemas sociais, políticos, econômico-culturais provenientes da lógica de violência do sistema mundo capitalista, colonial e patriarcal. Para este entendimento precisamos olhar para nossas vivências linguísticas cotidianas, em que nossas gramáticas culturais são historicamente construídas em diversos jogos de linguagem (ALENCAR, 2013, p.03-04).

De maneira ampla, esse modo de fazer pragmática tem uma aflição focada nas relações entre linguagem, cultura e poder, advindo daí o uso do adjetivo “cultural”. Esse posicionamento da pragmática parte do discernimento do lugar constitutivo da cultura na vida social e concebe “que todo ato de fala e todo sentido é

⁴ A autora possui publicações tanto com autoria Nogueira de Alencar como Alencar, por isso as diferentes referências.

historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas”. (ALENCAR, 2009b, p. 3).

Como se percebe, as noções de jogo de linguagem e ato de fala são empregadas nessa questão de forma articulada e atrelada a investigações antropológicas. Para suceder uma pesquisa linguística que disponha pensar as questões sociais, políticas e econômicas como próprias de nossas linguagens, de nossas formas de vida cotidiana (ALENCAR, 2009b), a Pragmática Cultural tem incitado também as formas de saber da Antropologia. Nessa percepção, com base numa visão antropológica da noção de jogos de linguagem proposta por Alencar (2014) mostra que nossas vivências culturais são um jogo de linguagem. Assim, percebemos que os estudos em Pragmática Cultural têm contribuído para uma perspectiva antropológica dos conceitos pragmáticos basilares. E assim, mudando consideravelmente o que compreendemos por linguagem, afinal nessa abordagem “os elementos do mundo (o chamado extralinguístico) são constitutivos da linguagem, ou melhor, sujeitos, instituições, ideologias, tempo e espaço não são externos à linguagem, mas delimitados e específicos a determinados jogos de linguagem” (ALENCAR, 2013, p. 04).

Desse modo, a Pragmática Cultural pensa a linguagem enquanto práxis sociocultural, em que os sujeitos estão comprometidos com suas ações linguísticas e sociais no cotidiano. Ao adotar essa concepção em nossa análise linguística, assumimos a importância de voltar os estudos pragmáticos para o cotidiano dos MCs, para a língua no seu uso, levando em consideração a interação linguística que se dá entre pessoas dentro da realidade social em que vivem. Nosso estudo acerca das práticas de letramentos de reexistência dos MCs ao agir no universo do *rap* está relacionado às ideias presentes na Pragmática Cultural. Assim, buscaremos compreender como acontece a prática social partindo da perspectiva de um sujeito que viveu - e ainda vive - em uma realidade social situada e que carrega consigo uma história que deve ser narrada e ouvida pela sociedade. Afinal, esse é o caminho que nos permite evidenciar que a linguagem implica não só nas ações dos sujeitos, como também nos fatores sociais, culturais e políticos da sociedade. Nessa acepção, segundo Alencar (2017, p. 103):

A pragmática cultural pretende olhar as linguagens das práticas culturais e sua historicidade gramatical, vivências intersubjetivas específicas ao cotidiano dos sujeitos reais, para assim tentar transpor o reducionismo econômico e o reducionismo cultural, por meio da compreensão da experiência linguística dos oprimidos, de sua palavra-vida.

Além disso, Alencar (2015b) defende que a Pragmática Cultural deve se voltar para o cotidiano, para as vivências culturais e para os jogos de linguagem. Mais que isso: a autora reivindica por uma pragmática que radicalize a ideia de que linguagem é ação, em todas as suas implicações políticas. Portanto, a Pragmática Cultural, para Alencar (2015b), é uma proposta de pesquisa linguística interventora, que procura dialogar, quebrando as barreiras que separam a academia das práticas e saberes culturais e populares.

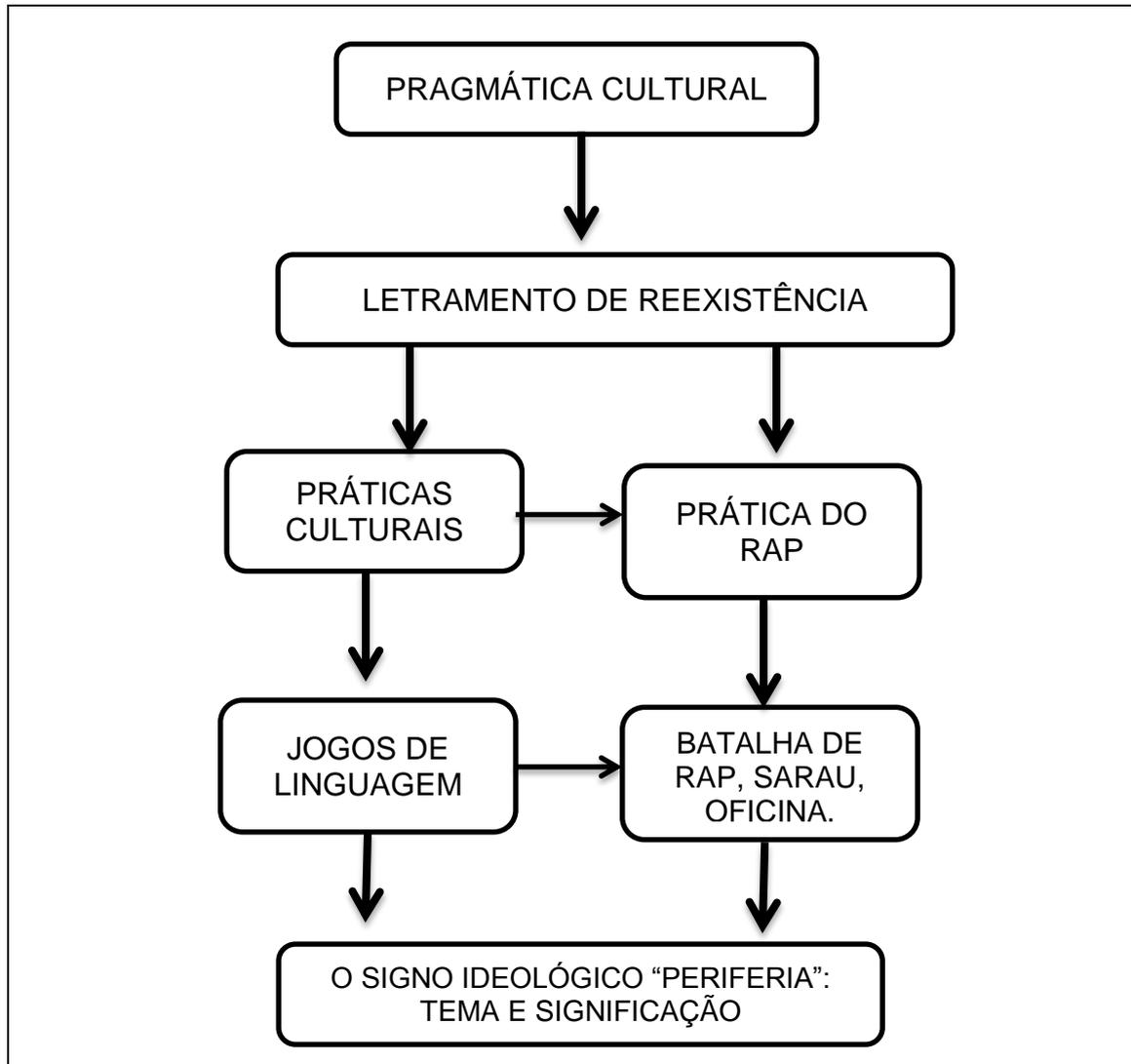
Retomando a visada antropológica nas pesquisas pragmáticas, é relevante reportar-se às contribuições da Antropologia Linguística no Brasil que têm perpassado tanto pela Linguística Aplicada como pela Nova Pragmática. (Cf. SIGNORINI, 2008, MOITA LOPES, 2013, SILVA, 2015). Se a Nova Pragmática reivindica-se como uma “perspectiva de/sobre linguagem”, a Pragmática Cultural se apresenta enquanto um entre tantos outros modos de praticá-la. Nesse sentido, ao discutir formas de usar as categorias pragmáticas como ato de fala e jogos de linguagem, a Pragmática Cultural radicaliza e amplia a tese da linguagem como ação e o faz através de uma “visada antropológica”, “descendo ao campo” (ALENCAR, 2014, p.82) através da articulação entre Pragmática e etnografia, para investigar, não apenas a linguagem como ação, mas como processo.

Portanto, nesta seção, apresentamos brevemente a Pragmática situada na interface Filosofia/Linguística de um campo de estudo híbrido da linguagem. A partir disso, entendemos a existência de pragmáticas, no plural, pois advinda dos estudos de Austin e Wittgenstein a Pragmática Cultural, nos mostra a possibilidade de uma análise dos atos de fala a partir dos jogos de linguagem. Para isso, consideramos o ato de fala como a materialização da integração dos aspectos linguísticos e extralinguísticos das ações realizadas por sujeitos situados em um determinado jogo de linguagem.

Diante dessas considerações, a fim de situarmos os leitores sobre nosso campo de pesquisa, reservamos, ainda, um espaço para a exposição de um quadro didático elaborado por nós como forma estratégica de compreender a relação entre

a Pragmática Cultural e os letramentos de reexistência do *rap* a partir dessa síntese. Vejamo-lo:

Quadro 1 – Síntese da relação entre a Pragmática Cultural e os letramentos de reexistência do *rap*



Fonte: Elaborado pela autora.

5 O CÍRCULO BAKHTINIANO E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD)

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (BAKHTIN, 2015, p. 210, grifo do autor).

Nesse capítulo, decidimos abordar o conceito de signo ideológico junto com as noções de relações dialógicas, significação e tema de acordo com a concepção bakhtiniana, visto que esses conceitos são basilares no pensamento do Círculo Bakhtiniano e darão subsídios para a construção de nossa pesquisa.

Para tanto, com objetivo de situarmos as explorações a respeito das categorias fundamentais do pensamento bakhtiniano que nos darão subsídios para realizar nossa pesquisa, dividiremos a presente seção em três subseções: na primeira, nosso foco se dará em torno de uma das principais noções do pensamento bakhtiniano, o signo ideológico, pois, para Bakhtin e os demais membros do Círculo, o signo ideológico carrega acentos de valor de um determinado sujeito, o qual está inserido em um contexto sócio-histórico-ideológico, refletindo e refratando a realidade social. Na segunda, trataremos das relações dialógicas, por meio das quais pretendemos discorrer, mais amplamente, e mostrar como os enunciados respondem e suscitam outros dizeres, ou seja, as relações de sentidos estabelecidas entre enunciados. Já na terceira e última subseção, expandiremos as nossas reflexões acerca das categorias significação e tema na língua e no discurso para entender o sentido mais estabilizado dos signos sem separar da situação concreta em que se realiza uma enunciação.

5.1 O SIGNO IDEOLÓGICO NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA

O Círculo de Bakhtin refere-se a um grupo de estudiosos russos de diversas áreas, que se reuniam informalmente na Universidade de São Petersburgo, no início do século XX, para discutir, dentre outros assuntos, Filosofia e Linguística. Organizado desde 1911-1912, o grupo teve como representantes principais Mikhail Mikhailovich Bakhtin, Pavel Nikolaevich Medvedev e Valentin Nikolaevich Volóchinov. Na época, os estudiosos do Círculo se voltaram para o estudo da

linguagem na relação social dos sujeitos nas atividades humanas interacionistas, selecionando a linguagem em uso como seu principal objeto de estudo; diferenciando-se, por exemplo, do pensamento estruturalista de Ferdinand de Saussure – em evidência no âmbito dos estudos da linguística àquela época –, que propunha estudar a língua de forma isolada, sem relação com o social.

O Círculo de Bakhtin elaborou um vasto (e denso) arcabouço teórico e, no conjunto dessas elaborações teóricas, destaca-se o conceito de signo que, “a priori”, está ancorado na ideologia, pois, para os autores, todo signo é ideológico e a ideologia é o reflexo das estruturas sociais; assim, de acordo com os pensadores, o signo é de natureza social e qualquer modificação na sociedade proporciona uma modificação no signo.

No que concerne ao dialogismo, conforme Fiorin (2006), podemos entendê-lo como as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Assim sendo, “todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos” (FIORIN, 2006, p. 19). Isso porque, para o pensamento do Círculo Bakhtiniano, todo discurso é atravessado e ocupado pelo discurso alheio; afinal, para construir seu discurso, o enunciatador considera o discurso de outrem, que se faz presente no seu. Trataremos do dialogismo de maneira mais detida, na subseção a seguir, por meio das relações dialógicas.

Com base nesses estudos, é necessário afirmar que “o tema e a forma do signo ideológico estão ligados entre si de modo indissolúvel” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112). Com efeito, como pontua Volóchinov (2017, p. 99), “o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela”, portanto, o uso de certos signos denota a ideologia que interpela e emerge na linguagem do sujeito. Tendo em vista essas ideias, pretendemos, então, mostrar, aos leitores, que, a partir dos signos ideológicos dos MCs, teremos representações do âmbito discursivo em que esses sujeitos estão inseridos, já que “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

À vista disso, salientamos, ainda, que o pensamento do Círculo de Bakhtin, em especial na obra de Volóchinov (2017), fundamenta-se na noção de que os signos, tanto verbais quanto visuais e verbo-visuais, são revestidos por elementos ideológicos e valorativos, de forma que o signo não corresponde à

neutralidade⁵. Afinal, “onde há signo há também ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Nessa abordagem, os signos são percebidos como um material linguístico e ideológico em que os enunciadores inscrevem acentos apreciativos e também como uma arena em que se desenvolvem as lutas de classes, de modo que os grupos sociais estão, continuamente, em disputas para o estabelecimento dos sentidos. Ou seja,

A existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico?
 – O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, isto é, a luta de classes. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112).

Dessa forma, decidimos nos apropriar da abordagem bakhtiniana pelo fato de que essa teoria se importa com as relações que se estabelecem entre signo e ideologia e apresenta uma preocupação multissemiótica, levando em consideração, não apenas materiais verbais, mas também, por exemplo, materiais visuais e verbo-visuais e refletindo sobre de que forma o material sógnico veicula determinadas orientações ideológicas.

Os sentidos são construídos através da associação entre a dimensão verbal e a dimensão visual; assim, ocorre uma relação entre o verbal e o não verbal, em que ambos se apoiam um no outro, conferindo sentidos.

5.2 RELAÇÕES DIALÓGICAS

Para versar sobre as relações dialógicas, temos que dialogar com a obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* de Bakhtin (2015), que irá discutir a proposta de uma Metalinguística interpretada por Brait (2014) como uma teoria/análise dialógica do discurso. Primeiramente, Bakhtin (2015) faz um paralelo entre a Linguística e a Metalinguística, em que uma não considera os aspectos externos, e que a outra vai dar importância não somente a esses fatores externos abstraídos pela Linguística, mas principalmente a eles. Apesar das diferentes maneiras de

⁵ Entendemos que o signo não é neutro porque ele é interindividual e formado por várias vozes sociais, dotadas de posicionamentos valorativos, que o utilizam e já o utilizaram durante a história. Contudo, o signo também pode ser neutro em relação a uma função ideológica. Por exemplo, dependendo da maneira como uma palavra aparece em um enunciado e do contexto, ela pode assumir uma função ideológica específica.

lançarem seus olhares, a Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno, o discurso, que é complexo, multifacetário e concreto.

Contudo, ainda segundo o filósofo, as relações dialógicas são o objeto de estudo da Metalinguística, detendo-se especialmente sobre as unidades reais de comunicação da língua. Ou seja, a Metalinguística analisa as relações dialógicas entre enunciados, isto é, a língua em funcionamento, e não somente as relações lógicas estabelecidas no sistema linguístico. Por isso, é impossível haver relações dialógicas entre elementos no sistema da língua, pois possuem caráter extralinguístico e se situam no campo do discurso, tornando-os inseparáveis. Nesse sentido, Bakhtin (2015) afirma que as relações dialógicas:

se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas (BAKHTIN, 2015, p. 209).

Dessa forma, o Círculo Bakhtiniano visava examinar os atos linguísticos contemplando todos os aspectos sociais, tudo aquilo que atravessa e envolve certo discurso em um dado momento. Por conseguinte, vemos que Bakhtin e seu Círculo sugerem o dialogismo alicerçado na noção de que a linguagem é socialmente constituída, e que deve ser explorada levando-se em consideração, por exemplo, aspectos históricos, culturais, políticos, ideológicos e a variedade de significados das palavras. Dessa forma, com base em Bakhtin (1988), entendemos que a natureza dialógica do discurso apresenta-se:

[...] naturalmente [como] um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1988, p. 88).

Desse modo, é imprescindível salientar que não se analisa o dialogismo em si. Na realidade, o dialogismo revela-se no discurso deixando marcas⁶, pois, este

⁶ Contudo, nem sempre as marcas são deixadas, pois existem dois tipos de dialogismo: o implícito, que não se mostra, porque, no entendimento do Círculo de Bakhtin a linguagem é dialógica por natureza; e o que se mostra na malha discursiva por meio da paródia, do discurso citado.

é tido como princípio constitutivo da linguagem. Portanto, o que se estuda são as relações estabelecidas no campo do discurso que tem o dialogismo como seu constituidor e fundador. As relações dialógicas não são percepções sem marcas de sua ocorrência, apenas subjetivas, e também não provêm apenas de meros arranjos logicamente produzidos, como são os linguísticos. Ou seja, a língua viva e utilizada em contextos reais e concretos, cercada de tensões e significados, é que possui valor como objeto de estudo para a Metalinguística.

Brait (1997, p. 98), indo ao encontro das ideias do Círculo Bakhtiniano, afirma que podemos compreender o dialogismo como “o diálogo, nem sempre harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade; é um dito que responde a ditos anteriores e necessita de respostas futuras”, seja aceitando, negando ou transformando o discurso anterior por outros discursos presentes na vida social. Nesse sentido, os juízos de valor manifestos emitidos nos jogos de linguagem confirmam valores, princípios e normas aceitos pela comunidade ao indicarem, ou sugerirem, como a pessoa deve se portar no âmbito social.

Assim, na concepção do Círculo Bakhtiniano, o dialogismo pode ser percebido, por exemplo, como a voz de um sujeito que se insere no discurso de um outro sujeito, configurando uma espécie de discurso dentro do discurso. Colaborando com essa ideia, Fiorin (2006, p. 19) afirma que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”, ou seja, o discurso do sujeito é resultante de várias vozes sociais interligadas, pois todo discurso é construído a partir do que outros sujeitos disseram sobre determinado objeto. Em linhas gerais, podemos entender o dialogismo como as relações de sentido que se estabelecem entre dois ou mais enunciados. Faz-se pertinente ressaltar, tomando como base Fiorin (2006, p. 21), que “o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados”.

Convergindo com esse pensamento, Bakhtin (2011) assevera que o enunciado é a unidade da comunicação verbal. Logo, a noção de enunciado considera todo o contexto e as condições que levaram ou influenciaram, de alguma maneira, para que aquele enunciado tenha sido proferido como tal. Além disso, cada enunciado é um elo em uma cadeia complexa de outros enunciados. É por remeter,

constantemente, a outros dizeres que os enunciados são dialógicos; nenhum deles existe em si mesmo. Quer dizer,

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 296-297).

À vista disso, fascina-nos a linguagem em uso, suas entonações e valorações, porque é esta linguagem que nos revela as “vozes” que ela carrega. Então, temos ciência de que fazer uma análise translinguística/dialógica é valorizar a historicidade do enunciado, isto é, ao realizar uma análise à luz da perspectiva bakhtiniana, são considerados não apenas as unidades linguísticas que fazem parte dos discurso/enunciados, mas a enunciação – as condições de produção destes – também. Entendendo, pois, dessa forma, é correto afirmar que, se todo discurso é dialógico, todo discurso é também histórico.

Sendo assim, por meio do dialogismo, é possível certificar a presença de vozes sociais conflitantes na arena de lutas de sentido do discurso. O Círculo de Bakhtin, em suas obras, referem-se à arena como um lugar de disputa de sentidos, onde os valores sociais contraditórios se confrontam, ou seja, para Volóchinov (2017, p. 140), “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate.”. São essas vozes sociais, situadas em diferentes tempos e espaços e repletas de ideologias diversificadas, que produzem sentidos e se relacionam com o discurso produzido, permitindo-nos compreender a história que o atravessa.

Diante disso, podemos entender que o enunciado é pensado e compreendido nas suas relações dialógicas e que todo discurso é revalorado, reacentuado, por diferentes sujeitos em diferentes situações de interações sociais. Em outras palavras, os enunciados trazem marcas ideológicas, valorações, traços individuais e pontos de vistas que se entrecruzam. Isso significa que os discursos e os enunciados estão em uma relação contínua com os discursos e os enunciados que lhe precederam, com aqueles que lhes são contemporâneos e com os que virão depois deles em um processo ininterrupto.

5.3 SIGNIFICAÇÃO E TEMA

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017), de Volóchinov, há um capítulo inteiramente destinado às explanações das categorias de significação e de tema. A partir dessa obra, podemos dizer que, de início, os autores tratam o termo *significação* como o modo genérico da capacidade de significar de um signo. Posteriormente, já no capítulo intitulado *Tema e significação na língua*, o estudioso aprofunda as discussões acerca das categorias nos explicando que, embora essas duas noções possuam definições diferentes, elas não podem ser investigadas separadamente, afinal, “não há tema sem significação, como não há significação sem tema” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

Inicialmente, é preciso compreender, de acordo com Volóchinov (2017), que o tema é uma categoria que dá o acabamento específico a um enunciado concreto, sendo ele o responsável pelos efeitos de sentido de um enunciado como um todo, que se realiza em uma situação histórica e concreta. Dessa forma, o tema é determinado não só pelos elementos verbais da enunciação, mas também pelos elementos não verbais da situação de interação. Ele é concreto, não reiterável, individual e “expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228).

Assim, sendo concebido como único e irrepitível, o tema de um enunciado está, intrinsecamente, ligado à situação histórica concreta de sua realização. Isso indica, então, que, por mais que um mesmo enunciado seja proferido pelo mesmo interlocutor, a situação histórica concreta de realização já não será mais a mesma; logo, há uma constante atualização temática. Em suma, o que se repete é a palavra, que pertence ao sistema da língua; o irrepitível, contudo, é a situação de interação, que confere a essa palavra significações distintas em cada um dos enunciados a depender do contexto situacional.

Trazendo essa noção para mais perto de nossa pesquisa, o tema pode ser observado a partir do estudo da fala dos MCs, bem como de seus gestos, timbre, pausas, ritmos, expressões faciais e corporais que assumem, maneira de vestir e de falar. Mesmo que sejam proferidas, por exemplo, as mesmas rimas pelos MCs, o tema desses enunciados é irrepitível porque as condições de sua enunciação sempre mudam. Portanto, um tema não se repete de uma enunciação a outra, e nunca pode ser delimitado exaustivamente.

Com relação à significação, Volóchinov (2017) a define como uma fase inferior da capacidade de significar de um signo; seria o sentido mais estabilizado que um signo possui. Ou seja, a significação constrói sentidos e esse sentido é assumido pelos elementos historicamente situados.

A significação de um enunciado é diferente a cada realização, a depender do contexto em que se realiza, ou seja, é inseparável da situação concreta de realização, do seu tema. Por isso, essa significação, mesmo sendo reiterável e idêntica a uma imensidão de enunciados, apresenta-se como instável, provisória, inusitada, parcial e inacabada. Assim, entendemos que, na realidade linguística, “a significação nada significa, mas possui apenas potência, uma possibilidade de significação dentro de um tema concreto” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 231).

Como foi colocado por Volóchinov (2017), significação e tema são indissociáveis e não existe demarcação de limites entre eles, contudo, como pudemos perceber, há distinções entre essas categorias “complementares”. Assim, enquanto a significação pode ser segmentada em elementos que a constrói, o tema é unitário e não pode ser separado ou segmentado. Ele precisa da significação para se realizar, uma vez que se apoia na estabilidade dela para estabelecer o elo com o que lhe precede e o que lhe sucede, caso contrário, o tema perderia seu sentido.

A partir de nossas reflexões, concluímos que, mesmo diante das distinções e explanações conceituais, é impossível estabelecer uma fronteira absoluta entre o tema e a significação, assim como também “[...] não é possível [...] mostrar a significação de uma palavra isolada [...] sem torná-la um elemento do tema, isto é, sem construir um enunciado – um “exemplo”.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

6 LINGUAGEM COMO AÇÃO: AS REGRAS DOS JOGOS DE LINGUAGEM WITTGENSTEINIANO

Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada. Dizemos que um jogo é jogado segundo uma regra determinada! Aprende-se o jogo observando como os outros jogam. Mas dizemos que se joga segundo esta ou aquela regra, porque um observador pode ler essas regras na *práxis* do jogo, como uma lei natural que as jogadas seguem (WITTGENSTEIN, 1999, p. 38, grifo do autor).

Para a realização da nossa pesquisa, nos alicerçamos nos estudos de Wittgenstein a partir de sua obra intitulada *Investigações Filosóficas* (1999), uma vez que, nela, o autor se debruça sobre os problemas da linguagem e sobre os estudos da pragmática. De acordo com esse importante viés, acreditamos que as reflexões desenvolvidas por Wittgenstein são essenciais para este trabalho. Dada a relevância teórica do autor, vemos que as noções de *formas de vida* e *jogos de linguagem* por ele desenvolvidas podem subsidiar o estabelecimento da compreensão da noção de linguagem como ação.

A obra citada anteriormente surgiu no percurso dos estudos da segunda perspectiva de Wittgenstein sobre a linguagem e seus significados. Contudo, vale destacar, o filósofo não pretendia criar outra “teoria” sobre o significado, mas propor que o significado de uma palavra não passa de um jogo em que se pede certa aproximação relativa a um uso na linguagem cotidiana (ARAÚJO, 2004). Para Wittgenstein (1999), o significado é seu uso na linguagem, assim, a significação linguística torna-se atributo de seu uso. Porém, é preciso frisar, toda e qualquer definição do significado de uma expressão em uso está vulnerável à desconstrução e à contestação, devido ao seu caráter provisório e à dependência das regras dos jogos de linguagem e dos contextos em questão.

Assim, entendemos que os significados nos jogos de linguagem passam a ser compreendidos e estabelecidos como sócio-historicamente situados. Portanto, o significado de um signo ideológico depende de seu uso estabelecido, ou seja, depende do tema de um enunciado proferido em uma situação específica. Assim, compreendemos, pois, que o sentido exato e estático, por exemplo, de um signo ideológico faz parte de um jogo orientado por regras. Isto posto, podemos entender

que a linguagem é uma atividade regida por regras, assim como um jogo, e que essas regras de uso da linguagem não determinam qual jogada terá êxito, mas sim o que faz sentido ou que é correto em determinado jogo (WITTGENSTEIN, 1999). Assim sendo, conforme o filósofo:

Podemos muito bem imaginar que pessoas se divertem num campo jogando bola e de tal modo que comecem diferentes jogos existentes, não joguem muitos deles até o fim, atirem a bola entrementes para o alto ao acaso, persigam-se mutuamente por brincadeira, atirando a bola, etc. Então alguém diz: durante todo o tempo aquelas pessoas jogaram um jogo e se comportaram, a cada jogada, segundo determinadas regras (WITTGENSTEIN, 1999, p. 46).

A filosofia da linguagem de Wittgenstein entende a linguagem como pública e construída no cotidiano, em que o significado atribuído às palavras adquire certa coerência e estabilidade pelas regras que governam seu funcionamento. Sua aprendizagem não é nenhuma explicação, mas sim um treinamento, a partir do qual a utilizamos em diferentes situações e contextos (WITTGENSTEIN, 1999).

Destacamos, ainda, que a função da linguagem é sempre imbricada em formas de vida de uma determinada comunidade à qual está agregada, pois, surgem regras diversas em contextos diversos para dar conta do processo de significação. Portanto, o sentido das enunciações linguísticas pode ser estabelecido somente em relação às regras de um determinado jogo de linguagem, ou seja, de um contexto.

Então, a construção da relação do homem com o mundo é sempre mediatizada pela linguagem nos suas mais variadas formas. Preocupado em “tomar” a linguagem mediadora da realidade, Wittgenstein desenvolve em seus últimos escritos possibilidades de usos efetivos da linguagem, sendo que as atividades de uso dos símbolos tem seu significado alicerçado nas "formas de vida". Afinal, estas criam as legítimas possibilidades para os "jogos de linguagem", e estes, por sua vez, traçam aquilo que pode ser dito, dentro de um ilimitado contexto.

Dessa maneira, a linguagem, neste caso, assume a autonomia e as regras trazidas do conceito jogo e se lança nas possibilidades dos usos efetivos da linguagem como um jogo, que são ancorados nas formas de vida, ou seja, em atividades que os seres humanos praticam no seu cotidiano.

Além disso, a metáfora "formas de vida" é usada pelo autor como um marco de transição no estudo da significado da linguagem, pois através dela, Wittgenstein restringe a atuação da linguagem transcendental desenvolvida na obra

Tractatus, para a significação da linguagem empírica em *Investigações Filosóficas* (1999). Em que, a linguagem passa a ser considerada como parte pertencente das formas de vida das pessoas, como comer, correr, andar, etc.

Portanto, as formas de vida as quais Wittgenstein se referencia em sua obra parecem estar diretamente ligadas ao modo cultural de viver das pessoas, a sua visão de mundo e a linguagem assumida por elas. Não em um sentido individualista, mas no sentido de um conjunto de atividades que as pessoas exercem e que estão diretamente ligadas aos seus modos de viver.

Dessa forma, entendemos que o pensador concebe sua filosofia sempre conectada com os acontecimentos cotidianos, ou seja, com a forma de viver. Assim, como vemos, é importante refletirmos, de modo aprofundado, sobre o processo de construção de sentido, que só se dá no uso, no agir do sujeito no mundo em um determinado jogo de linguagem, afinal, a linguagem não será compreendida somente a partir da diversidade de significado das palavras e enunciados. Os significados dos enunciados que emitimos antecedem a nossa ação no mundo e se encontram em constante processo de renegociação e ressignificação, em nosso dizer-fazer no ato interacional com o outro no aqui e agora.

Então, em nosso entendimento, a linguagem não é um instrumento usado para se referir ao mundo ou descrevê-lo, e sim uma esfera onde os sentidos sobre nossas subjetividades e nós mesmos são sustentados, (re)moldados e (re)feitos. Dito de outra forma, de acordo com Pennycook (2007), a linguagem é o lugar onde formas 'reais' e possíveis de organização social são definidas e contestadas.

Com a adequada ênfase para a palavra "forma", no que respeita aos objetos artísticos ou culturais, e aos valores a eles associados, sua significabilidade apenas se torna evidente mediante sua inserção no conjunto de hábitos, instituições e usos que são seu solo de origem, sua "forma de vida".

Desta maneira, temos como exemplo interpretativo, a seguinte situação; dois *rappers* estão se enfrentando em uma batalha de *rap*, mas um desconhece as regras do jogo de linguagem batalha de *rap*, então mesmo sabendo realizar a rima, improvisar e conhecer a temática do duelo, o *rapper* por não conhecer as regras do jogo não conseguirá jogar o jogo batalha de *rap*. Portanto, toda uma forma de vida esboça usos mais ou menos estabilizados em relação aos quais podemos elucidar um sentido para semelhante discernimento.

A trajetória teórico-metodológica referente à análise dos jogos de linguagem nos parece adequada à compreensão das ideologias que constroem o discurso dos jovens *rappers*, pois podemos perceber que as vivências dos MCs em suas práticas sociais estão sempre relacionadas às relações de poder e a todo âmbito social, histórico e cultural de que fazem parte as suas práticas discursivas. Em vista disso, compreendemos que agir nos jogos de linguagem é uma prática, é uma ação, ou seja, é jogando o jogo que se aprende como se joga e as regras pelas quais o jogo é regido. Assim, “a regra pode ser um auxílio no ensino do jogo. É comunicada àquele que aprende e sua aplicação é exercitada” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 38).

Então, os atos dos sujeitos não se constituem do nada, na verdade, eles se baseiam em referenciais iteráveis⁷ na sociedade e sua inserção contextual está sempre relacionada à subversão e à diferencialidade no instante da enunciação. Assim, é exatamente a possibilidade de repetição de um fragmento de linguagem, em diferentes circunstâncias, que torna possível o agir do sujeito no mundo em um jogo de linguagem específico. Nessa perspectiva, segundo Pennycook (2010, p. 47), os sujeitos recuperam significados de suas experiências comunicacionais anteriores cujos tópicos, circunstâncias e interlocutores/as são semelhantes.

Ainda a este respeito, Wittgenstein (1999) assevera que o significado atribuído às ações dos sujeitos são estabelecidos pelas regras que orientam seu funcionamento. Nesse sentido, sua aprendizagem não é uma explicação, mas sim um treinamento para o agir no mundo, e fazemos uso de nossa aprendizagem em diferentes situações e contextos. Então, cabe destacar, nós aprendemos as formas de vida que fazem as ações serem o que são e agirmos do modo como agimos.

O uso da linguagem está sempre associado a uma forma de ação no mundo com o outro. É, portanto, no momento em que jogamos, que aprendemos os jogos de linguagem das práticas sociais. Aprender a estabelecer sentido nas práticas sociais não se resume apenas a ter aprendido a tomar parte dos múltiplos jogos de linguagem, que estão inseridos em nossas *práxis*, determinando-as e ao mesmo tempo sendo por elas determinados (ARAÚJO, 2004). Esse jogo

⁷ Segundo Derrida (1990 *apud* Pinto, 2009, p.130), entendemos que a iterabilidade “é a propriedade que torna o rito o que ele é, um momento repetido, repetível, e submetido à alteridade, é a possibilidade estrutural do todo signo: possibilidade de ser repetido na ausência não somente de seu referente, mas também na ausência do seu significado ou intenção determinada”.

performativo proporciona uma abertura à ressignificação constante da linguagem pela ação das pessoas em contextos específicos.

Existem vários jogos de linguagem dos quais aprendemos a participar em nossa cultura. As regras que regulam esses jogos de linguagem, ou seja, os usos da linguagem estão inseridos em um complexo contexto de ações dos sujeitos situados. Por isso, aprendemos o significado das palavras aprendendo a utilizá-las, já que, segundo Wittgenstein (1999), a atividade de falar é parte de uma forma de vida.

Conforme Rojo (2009, p.108), “a linguagem não ocorre em um vácuo social, textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas interlocutores situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, histórias e desejos constroem seus significados para agir na vida social”. Dessa maneira, de acordo com a análise dialógica do discurso, o sujeito é histórico, situado, múltiplo e social, sendo a linguagem constitutiva desse sujeito.

Contudo, Alencar (2014b) salienta que a Pragmática Cultural não considera o sujeito praticante como aquele que possui domínio absoluto sobre seu discurso. Na realidade, ela acredita que a interação linguística concreta de pessoas reais e, conseqüentemente, todo ato de fala e de sentido são constituídos, historicamente, por diversos fatores determinados por jogos de linguagem de nossa cultura, tais como, fatores sociais, econômicos, políticos e culturais.

O que dá ao significado a possibilidade de ele ser repetido, citado e legitimado para além de seu contexto de produção inicial é sua estabilidade, o que demonstra que não há uma significação dominante possível fora dos jogos de linguagem. As formas pelas quais esses significados se sustentam são compreendidos na repetição dos jogos de linguagem de que participamos, de forma que, quando falamos uma língua, jogamos com um conjunto complexo de significações que nos antecede.

É possível afirmar, tomando como base o pensamento de Pennycook (2007), que os sujeitos participam de jogos de linguagens amparados por uma experiência prévia e não a partir de qualquer modelo de competência subjacente. É importante salientar que essa concepção está vinculada aos repetidos usos da linguagem, que envolvem o aprendizado de suas formas de vida (WITTGENSTEIN, 1999[1957]). O fato de agirmos dessa ou daquela forma só pode ser justificado e compreendido em nossas práticas sociais comuns, que são condições pré-concebidas para nossos jogos de linguagem. Então, ao recorrermos ao performativo

já circulante no mundo, temos que estar iniciados nas formas de vida que proporcionam a tais performances a razão e a forma que elas têm. Para engajar-se em uma performance discursiva, é necessário saber que lances são permitidos em um jogo de linguagem.

Ainda, como os significados estão, por assim dizer, implicitamente pressupostos no desenrolar cotidiano de nossas vivências, compreendê-los é, basicamente, explicitá-los mediante jogos de linguagem fazendo-os emergir na variação de aspectos dos objetos. Nesse sentido, segundo Wittgenstein (1999):

O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 22-23).

Portanto, o sentido é conferido nos jogos de linguagem a partir da finalidade nos diversos jogos de linguagem que os sujeitos visam atingir em suas situações concretas do cotidiano. No cerne dos jogos de linguagem, o significado permeia em direção ao uso que efetivamente fazemos dele. Assim, o significado está no agrupamento de usos que fazemos dos enunciados, e cada situação de seu uso apresenta um aspecto desse agrupamento que a ele é unido por semelhanças de família. E assim, o significado, por assim dizer, emerge nos jogos de linguagem.

Nesta acepção, conforme o próprio Wittgenstein nas *Investigações*, seguir as diversas regras dos jogos de linguagem é uma prática cotidiana, “seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são hábitos (costumes, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma linguagem. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica” (WITTGENSTEIN, 1975, p. 91).

O filósofo, nas *Investigações*, atenta para a contingência dos usos da linguagem no que chamou de *formas de vida*. Então, Wittgenstein (1999) enfatiza que a linguagem não pode ser uniformizada segundo uma única estrutura lógica e formal, pois existem diversas maneiras diferentes de uso da linguagem e essa pluralidade não pode ser precisa, exata, não pode ser definida *a priori*, pois não se daria conta da multiplicidade de *formas de vida*. Ou seja, o estudioso entende a linguagem como constituindo um *jogo de linguagem*, sobre o qual afirma que “o

termo “*jogo de linguagem*” deve aqui destacar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 18, grifo do autor). Desta forma, por legitimar a multiplicidade de formas de utilizarmos a linguagem nas mais variadas atividades ou formas de vida, também faz uso do conceito no plural - jogos de linguagem - estabelecendo referência ao fato de que “novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos” (WITTGENSTEIN, 1999, p.18).

Wittgenstein (1999) em sua segunda filosofia revela a historicidade dos vários jogos de linguagem e sua relação direta com a significação das palavras. Aqui, o filósofo passa a reconhecer o uso contingente da linguagem por meio da compreensão de que podemos realizar novas atividades, criando novos tipos de linguagem. Ou seja, em sua segunda fase, ele lança questionamentos sobre os limites do dizível com base no uso linguístico. E ainda, referente ao significado das palavras, ele declara que: “O que elas designam, como posso mostrar isso, a não ser na prática do seu uso?” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 13).

Em vista disso, é no uso cotidiano que se torna possível estabelecer a função de uma estrutura linguística. O uso em contexto social estabelecido é a direção que conduz a compreensão da linguagem. Ao definir que a significação linguística envolve a interação em um ato concreto de uso da linguagem, uma práxis, ele marca seu posicionamento contrário à concepção da semântica tradicional. Desse modo, os mais variados usos linguísticos são realizados de acordo com as regras dos jogos de linguagem em que são empregadas. Assim, Wittgenstein (1999) nos esclarece que:

Podemos muito bem imaginar que pessoas se divertem num campo jogando bola e de tal modo que comecem diferentes jogos existentes, não joguem muitos deles até o fim, atirem a bola entrementes para o alto ao acaso, persigam-se mutuamente por brincadeira, atirando a bola, etc. Então alguém diz: durante todo o tempo aquelas pessoas jogaram um jogo e se comportaram, a cada jogada, segundo determinadas regras (WITTGENSTEIN, 1999, p. 46).

Portanto, as regras de uso da linguagem são fluidas, flexíveis, estão diretamente associadas à situação, podendo vir a serem alteradas a depender da forma como se constituem os jogos de linguagem em cada forma de vida. Essas regras de uso, constitutivas dos jogos, compõem o que ele define como sendo uma gramática. No sentido wittgensteiniano do termo, segundo Bonfim (2011, p.51),

compreendida como regras sociais que são construídas e aprendidas enquanto um saber aprendido socialmente pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem, por meio de suas vivências cotidianas.

Em síntese, para sabermos o significado das palavras, é fundamental verificar o modo como são usadas e de que jogo de linguagem fazem parte. E assim, “todo signo *sozinho* parece morto. O *que* lhe dá vida? - No uso, ele vive” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 131, grifo do autor). Disto implica que as palavras só possuem significado imerso nas formas de vida, nos jogos de linguagem que integram. O significado da palavra não está nela em si, pois, por existirem tantas variadas formas de uso de uma mesma palavra, como também, quantos jogos de linguagem em que pode ser usada, apenas por meio do uso para revelar seu significado. Além do mais, de acordo com Oliveira (2006, p.154) “a linguagem é o modo de agirmos no mundo, uma prática social concreta; em outras palavras a linguagem é uma forma de atividade social, uma “forma de vida” na expressão de Wittgenstein” (OLIVEIRA, 2006, p.154, grifo do autor). Por isso, refletindo a linguagem enquanto atividade, o segundo Wittgenstein traz o elemento ideológico para a interação social, uma vez que “sem linguagem não podemos influenciar outros homens desta ou daquela maneira” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 140).

Assim, para além de afigurar objetos do mundo, a linguagem elabora a realidade do mundo, age sobre “outros homens”. Portanto, nas várias formas de vida a significação só pode ser determinada na relação intersubjetiva dos sujeitos participantes em certo jogo de linguagem. Por isso, os discursos fazem parte de jogos de linguagem, nos quais os usos linguísticos são estabelecidos pelas regras específicas desses jogos ou, em última instância, pelos contextos de uso.

7 PERCURSO METODOLÓGICO

Municiam a bala, faltou a borracha. A caneta, o lápis, também o caderno, o microfone aqui, é o que me tira do ferro (MC DIEGUIN, PARTINDO O CÉU DA BOCA, 2017).

Assim como a borracha, a caneta, o caderno e o microfone são ferramentas que possibilitam o agir do *rapper*, a partir de então, esta seção, que se estrutura em quatro subseções, perpassa por todo viés metodológico que nos deram sustentação para o caminhar da nossa pesquisa. De início, a primeira subseção trafega pela natureza da pesquisa, sendo qualitativa, participante cartográfica. Depois, narraremos sobre o contexto de pesquisa, em seguida, discorreremos informações em relação à autorização para realização da pesquisa por meio do Comitê de Ética. E por fim, na última subseção, concluiremos a seção dialogando sobre os participantes da pesquisa e o primeiro contato pesquisadora-pesquisado, esse primeiro contato foi denominado aqui como primeiro *round*, para estabelecer uma referência ao jogo de linguagem da batalha de *rap*. Além disso, o percurso para a escolha do MC focal para realização da análise, e os procedimentos de geração de dados para compor o *corpus* da pesquisa.

7.1 QUANTO À NATUREZA DA PESQUISA

7.1.1 Pesquisa qualitativa

Com o objetivo de estudar o *rap* como práticas de letramentos de reexistência a partir da análise dos signos ideológicos nos jogos de linguagem do coletivo cultural *Enquadro Rap*, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, pois, segundo Günther (2006, p. 203), “na pesquisa qualitativa há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados.” Os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, serão retratados, considerando, principalmente, a realidade social e o sujeito, sendo eles elementos indissociáveis. Ou seja, esse tipo de pesquisa “implica em relativa falta de controle de variáveis estranhas ou, ainda, a constatação de que não existem variáveis interferentes e irrelevantes” (GÜNTHER, 2006, p. 203).

Nesse sentido, como demonstra Angrosino (2009), a pesquisa qualitativa visa abordar o mundo “lá fora”, descrevendo, explicando e entendendo os fenômenos sociais de várias maneiras, isto é, é um tipo de pesquisa que busca examinar a forma como os sujeitos constroem o mundo em que vivem, “o que estão fazendo ou o que está lhes acontecendo em termos que tenham sentido e que ofereçam uma visão rica” (ANGROSINO, 2009, p.8). Dessa forma, todas as variáveis do contexto são apontadas como relevantes. Assim, em harmonia com nosso estudo, a pesquisa qualitativa estuda um determinado fenômeno no seu contexto natural. Sendo assim, estudamos a prática do *rap* do coletivo cultural *Enquadro Rap* como letramentos de reexistência atuante no bairro em que vivem, na Serrinha, e em outros bairros da cidade de Fortaleza.

7.1.2 Pesquisa participante cartográfica

Destacamos que, em nossa pesquisa, apropriamo-nos do método cartográfico como procedimento metodológico porque:

nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder. (PASSOS, 2015, p.10)

Tendo isso em vista, “a cartografia ajuda o pesquisador a compreender os movimentos do desejo, a apontar linhas de força, as intensidades e os afetos que compõem as distintas formações subjetivas” (BITTENCOURT, 2015, p. 13). Por isso, buscamos não somente nos aproximar do grupo, mas também entender os desejos, anseios e perspectivas dos sujeitos de que dele fazem parte. Assim sendo, nossa pesquisa se ancorou, portanto, de viés cartográfico.

A fim de especificar, ainda mais, essa subseção de nosso projeto, consideramos pertinente trazer à discussão o que alguns pesquisadores têm versado acerca do método adotado em nosso estudo. Rajagopalan (2003), por exemplo, já enfatiza a necessidade de aliar a prática à teoria e a teoria à prática, o que é próprio do método cartográfico. A cartografia vincula-se aos diversos campos de conhecimento das ciências sociais e das ciências humanas, tratando das relações, dos jogos de poder, dos enfrentamentos entre forças, das lutas, dos jogos

de verdade, das enunciações, das práticas de resistência e de liberdade (PRADO FILHO; TETI, 2013 *apud* CRUZ, 2016). Ela acompanha algo que esteja em processo (BARROS; KASTRUP, 2009), afinal, o procedimento da pesquisa é intrinsecamente situado e ideológico. Nesse sentido, a cartografia possibilitou uma experiência de comprometimento e pertencimento, já que os envolvidos se inseriram no processo de investigação e resolução dos problemas. Assim, é preciso compreender que a cartografia, enquanto método, considera uma investigação de um processo de produção que se relaciona à vertente da *práxis*, ou seja, da realidade em que os sujeitos vivem.

Além disso, a partir da cartografia, ao narrar as experiências vividas na comunidade de estudo, baseando-se em um trabalho de campo de longo prazo, em que a pesquisadora vivenciou, cotidianamente, a rotina dos pesquisados, se deparando com multifatores que fizeram a pesquisa se personalizar, ou seja, essas vivências com os sujeitos analisados e os acontecimentos ocorridos em suas vidas foram triviais para a elaboração da pesquisa. Com efeito, é necessário pontuar que todo o percurso da pesquisa se desenvolveu de maneira dialógica, considerando a relação entre pesquisadora e sujeito pesquisado.

Então, na medida do possível, a cartógrafa participa subjetivamente da vida dos sujeitos que estão sendo estudados, observando, objetivamente, suas vivências. Nesse sentido, com base em Gil (2002), é pertinente ressaltar que a cartografia, como exemplo de pesquisa participante, envolve estudos entre o conhecimento popular e o conhecimento dominante. Podemos entender o conhecimento dominante como aquele que realiza a manutenção do sistema vigente hegemônico. Já conhecimento popular diz respeito ao saber advindo do senso comum, da *práxis*, do cotidiano, que permite e permitiu o sujeito trabalhar, criar, compreender e interpretar a realidade, principalmente, a partir dos meios que a natureza lhe oferece.

Assim, ainda com apoio em Gil (2002), compreendemos que a pesquisa participante demonstra comprometimento em reduzir a relação entre dirigentes e dirigidos, voltando-se, principalmente, para uma investigação junto aos grupos desfavorecidos. Por isso, fundamentamo-nos na pesquisa participante, pois voltamos nosso olhar de pesquisa aos jovens moradores de uma comunidade desfavorecida, que é marginalizada por seus altos índices de pobreza e violência.

Convém observar que, os estudos tradicionais de comunidade tendem a considerar os indivíduos como participantes de grupos relativamente homogêneos. Já a pesquisa participante, “coloca-se a serviço dos oprimidos e necessita identificar com clareza quem são eles no âmbito de uma “comunidade” (GIL, 2002, p. 150) e dispõe de descobertas acerca das diferenças estruturais sociais da população e dos posicionamentos dos grupos pertencentes aos membros e seus conflitos.

A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar seu cotidiano (GIL, 2002, p. 150).

Além do mais, a tese intitulada *Travessias cartográficas das práticas de letramentos não escolares da juventude da periferia de Fortaleza: uma vivência no Programa Viva a Palavra!* do Dr. Carlos Eduardo Ferreira da Cruz foi a primeira pesquisa sobre o Programa de Extensão Viva a Palavra que propôs compreender como acontecem “as práticas de letramentos em ambientes não escolarizados, investigando o papel e os impactos que os usos sociais da leitura e da escrita proporcionam aos/às jovens moradores/as da comunidade pesquisada” (CRUZ, 2016. p.17) fazendo com que suas formas de produção de significados sejam perceptíveis. Para isso a pesquisa também se ancora no método cartográfico que segundo Rajagopalan (2003) é o fato de provar a prática na teoria e a teoria na prática. Então, rompendo com a ideia dominante de priorização da escrita – que dá poder àqueles que aprenderam o código linguístico, principalmente os que possuem acesso à universidade –, e pautando-nos na pesquisa participante, iremos favorecer o uso dos próprios meios de expressão dos pesquisados.

Nesse caso, ao longo de nossa investigação, iremos tecer nossas reflexões com base nos saraus e batalhas de *rap*, que acontecem oralmente, por ser a cultura mais frequente dos MCs. Contudo, cabe salientar, não deixaremos à margem a cultura escrita, por entendermos que sua presença nas práticas sociais dos indivíduos analisados é bastante significativa.

7.2 CONTEXTO DE PESQUISA

Nossa pesquisa se realizou no bairro Serrinha, situado em Fortaleza, capital do Ceará. Segundo os dados de 2014 da Prefeitura, Fortaleza é a 5ª cidade mais populosa do Brasil, com estimativa de 2.571.896 habitantes. O grande número de pessoas na cidade se deu por causa, principalmente, das secas nos sertões do Ceará, que levaram muitos habitantes a migrarem para a capital da cidade, desencadeando uma intensa densidade populacional.

Localizada na regional IV, segundo dados divulgados pelo IBGE em 2010, o quantitativo da população do bairro Serrinha é de 28.770 habitantes, que possuem renda média salarial de R\$ 519,27. Dentre estes habitantes, 1.421 vivenciam uma realidade de extrema pobreza. Com base na pesquisa *Cada Vida Importa*, no bairro da Serrinha um dos garotos mortos “cresceu com a “responsabilidade” de “cuidar” dos três irmãos que nasceram depois dele, enquanto a mãe buscava o sustento para os seis filhos. O adolescente nem conheceu o pai, que era usuário de drogas e também foi assassinado” (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 222).

Em vista disso, o lugar ficou conhecido como uma periferia que apresenta grande conglomerado de miséria, tráfico de drogas e violência. Isso ocorre porque, geralmente, quanto mais pobre é a condição de vida dos habitantes, mais violências serão desencadeadas. “No bairro Serrinha, um dos garotos assassinados, supostamente por engano, nem sequer conheceu o procriador, também vítima de homicídio quando o filho tinha menos de dois anos. Segundo a mãe, o companheiro era usuário de drogas” (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 218).

Não por acaso, a Serrinha, em 2012⁸, atingiu o segundo índice mais elevado de homicídios de Fortaleza, o que confirma as difíceis condições em que vivem, diariamente, os habitantes dessa comunidade.

7.3 COMITÊ DE ÉTICA

⁸ Informações segundo a Revista Fortaleza 2040 da Prefeitura Municipal de Fortaleza. v. 2, n. 1.

Essa pesquisa faz parte de um projeto guarda-chuva intitulado *Por uma Pragmática Cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMA CULT)*, do qual o *Programa Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza* faz parte, estudando as práticas discursivas do campo dos movimentos sociais e culturais e pautando-se na perspectiva de linguagem como modo de ação e como forma de vida. O projeto guarda-chuva mencionado possui o parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) de nº 459.008 com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 19071413.0.0000.5534, que nos assegura a permissão para a realização da pesquisa seguindo os critérios do comitê de ética.

7.4 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nas próximas subseções, versaremos sobre a nossa inserção no campo de pesquisa, o primeiro contato com os participantes, os caminhos da cartografia, que delinearam a escolha do participante focal, pontuaremos de que forma gerou os dados de nosso *corpus*, que será por fim, analisado.

7.4.1 Primeiro *round* e os participantes da pesquisa

Desde o início da minha vivência no nível superior foi um desafio, a preparação para a seletiva, o vivenciar a seleção, e, a inserção em novos campos, desde a Pós-graduação ao campo de pesquisa no bairro da Serrinha. Por isso, a princípio, acreditava que essas primeiras experiências estariam diante de mim como uma batalha a ser ganha. Dessa forma, denominei este primeiro contato como primeiro *round*, fazendo referência ao jogo de linguagem da batalha de *rap*. Contudo, seguindo minhas travessias por meio da narrativa cartográfica, compreendi que estes primeiros contatos não se realizaram por meio de um enfrentamento conforme imaginava, mas pelo contrário, foi por intermédio do acolhimento e da parceria construída ao longo de toda trajetória de pesquisa.

Dessa maneira, depois de ingressar no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, estive no primeiro encontro do grupo *Viva a Palavra*, que é um Programa de Extensão da

mesma universidade, coordenado pela professora Dra. Claudiana Nogueira de Alencar. Quando adentrei à sala, todas as cadeiras se encontravam posicionadas em círculo, proporcionando visibilidade a todos que ali estavam presentes. Aos poucos, fui interagindo com o grupo e logo dei início às minhas observações ainda embrionárias. Na ocasião, o encontro era destinado à organização e ao ensaio de um sarau com participantes da comunidade e da universidade, que aconteceria na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará. Imersa nesse novo contexto, de imediato, chamou-me a atenção um jovem sorridente e enérgico que estava concentrado, escrevendo em uma agenda volumosa de folhas escritas em meio aos sons produzidos pelos diálogos que ocorriam no ambiente.

Logo depois, percebi que ele e outros jovens que estavam interagindo faziam parte de um coletivo cultural militante denominado *Enquadro Rap*. No bairro Serrinha, a prática do *rap* é uma cultura bastante presente, existindo mais de um grupo praticante desse gênero musical. Dentre esses grupos, há quem produza um *rap* voltado à crítica social e há quem produza um *rap* gospel, direcionado à religiosidade.

A seguir, os leitores poderão apreciar imagens de alguns momentos do sarau, organizado pelo *Viva a Palavra*, apresentado na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará.

Figura 5 – Sarau Viva a Palavra na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 – Enquadro Rap (MC Dieguin) no Sarau do Viva a Palavra na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará



Fonte: Arquivo pessoal.

7.4.2 A escolha do MC focal

Considerando o viés crítico e social, bem como a religiosidade nas letras das canções de *rap* e a afinidade à crítica social característicos do grupo que pesquisamos, optamos por entender, pensar e pesquisar o *rap* a partir da análise crítica existente no discurso do MC, por compreendermos que esses discursos refletem sobre as lutas sociais vivenciadas, cotidianamente, pelos sujeitos, moradores do bairro e são uma forma reexistente de lutar para alcançar melhores condições de vida.

O termo reexistência, grafado dessa maneira, justifica-se devido ao fato de o sujeito resistir e lutar frente às dificuldades sócio-históricas e culturais, indo

além, existindo de uma nova forma, em oposição a um sistema que aponta os jovens moradores da periferia como sujeitos praticantes do crime. Ou seja, em nosso entendimento, o jovem/pesquisado MC do bairro Serrinha é um sujeito reexistente por persistir e lutar de maneira anti-hegemônica, por meio da prática cultural do *rap* e não da criminalidade, como acontece na maioria das vezes.

No que diz respeito às observações cartográficas das práticas de letramentos, nas quais os jovens citados na subseção anterior interagem, um dos MCs – MC Dieguin – chamou-me a atenção pela sua história de vida, resistência e militância assídua. Diego Martins Maciel, 22 anos, morador da comunidade da Baixada na Serrinha, através da vontade de aprender a tocar violão foi se inserindo no mundo musical por influência do pai – Tito Maciel, hoje ativista, um dos precursores dos movimentos culturais na Serrinha, e estudante de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – cantava em uma banda de Rock pela comunidade, assim, o jovem também começou a cantar, em eventos do bairro, inicialmente no festival Ensaio Rock que acontecia na Capelinha, localizada na Serrinha. Nessa época ainda não existia o Movimento Político Cultural Ensaio Rock, foi apenas através desse festival que surgiu o movimento. Além da influência musical, segundo o *rapper*:

essas atitudes de promover eventos na Praça da Cruz Grande são coisas feitas a um tempo atrás pelo meu pai e os amigos do meu pai, é uma coisa hereditária que vai passando, vai contagiando e influenciando. É extremamente importante a gente ocupar os espaços públicos seja através do rock, do rap, como também do reggae e dessa forma você dá visão pra muita gente que tá no crime, pros moleques que acha que não tem outra oportunidade, não tem outra saída e gera transformação[...].e através do Hip Hop, do grafite, do rap consegue sim transformar a vida desses caras (DIEGO MARTINS)

Dessa maneira, sua trajetória no rock seguiu os seguintes caminhos: de início formou uma banda denominada *Arma Branca* em que se apresentavam já com quatro canções autorais. Pela saída de um dos componentes da banda por se envolver na criminalidade, Diego se articulou com Yuri Silveira (o Dj coreano do *Enquadro Rap*) e formaram a banda *The People Zone* que existiu por pouco tempo e depois com a mudança de integrantes mudou de nome e gênero musical, do rock para o *rap*, originando-se o *Enquadro Rap*, o que permanece atualmente. Segundo MC Dieguin, a banda se chamou zona de pessoas porque o local de apresentação e ensaio geralmente era na comunidade da Rampa, especificamente na laje de uma

casa, um espaço pequeno em que o fluxo de pessoas era grande para pouco espaço físico. Além disso, por causa do cotidiano da periferia ser de “constante tráfego e tráfego”, ou seja, segundo o *rappers* por ser “tudo uma zona, de pessoas indo e voltando”, seja por qual finalidade for.

MC Dieguin, como é conhecido “nos becos e vielas” como ele diz, atualmente, além do coletivo cultural *Enquadro Rap*, o MC também faz parte de outros coletivos e movimentos culturais/sociais, tais como; o Movimento Político Cultural Ensaio Rock, Círculos Populares e o Programa Viva a Palavra. E por fim, em uma de suas falas o *rapper* demonstra sua insatisfação com uma grande massa dos MCs atuais, os quais, segundo ele, estariam “vivendo um *rap* que não é de reexistência, é um *rap* de aparência”. Diante dessa realidade, cabe-nos, pontuar que, em nossa pesquisa, consideramos toda a esfera contextual do coletivo cultural *Enquadro Rap*, porém, ao tratarmos do participante focal, nossas apreciações estarão centradas nas práticas de letramentos de reexistência do MC Dieguin.

7.4.3 Procedimentos de geração de dados

Para a concretização dos objetivos traçados e em concordância com a cartografia que sempre inclui vários métodos de coleta de dados, o *corpus* é composto por vídeos, letras de canções autorais e diário de campo que foram gerados da seguinte maneira:

- a) O diário de campo: foi produto de anotações das percepções advindas das vivências cotidianas junto aos MCs do bairro da Serrinha e do *Enquadro Rap*;
- b) As letras musicais: são canções autorais que foram coletadas em interação espontânea com os MCs;
- c) Os vídeos: são referentes aos registros da participação do coletivo cultural *Enquadro Rap* em *Saraus* e nas *Batalhas de rap*.

Esses vídeos foram registrados pela pesquisadora por meio de câmera de celular em alta resolução e arquivado em uma plataforma virtual, o Google Drive. Os registros foram feitos, prioritariamente, em duas situações: primeiro, no bairro da Serrinha onde residem os MCs, pois, na pracinha do bairro acontecem *Batalhas de rap*, especificamente na Praça da Cruz Grande – denominação popular do local –,

quinzenalmente, às quartas-feiras, às 18h30min; e segundo, durante a participação do coletivo cultural *Enquadro Rap* em saraus na comunidade e fora dela.

Para procedermos à análise, os textos verbo-visuais que constituem o *corpus* foram expostos aqui por meio da ferramenta de captura da imagem da tela, o *print screen*. Em seguida, faremos um estudo das ações do MC a partir dos vídeos e das observações de campo para compreendermos como, pelas categorias de análise norteadoras da nossa pesquisa (tema, significação, signo ideológico e jogos de linguagem), os sentidos são construídos nos jogos de linguagem da prática de letramento do MC Dieguin.

8 ANALISANDO O SIGNO IDEOLÓGICO “PERIFERIA” PELOS SENTIDOS POÉTICOS DO RAP

Então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia! Convida a família, galera arrepiada, esqueceu a ideia, se vira nos 30. Aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio (MC DIEGUIN, PARTINDO O CÉU DA BOCA, 2017).

E foi chegando à rima, no sarau e na pracinha que vimos que tinham jovens artistas, e não jovens no crime. Abaixo expomos a análise da nossa pesquisa e de início, buscando um viés didático, elaborei um quadro com os eventos/ações e os lugares em que o coletivo cultural *Enquadro Rap* esteve presente junto com o número de vídeos registrados, o tempo de gravação deles e a data em que ocorreu a ação. Vejamos:

Quadro 2 – Síntese da participação do grupo *Enquadro Rap* em batalhas, eventos, oficinas e saraus.

	EVENTO	LOCAL	VÍDEOS	TEMPO EM MIN	DATA
1	Sarau de Luta	Serrinha: Comunidade Garibal.	01 vídeo	Total de 4:37	01/04/17
2	Batalha de conhecimento	Praça da Cruz: Serrinha	05 vídeos	Total de 7:16	12/04/17
3	XII Bienal Internacional do Livro do Ceará: Sarau Viva a Palavra	Centro de Eventos do Ceará	02 vídeos	Total de 9:07	20/04/17
4	Fórum de cara com a linguagem	UECE	06 vídeos	Total de 12:07	22/05/17
5	1ª Batalha do Dragão	Centro Dragão do Mar	09 vídeos	Total de 18:40	09/06/17
6	2ª Batalha do Dragão	Centro Dragão do Mar	05 vídeos	Total de 11:17	14/07/17
7	1º Evento cultural contra o extermínio da juventude	Centro da Juventude – Barra do Ceará	03 vídeos	Total de 21:75	28/07/17
8	Sarau da B1	Jangurussu	01 vídeo	Total de 3:33	28/07/17
9	Sopão da paz	Serrinha: Comunidade da Rampa	apenas fotos	-	05/08/17
10	JUBRA	UFC	01 vídeo	Total de 12:16	12/08/17

11	Contação de história	Serrinha: Comunidade Garibal.	04 vídeos	Total de 2:74	07/10/17
12	Dia das crianças	Serrinha: Comunidade Garibal.	02 vídeos	Total de 3 min	12/10/17
13	Sarau da Serrinha pela revitalização da praça	Praça da Cruz Grande: Serrinha	07 vídeos	Total de 9:68	02/12/17
14	Batalha de conhecimento	Praça da Cruz: Serrinha	01 vídeo	Total de 1:52	22/03/18
15	Oficina de Poesia Periférica	UECE	07 vídeos	Total de 15:29	02/04/18
16	Oficina de Letramentos: juventude e prevenção da violência	Capela Santa Cruz do Itapery	02 vídeos	Total de 13 min	28/04/18
17	Sarau Amorbase	Serrinha Amorbase: Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha	08 vídeos	Total de 7:50	05/05/18
18	Mesa de abertura do IV Encontro Internacional de Letras. Pedagogia do Oprimido - práticas e reflexões acerca de uma educação popular na área de linguagens e códigos.	IV Encontro Internacional de Letras na UFC.	05 vídeos	Total de 5:53	09/07/18
19	Pra Si Paz: Oficinas de Círculo de cultura de Paz Viva a palavra	Serrinha Amorbase: Associação dos Moradores do Bairro da Serrinha	14 vídeos	Total de 08:47	De ago. a nov. de 2018. 09 encontros
20	Sarau de Cenopoesia: Lançamento do livro Discurso, fronteiras e hibridismo. Org. Alencar, Costa e Costa.	Adufce	Apenas fotos	-	24/08/18
21	Sarau da democracia: Calar não é opção. XXIII Semana universitária da UECE	UECE	14 vídeos	Total de 12:29	24/10/18

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os eventos citados anteriormente no quadro foram divulgados, principalmente, por meio das redes sociais. Então, disponibilizamos aos leitores nos anexos, com intuito apenas ilustrativo, as imagens com suas respectivas divulgações publicadas nas mídias e fotografias da ação. E para análise algumas imagens foram selecionadas.

Em última instância, destacamos que, como procedimento analítico, iremos analisar os signos ideológicos que constituem o discurso do MC Dieguin do

grupo *Enquadro Rap* ao agir nos jogos de linguagem do *rap*. Para isso, teremos como *corpus* o diário de campo e os vídeos dos registros das ações do grupo (do sujeito) nos eventos. Faremos, a seguir, uma análise com base no nosso registro cartográfico referente aos saraus, batalhas e oficinas.

8.1 RESISTIR, INSISTIR E EXISTIR

Ao percorrermos nossa trajetória, cartografamos a participação do *Enquadro Rap* em vários saraus, aqui iremos analisar as práticas sociais do MC Dieguin em quatro saraus. Decidimos discutir, nessa seção, sobre o tema e a significação a partir dos enunciados produzidos pelo MC Dieguin nos jogos de linguagem dos saraus por estes terem nos mostrado a existência do forte caráter de resistência nesse gênero discursivo.

Assim sendo, podemos entender o jogo de linguagem do sarau como uma prática cultural bastante utilizada pela juventude da periferia, que tem como uma de suas estratégias lutar pelo direito ao acesso à arte, à cultura e à educação (ALENCAR; SOARES, 2017). Segundo Silva *et al.* (2016), sarau é uma reunião de pessoas que tem algum vínculo com a arte e a cultura e que expressam, por meio dessas duas áreas, suas obras, ideias, pensamentos, dentre outras coisas. Além disso, nesse jogo de linguagem, ocorre a participação de diversos sujeitos que atuam expondo sua opinião referente ao assunto principal ou inserindo outro assunto à pauta no momento chamado microfone aberto. Durante o jogo, há, ainda, a declamação de poesias, apresentação artística de canto, dança, entre outras ações.

O primeiro sarau que acompanhamos foi o Sarau de Luta, que aconteceu no dia 01 de abril de 2017 na comunidade Guaribal, localizada no bairro Serrinha. O sarau, denominado Sarau de luta, aconteceu em frente à escola Instituto Infantil Irmã Giuliana Galli e teve o intuito de reivindicar a resolução de uma obra inadequada e inacabada que a prefeitura realizara em frente à escola, e, por causa dessa reforma, as casas, localizadas aos arredores da comunidade, passaram a sofrer alagamentos desde então. A data do evento, dia 01 de abril – Dia da Mentira –, foi escolhida pelos moradores da comunidade, que estavam engajados na ação, como forma de protesto ao projeto de reforma prometido à comunidade, que não se concretizou.

Pelo contrário, só proporcionou transtornos aos moradores que residem no entorno do local da obra.

O segundo sarau foi o Sarau Viva a Palavra, que aconteceu no Centro de Eventos do Ceará, no evento da XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, na sala intitulada Juventude Fantástica com participantes tanto da Universidade Estadual do Ceará como moradores do bairro da Serrinha. Depois foi o Sarau da B1, na praça do bairro Jangurussu, que teve o intuito de lançar o livro de poesias marginais⁹ *Flores de Alvenaria*, do poeta Sergio Vaz. Durante o lançamento, entre uma declamação e outra de poesias do livro pelo autor, tivemos a participação do público com declamação e canto de poesias marginais. Foi quando o MC Dieguin pôde, então, expandir a voz dos moradores da Serrinha ao declamar suas rimas em outro bairro, fazendo com que elas refletissem suas vivências e de tantos outros moradores ao cantar suas aliterações (anexo N e O).

E, por fim, abordando o descaso do poder público para atender às reais necessidades do povo pobre e negro, também houve o Sarau da Serrinha pela revitalização da Praça da Cruz Grande, organizado, prioritariamente, pelo Movimento Arte e Reexistência Periférica (MARPE), que teve intuito de reivindicar a situação precária da praça a partir da reunião dos moradores, dos movimentos e dos coletivos culturais do bairro para organizar um abaixo assinado e proporcionar um momento em que todos pudessem expor suas ideias e questionamentos. Além disso, foi uma ocasião em que todos puderam aumentar a sociabilidade entre as pessoas do bairro, que se encontraram e compartilharam suas ideias e suas produções artísticas, criando, reinventando e ressignificando o espaço urbano por meio de suas trajetórias e de suas vivências. Na ocasião, os participantes do sarau também motivaram a comunidade a falar sobre os problemas do bairro.

Portanto, com base no caráter resistente e insistente dos saraus, observamos algumas regularidades no discurso do MC Dieguin em todos os saraus. Dentre elas, optamos, aqui, por analisar a canção *Partindo do céu da boca*, de

⁹ A Literatura Marginal é um exemplo da contracultura, a cultura marginal, e surgiu em um período turbulento da História do Brasil: a Ditadura Militar. Um dos objetivos da Poesia Marginal era propor uma crítica aos conservadorismos da sociedade, incorporando à Literatura elementos e representações da violência diária nas grandes cidades. Hoje, a literatura marginal é representada por grupo de escritores da própria periferia, que levam para a escrita sua cultura e seus problemas sociais. Segundo Eble e Lamar (2015, p. 194) “a literatura marginal também está diretamente associada à cultura *hip hop* e, principalmente, a melodias do *rap*”, pois, assim como no Rap, a linguagem coloquial, a estrutura das letras e as gírias são características da linguagem da literatura marginal dessa atual geração de escritores marginais/periféricos.

autoria do *Enquadro Rap*, que foi cantada pelo MC em todos os quatro saraus citados anteriormente. Essa canção tem como foco principal denunciar, a partir das enunciações, como os telejornais constituem o sentido para a periferia e os moradores dela. Veremos abaixo a canção:

Partindo o céu da boca
Enquadro Rap

Se liga na rima que eu tô maquinado, não sou Sabotagem, mas tô interado, prestando atenção no movimento dos carros, os porcos safados querem reprimir, não vou permitir, eu vou impedir que o Vitor Valim fale algo daqui, não vou me calar, que saia do ar o Barra Pesada e o Eli Aguiar.

Que ganham dinheiro filmando as mortes da gente que é pobre, quero vê dá suporte, um carro sport na rua do fim, não teve a sorte, capotou o infeliz, entupindo o nariz só de coca, me diz, tu acha que é isso que quero pra mim. Não dá pra entender e eu quero saber por que 190 só filma você.

Que a*ortou a bala, porrada, facada na porta de casa com a molecada tocando violão, não teve escola mas teve seu nome na grande estatística de gente que morre de bala perdida, tô na correria, o sol de meio dia é forte é quente, uma bala fervente, sentado na sala.

Pesado é a barra e no Barra Pesada minha vó se impregna assistir em família a carnificina passar na telinha, é de noite, é de dia, depois do meio dia.

Transmitem a tragédia de várias famílias da periferia.

Novato pequeno, cenário veneno, não teve incentivo, só deu audiência pro tal do Nonato, que ganha centavos com noticiário, mostrando o lado infeliz da favela, que é linda, é bela, não é só desgraça!

Municipiam a bala, faltou a borracha. A caneta, o lápis, também o caderno, o microfone aqui, é o que me tira do ferro.

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (Refrão)

É sensacional no telejornal, estampado na capa mais uma Baixada.

A vítima vinha voltando pra casa, entrou foi no beco, sentaram o dedo, sem dó, sem respeito mataram o menor, foi na Marajó, cheirava loló, viciou fez um nó, pois ai olhem só, chegaram os bocós!

Cenário melhor que garante audiência, pois, a violência daqui transmitida é mais fonte pra classe que é rica.

Divulgam a vida e uma triste notícia.

A mãe muito aflita correu pra esquina, a repórter chegou perguntou seu nome.

Dois homens numa moto aplicaram em instantes tiros perfurantes, disparos constantes matou o estudante camisa cyclone, o celular manchado de sangue não gravou uma bala, mas a luz na sua cara, assisti daqui da sala.

O sangue tá em alta! Então faça chover! O Barra Pesada espera você!

Pra ser entrevistado, humilhado, algemado, cabeça pra baixo ouvindo as perguntas.

Repórter fajuta, se intera sua burra, criança amarrada tá no porta mala dessa viatura!

Loucura absurda, fissura sem cura que nunca vai mudar, mais uma ocorrência pro Rota vim filmar.

O sorriso estampado no rosto não é sinônimo de felicidade, Te engano com o brilho contido nos cílios, tão finos. No crânio só ódio, se afoga em maldade por conta da cena, sentença que é plena e aumenta o risco de

jovens no vício, mas no papel de ofício o Cassiano desenha e não vira estatística para vários Datena.

Tamanha a verdade, tampouco a reciprocidade que atinge os irmãos que tão na cidade, a oportunidade não bate na porta, disfarça no assalto, na mão a pistola, na raiva te mostro e apavoro que é tudo problema dos grandes negócios, do homem engravatado que tá no escritório assinando minha ficha pro reformatório.

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (2x Refrão)

Então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia!
Convida a família, galera arrepiada, esqueceu a ideia, se vira nos 30.
Aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio.

Que não é entregue nos postos de saúde, ajude várias vidas e essa atitude parte dos moradores que não aguenta uma ação truculenta, do sistema fascista preconceituoso e capitalista. E as mulheres aqui elas tem voz, *** os machistas, quem faz o coletivo aqui é nós, e é assim que tem que ser, um apoio ao movimento LGBT, e também chega pra vê a favela animada, a comunidade organiza o sarau na praça é melhor ainda que é de graça, e é a dois, então chama a gata.

De repente o repente da mente transborda em lágrimas, que agita a criança e que corre na mãe desamparada.

A parada é estudar, se informar, se organizar, para construirmos a revolta popular, para tirarmos do ar apresentadores sem futuro, que não direcionam suas câmeras para cultura do gueto que é artigo de luxo. Temer teme o povo, tirano passará mal!

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (Refrão)

Dessa forma, analisando os enunciados proferidos pelo MC ao cantar, percebemos neles a denúncia ao discurso dos telejornais, que dão importância e noticiam apenas os atos de violência que acontecem na comunidade como estratégia de lucro para alcançar audiência, quando, em contrapartida, todas as necessidades e talentos existentes são esquecidos. Nesse sentido, o discurso do MC atua como uma “contrapalavra” a esse discurso midiático. Essa contrapalavra, de acordo com pensamento de Volóchinov, é o que possibilita as variações temáticas para o signo “periferia”.

Nessa direção, segundo o discurso do MC Dieguin, os programas policiais que “transmitem a tragédia de várias famílias da periferia” (MC Dieguin, 2017), são uma forma de atraso social, por darem visibilidade apenas à violência, enquanto que a cultura existente na comunidade, como os saraus que brotam em toda a periferia como um movimento de resistência juvenil, são invisibilizados e não recebem qualquer incentivo de Políticas Públicas do Estado. Para essa observação, trazemos

o refrão do *rap* analisado, em que o MC diz o seguinte: “Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional” (MC Dieguin, 2017).

Para Volóchinov (2017), o signo ideológico assume um sentido a depender da situação histórica concreta em que é pronunciado. Por isso, quando o interlocutor é interpelado pelos signos ideológicos presentes nos enunciados do MC Dieguin, ele se orienta a um discurso já dito de que, na periferia, só existe a pobreza e a violência reportadas nas grandes mídias, pois todo dizer é parte de uma discussão cultural axiológica e “ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais” (FARACO, 2009, p. 59). Entendendo, dessa forma, os sentidos do “já dito” entram em confronto, segundo Volóchinov (2017), na chamada arena de lutas, com os sentidos que compõem o discurso do MC acerca da periferia que “é linda, é bela, não é só desgraça”, é um lugar de “cultura do gueto”, e que essa cultura é valiosa, é um “artigo de luxo”.

[...] Pesado é a barra, e, no Barra Pesada, minha avó se impregna assistir em família a carnificina passar na telinha, é de noite, é de dia, depois do meio dia. Transmitem a tragédia de várias famílias da periferia. Novato pequeno, cenário veneno, não teve incentivo, só deu audiência pro tal do Nonato, que ganha centavos com noticiário, mostrando o lado infeliz da favela, que é linda, é bela, não é só desgraça! Municiam a bala, faltou a borracha, a caneta, o lápis, também o caderno. O microfone, aqui, é o que me tira do ferro [...] (MC DIEGUIN, 2017).

Na contrapalavra do *rap*, percebemos a denúncia à espetacularização da violência, à repressão policial e à negação de direitos por parte do Estado à população pobre que mora na periferia. No discurso do MC Dieguin, o signo “periferia” é tematizado como uma disputa entre os sentidos dos que mostram o “lado infeliz da favela” e os sentidos dos que defendem que a favela “é linda, é bela, não é só desgraça!”. Nessa perspectiva, os signos ideológicos “periferia” e “favela” são utilizados no *rap Partindo o céu da boca* como sinônimos. Com relação à análise da significação, o signo “periferia¹⁰” é apontado pelo dicionário Aulete (2014) como um dos sinônimos de subúrbio, com a seguinte definição: “periferia é região afastada do centro urbano de uma cidade, geralmente habitada por uma população de baixa renda” (AULETE DIGITAL, 2014).

No jogo de linguagem do sarau, a significação é matizada em duas variações temáticas: na primeira variação, os efeitos de sentido do signo “periferia”

¹⁰ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/periferia>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

apontam que a população de baixa renda é vitimizada pelo descaso governamental e é, constantemente, assediada pelos Aparelhos Repressores do Estado: “Municiam a bala, faltou a borracha, a caneta, o lápis, também o caderno”. Ou seja, para o MC, não há investimento em educação, e sim em repressão policial.

Na segunda variação temática, o signo periferia ganha o sentido de lugar da arte e a arte é apresentada como uma forma de resistência à violência urbana, que é articulada no *rap* do *Enquadro Rap*, como violência estrutural: “O microfone, aqui, é o que me tira do ferro”. A partir desse tema, interpretamos que o morador da comunidade é aquele que acredita que a favela “não é só desgraça”. Assim, o sujeito assume uma identidade periférica no sentido de reverter essa característica hegemônica ao dar outro significado a ele, isto é, no sentido de dizer que quem nasce na periferia tem orgulho de ter sido criado nesse território. Tem orgulho de expandir a voz das outras pessoas a partir da prática do *rap*, de expressar demandas e desejos de uma comunidade e, principalmente, tem orgulho por ter uma cultura específica, a cultura periférica.

Atentemos para o seguinte enunciado do plano verbal citada anteriormente: “o microfone, aqui, é o que me tira do ferro”. Se analisarmos a “significação” em potencial, a partir do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Online, o substantivo ferro¹¹ significa corpo simples, metal dúctil, maleável e muito tenaz, de cor cinzenta azulada e muito útil na indústria e nas artes. O uso de ferro no *rap* é claramente metonímico, com significação estilística prevista pelo sistema da língua. No entanto, como nos mostra Volóchinov (2017), a significação é apenas uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. Desse modo, é a análise do tema que nos permite alcançar os sentidos conforme o seu uso nas práticas culturais específicas, vistas pela Pragmática Cultural como jogos de linguagem (ALENCAR, 2014).

Nessa acepção, refletindo sobre o contexto de produção e recepção da metonímia, o MC faz uso de uma figura de linguagem, a metonímia, ao enunciar a palavra “ferro” em vez de “revólver”, utilizado nos jogos de linguagem do *rap* como antônimo de “microfone”. O signo ideológico metonímico “ferro” é, pois, utilizado como metáfora da violência, da entrada no mundo do crime, que é apresentada no

¹¹ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ferro>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

discurso hegemônico como própria da juventude da periferia. O signo “microfone”, por sua vez, é a metáfora da voz da juventude na prática cultural do *rap*.

Desse modo, compreendemos que as difíceis condições de sobrevivência na comunidade facilitam a entrada dos jovens no cenário da criminalidade, o “cenário veneno” nas palavras do MC Dieguin. Então, o que faz com que o jovem *rapper* resista é a possibilidade de agir no mundo por meio da prática do *rap*, fazendo ecoar as vozes que refletem a insatisfação do modo de vida de grande parcela da população desfavorecida.

Em síntese, vemos que o MC Dieguin atua como um agente de letramento ao construir seu discurso com argumentos que funcionam como uma forma de reexistir à dominação dos programas policiais e dos telejornais: por meio da palavra, do estudo, da informação e da organização de uma revolta popular quando canta que “a parada é estudar, se informar, se organizar, para construirmos a revolta popular, para tirarmos do ar apresentadores sem futuro que não direcionam suas câmeras para cultura do gueto que é artigo de luxo”. Assim, o MC não só nos conta as histórias vividas em seu território, como dá conselhos e estabelece ações ou caminhos a serem percorridos por meio da poesia rimada do *rap*.

8.2 O JOGO DE LINGUAGEM DA BATALHA DE RAP

Na noite do dia 12 de abril de 2017, estive no bairro da Serrinha cartografando a primeira batalha de MC desta pesquisa, que se constitui em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento. A batalha aconteceu na Praça da Cruz Grande em que aos poucos os jovens foram chegando, cada um trazendo o que podia, tais como, caixas de som, pendrive, microfones e mesa. Na ocasião, alguns jovens aproveitaram o momento para expor sua produção artística, como pinturas, desenhos e distribuição de poemas. A cada instante, a arquibancada da praça, que é feita de cimento, ia ficando preenchida de pessoas, principalmente de jovens e crianças.

Contudo, apesar de os movimentos sociais do bairro da Serrinha, principalmente o *Enquadro Rap*, militar intensamente em prol das minorias, durante nossas trajetórias, constatamos a escassa representatividade, engajamento e atuação feminina no âmbito do *rap*. De fato, em apenas uma ocasião, tivemos a presença de uma *rapper*, Isabel Gueixa. Isso aconteceu na 2ª Batalha do Dragão de

2017 e provavelmente porque a ação em sua divulgação na página do Facebook incentivou a participação das mulheres. Ainda assim, a *rapper* não batalhou, pois esteve apenas cantando seu *rap* momentos antes de iniciar a batalha, contudo seu discurso permeou principalmente as seguintes temáticas: o amor, o empoderamento e a falsidade entre as pessoas.

Nesse sentido, a seguir, na fotografia que registra minutos antes de iniciar a batalha de conhecimento na Praça da Cruz Grande (Cf. figura 7), podemos identificar o grande número de pessoas do sexo masculino, a maioria crianças e jovens, e essa constância manteve-se durante todo percurso de pesquisa. Assim, por meio da imagem, como podemos perceber analisando a seguir, o enunciado visual é composto de um cenário que significa a diminuta representatividade feminina nos jogos de linguagem do *rap*, sobretudo na batalha de *rap*.

Figura 7 - Batalha de conhecimento na Praça da Cruz Grande



Fonte: Arquivo pessoal.

A palavra batalha de imediato nos remete a sentidos tais como confronto, embate e enfrentamento. Esse dialogismo é atualizado no uso social e cultural dos enunciados pautados nos interesses ideológicos, sociais, históricos, políticos e culturais. Essas significações são atribuídas às batalhas de *rap*, pois, as ações dos MCs se concretizam como regras culturais de um confronto, não de força física, mas de palavras, vidas, ideologias, culturas e perspectivas.

Com base no pensamento de Wittgenstein (1958 *apud* ALENCAR, 2017, p. 100) “o falar da linguagem é uma forma de vida e que as formas de vida são delineadas em diversas atividades, em diversas práticas, consideradas como jogos de linguagem”. O jogo de linguagem batalha de *rap* de conhecimento constitui-se em um enfrentamento de rimas entre os participantes, e quem ganha é aquele que faz a melhor rima de acordo com a opinião do público ou de alguns jurados, conseguindo agitar a plateia e fazê-los pensar criticamente.

Para isso, os MCs precisam saber como agir e falar, e quando agir e falar, ou seja, eles necessitam conhecer as regras do jogo de linguagem da batalha de *rap* de conhecimento para que sua aplicação seja exercitada. Com base na nossa cartografia as trajetórias de tais batalhas são compostas por dois mestres de cerimônia (MCs) que duelam entre si com rimas improvisadas com base em um tema escolhido pelo público. Essas rimas são enunciadas seguindo o ritmo de uma batida, tocada por um DJ ou então somente a capela. A rima improvisada é denominada pelos *rappers* como Freestyle¹², ou seja, “é tipo um *rap* livre” (MC Dieguin, 2017), mas que mantêm a coerência.

Então, percorrendo nosso caminhar, pontuamos alguns temas que foram recorrentes nas batalhas cartografadas, tais como: genocídio, extermínio da juventude, machismo, feminismo, hipocrisia, preconceito, respeito, luta, resistência, entre outros. Em vista disso, compreendemos que “a dor, o sofrimento e a violência não escapam à linguagem, mas são constitutivos de jogos de linguagem, atividades socioculturais, linguisticamente constituídas e reguladas por suas gramáticas na dinamicidade da história” (ALENCAR, 2014c).

Além disso, a batalha começa com um sorteio. No início os MCs que querem participar dão o nome e são feitos uns sorteios para decidir quais serão as duplas que se enfrentam. São sorteadas 16 pessoas, a cada *round*, os MCs são eliminados para que, no fim, seja escolhido o vencedor. Portanto, de acordo com que as duplas vão duelando, o público decide através de torcida quem foi melhor entre cada dupla, um é eliminado e o outro passa para o próximo enfrentamento. No momento da batalha um MC enfrenta o outro duas ou três vezes, caso haja empate, ou seja, vão fazendo sua rima, um de cada vez, alternando, até que o público decida

¹² Segundo o Dicionário Informal online Freestyle é o gênero musical nascido nos Estados Unidos, nos 1980. Trata-se de um gênero mais livre, onde é possível fazer diferentes misturas. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/freestyle/>> Acesso em: 03 de set. 2018.

o vencedor. O tempo que cada participante tem para expor sua rima é de 40 segundos, cada um tem esse tempo limite em um *round* com quatro rodadas, porém, isso pode variar de acordo com a quantidade de inscritos.

Durante nosso caminhar nos debruçamos a cartografar as batalhas de conhecimento. Entretanto, existem dois tipos de batalha que acontecem predominantemente na Serrinha e em toda cidade: batalha do conhecimento e batalha de sangue. A diferença especificamente dos jogos de linguagem entre uma e outra é que a batalha de conhecimento o MC mostra seu conhecimento sem atacar o adversário, pois, seu objetivo é expor os problemas sociais de modo que faça os interlocutores refletir criticamente.

Assim, os enunciados concretos dos MCs se constituem em formas de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento da batalha de conhecimento, pois, atravessa e constitui ideologicamente o MC e seus interlocutores. Já a batalha de sangue além de não existir tema, o intuito é irritar um ao outro fazendo uso de palavras que na maioria dos casos são de baixo calão, preconceituosas e desrespeitosas para que o adversário se enfureça, desconcentre e perca o embate.

Examinaremos agora os enunciados visuais a partir de um conjunto de capturas de telas dos vídeos que registram o respectivo momento do duelo entre MC Dieguin e Mano Zica na batalha de conhecimento na Praça da Cruz Grande no bairro Serrinha.

Figura 8 - MC Dieguin e as crianças na Batalha de conhecimento da Praça da Cruz Grande em 22/03/18



Figura 9 - Duelando: A esquerda MC Dieguin e a direita Mano Zica



Fonte: Arquivo pessoal.

Portanto, os principais componentes para uma boa batalha de *rap* são: agilidade nas palavras, pensamento rápido e conquistar o público para garantir aplausos. O contrário do que muitas pessoas pensam é o que acontece. Afinal, na batalha de *rap* de conhecimento falas preconceituosa, palavrões, rimas decoradas e racismo não são permitidos.

A partir das rimas, os MCs proporcionam ritmos em seus enunciados concretos verbais que são constituídos de humor, sarcasmo e criticidade, e isso instigou a plateia a torcer pelo melhor MC, que se destacou no momento do ato de fala que se realizou no jogo de linguagem da batalha de *rap*. Para um MC se destacar do outro é preciso um vocabulário rico e experiência.

No *rap* o que importa não é só a rima, ou as palavras, mas todo conjunto de enunciados, visual e verbal, pois, “o foco está nos processos linguageiros como modo de ação, formas de vida. Passam assim a ser seguidas as práticas discursivas emancipatórias de rede e de associações contra-hegemônicas” (ALENCAR, 2017. p. 102), pois de trajes simples (Cf. figura 8 e 9), na maioria das vezes camisa, bermuda e chinelo, o MC expressa confiança em ser o porta voz da sua comunidade e expor verbo-visualmente suas vivências. Levando em conta isso, o enunciado visual do MC Dieguin, que sempre se traja de rastafári no cabelo, black power ou gorro, está imbricado a outros enunciados que reafirma as práticas da cultura negra em seu vestir/agir, isso nos faz perceber o lugar em que o *rapper* se situa e se identifica. Para mapearmos essa análise, nos respaldamos conforme Munanga e Gomes (2016, p. 178) ao afirmar que:

ao nos referirmos ao segmento negro da população brasileira, tanto a dimensão cultural (linguagem, tradições, ancestralidade) quanto a racial (características físicas visivelmente observáveis, tais como cor da pele, tipo de cabelo etc.) são importantes e estão articuladas. Ambas devem ser consideradas em conjunto (e não de forma separada) quando falarmos sobre a complexidade do que representa “ser negro no Brasil” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 178)

Portanto, podemos identificar também no agir do MC (Cf. figura 8,9 e 10) seu signo visual, tais como gestos rápidos e fortes, que no instante enunciativo o *rapper* caminha ligeiro de um lado pro outro, assemelhando-se seus passos com a velocidade em que é proferida as suas enunciações. Além disso, suas mãos em movimentos frenéticos transmitem através do corpo a intensidade da revolta,

indignação e reexistência que esse jovem carrega em seus discursos. Segundo Volóchinov (2017, p.113) “o signo transforma-se no palco da luta de classe”, pois nele se entrecruzam diversas acentuações que se confrontam. Por isso, vimos esse confronto quando o MC Dieguin assume tais enunciados visuais no seu ato de fala, que adquire um acento valorativo simbólico, por que ao falar de luta ele ergue o braço ao alto, não somente ao final, mas também diversas vezes durante seu ato enunciativo, com o punho cerrado (Cf. figura 11), que é um símbolo usado como um cumprimento para demonstrar força, unidade, luta e resistência negra perante a violência, assim seu enunciado remete a um “já dito”, que é o ato simbólico visual do punho cerrado, corroborando com essa significação.

Figura 10 – 2ª Batalha do Dragão: MC Dieguin no primeiro duelo



Figura 11 – 2ª Batalha do Dragão: MC Dieguin no final do primeiro duelo



Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, concebemos a prática do *rap* como uma forma de vida do movimento social militante e a batalha, o sarau e a oficina realizados pelos jovens militantes, como um jogo de linguagem integrante desta forma de vida, pois usa a

linguagem para lutar realizando uma ação que acontece constituída de recorrências, tais como; discursos embebidos de rimas e denúncia social, performance corporal intensa de movimentos rápidos e corpos posicionados ao centro ou um de frente para o outro, retomando o significado de enfrentamento, embate e luta, turnos de fala específicos a cada *rapper*, e etc.

Então, segundo Bonfim (2016), “entender a linguagem, enquanto constituída por jogos de linguagem, é compreender que o processo de significação se realiza sempre nas situações de uso concreto da linguagem, nas formas como nós empregamos as palavras.” Assim, entendemos também que os jogos de linguagem dialogam entre si, pois o jogo de linguagem sarau se relaciona com o jogo de linguagem batalha de *rap* que, por sua vez, manifesta uma forma de vida, a prática do *rap*, realizado pelo MC Dieguin a partir de um posicionamento contestador em suas canções e enunciações engajadas.

8.3 A ALITERAÇÃO NA POESIA DO COTIDIANO

Aliteração é uma figura de linguagem da Língua Portuguesa que consiste na repetição dos sons de consoantes iguais ou semelhantes. Ou seja, é a repetição de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras no mesmo enunciado ou verso, visando obter efeito estilístico. Esse efeito estilístico é adquirido pelo MC Dieguin em seus enunciados estabelecendo seu estilo discursivo. Além do efeito estilístico estético, a aliteração, assim como o *rap*, possui um efeito estilístico sonoro desencadeado pelas rimas e pelas repetições das letras iniciais das palavras. Logo, percebemos que esse estilo sonoro dialoga com o repente que se trata de uma tradição popular bastante conhecida e realizada no nordeste brasileiro, que possui uma origem ainda hoje controversa. O repente se materializa por meio de narrativas cantadas por violeiros marcadas pela luta versejada entre dois cantores que se alternam, complementando ou provocando um ao outro. Então a performance dos violeiros de repente se assemelha à batalha de *rap* dos MCs. Afinal, além de ambos se ancorarem nas rimas métricas que compõem a narrativa, o seu discurso se realiza em meio a um enfrentamento, uma luta de rimas, de ideologias e improviso. E, diante disso, segundo o Dicionário Aulete um dos significados da palavra

repente¹³ corresponde a “improviso recitado ou cantado”, ou seja, é a ação do violeiro e do *rapper* de cantar suas rimas improvisando-as.

Assim, a materialidade singular do enunciado constituído pelo estilo da aliteração comprova a consolidação de um processo de experiências de letramentos de reexistência, com os quais o MC em diálogo com a sociedade constrói seu discurso. Por isso, nessa seção percorreremos pelos traçados das aliterações que se materializaram no discurso do *rapper* em seus jogos de linguagem: oficinas, saraus e batalhas.

Em maio de 2018, após o Sarau Amorbase, conversando com o MC Dieguin ele proferiu o seguinte relato, “a juventude tá muito ociosa, só pensa em atos violentos, temos que trazer essa galera pra junto da gente, pra fortalecer”. Logo após, o jovem e a prof^a. Dra. Claudiana foram convidados pela comunidade para desenvolver uma oficina na ação da campanha da fraternidade Juventudes e superação da violência, que aconteceu na Capela Santa Cruz do Itapery. A oficina Juventude e Prevenção da Violência: oficina de letramentos se concretizou por meio de diversas mãos, MC Dieguin, Claudiana e eu, que logo depois também fui convidada para essa ação. Ao planejar e executar a oficina pensamos na questão da denúncia e do anúncio existente nas letras de *rap* dos MCs.

A partir disso, juntos como pesquisadora-participante e pesquisado-participante estudamos e buscamos uma forma de contribuir para mudar a realidade desses jovens por intermédio do ato de anunciar e denunciar. Após a realização da oficina, nos surgiu a ideia de desenvolver oficinas para usar as palavras de paz como ferramenta para superar a violência, os traumas, os pensamentos degenerados, isso por meio da gestão dessas emoções.

Então, nos reunimos para planejar as oficinas em uma noite de quinta-feira, eu, MC Dieguin, o *rapper* Adailson e a Tamires, uma amiga e aluna da graduação de Letras da UECE que já desenvolve um trabalho de Educação de Jovens e Adultos no bairro da Serrinha e demonstrou interesse pelas oficinas. E esse foi o momento em que surgiu o Pra Si Paz.

As oficinas do “Pra Si Paz” aconteceram de agosto a novembro de 2018, quinzenalmente aos sábados à tarde na Amorbase, como estratégia também de fortalecer o fluxo de jovens no espaço da associação. Pautado nas artes, tais como

¹³ Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/repente> > Acesso em 01 nov. 2018.

música, dança, desenho, poesia e principalmente o *rap*, levamos para as crianças e jovens assuntos e diálogos acerca do preconceito, racismo, feminismo, violência na periferia, sonhos, cuidar do outro, luta, escolhas, vontades, etc.

Dentre as oficinas que aconteceram no Pra Si Paz, dois encontros foram destinados para explorar a compreensão e prática da poesia periférica, marginal e do *rap*. Para isso, MC Dieguin e o *rapper* Fábio Júnior, que estiveram à frente desses momentos, expuseram suas rimas como forma de introduzir tanto a estrutura poética como o contexto situacional do lugar onde vivem. Nessa lógica, procuramos aqui discutir sobre as relações de sentido das canções, principalmente as construídas de aliterações, que estruturadas no estilo do MC se estabeleceram entre enunciados e/ou discursos uma vez que as (re)significações foram construídas dialogicamente. A seguir, veremos na linguagem visual o MC Dieguin e o *rapper* Fábio Júnior construindo uma rima improvisada e coletiva juntamente com algumas crianças e jovens que estavam presentes na oficina do Pra Si Paz.

Figura 12 – 3ª Oficina Pra Si Paz



Da esquerda para a direita, de pé Maderson, Geová, Rafael, Amanda, rapper Fábio Júnior e Gabriela. Sentados, Gílian, Francisco, Francielle e MC Dieguin.

Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, podemos identificar que os *rappers* em seus discursos narram situações recorrentes na comunidade em que vivem, desse modo, também estabelecendo compreensão ideológica com os interlocutores, as crianças e jovens presentes nas oficinas. Confirmamos isso analisando o enunciado do *rapper* Fábio Júnior que diz que “informação nosso escudo, nossa espada, nosso guia, o diploma que eu ganhei foi de autêntico favelado [...]” (FÁBIO JÚNIOR, 2018).

Mediante isso, com base nos estudos do Círculo Bakhtiniano, além do *rapper* demonstrar a importância que tem a educação para se orientar e se proteger, ele refuta sua identidade como favelado, significando que sua informação e conhecimento foram adquiridos por intermédio de suas vivências na favela, vivendo como favelado, e é isso que lhes guia, protege e lhe dá poder. Nesse ponto de vista, retomando a aliteração, verificaremos o enunciado concreto a seguir proferido pelo MC Dieguin nas oficinas:

[...] Perdi parceiros, primos, parentes para prisão, porque preferem pagar pra PM perfurar pulmão. Preferem pessoas possuídas pela perdição. Pivete pirado pedindo por pó, perpetuando piração. Pobres prostitutas pegando ponto pelo pão, presas pela profissão, parceiro principal, político pistoleiro, petroleiro, pagão. Práticas perversas, passatempo predileto pedir pra polícia proibir passeatas, protestos. Paro perplexo! Peço poder pro povo preto! Pobres periféricos passando por piores pesadelos! Prefiro periferia pintada, pichada, pincelada por poemas perfeitos [...] (MC DIEGUIN, POESIA PARALELA, 2018) (grifos nossos).

A título de compreender os sentidos estabelecidos pelo signo ideológico que constitui o enunciado acima, é imprescindível verificarmos a tematização enunciativa. Então, os aspectos enunciativos extra verbais tratam-se de uma oficina de palavras de paz, que está abordando o *rap*, prática bastante comum na localidade. A ação é realizada na periferia para crianças e jovens moradores da comunidade que vivenciam cotidianamente situações de violência e descaso social por possuírem condições mínimas de sobrevivência. Por isso, os sentidos estabelecidos pelo discurso do MC na canção *Poesia Paralela*, estabelecem relações dialógicas com os sujeitos interlocutores atribuindo-lhes um viés consciente. E para isso, de acordo com Volóchinov (2017, p.97) “a consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo de comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLÓCHINOV, 2017, p.97). Vejamos a seguir a aliteração na íntegra:

Poesia Paralela
MC Dieguin

Palavras potentes pro pente permanecer perigoso, pra picar político palhaço pelo papel preguiçoso. Perdi parceiros, primos, parentes para prisão, porque preferem pagar pra PM perfurar pulmão. Preferem pessoas possuídas pela perdição. Pivete pirado pedindo por pó, perpetuando piração. Pobres prostitutas pegando ponto pelo pão, presas pela profissão, parceiro principal, político pistoleiro, petroleiro, pagão. Práticas perversas, passatempo predileto pedir pra polícia proibir passeatas, protestos. Paro perplexo! Peço poder pro povo preto! Pobres periféricos passando por piores pesadelos! Prefiro periferia pintada, pichada, pincelada por poemas perfeitos. Peito palpita, pulso pesa, permaneço pensando, pouca pressa, peça principal pra picar panaca palhaço portando pó, paletós, pequenos potes, pois poste, propina partida pros partidos parasitas! Pareço pessimista, país puteiro, putaria, prostituição, pancadarias. Precarizam políticas públicas para pivetes, políticos proliferam, propagam pragas, pestes, PECs, percebe? Podre poluição permanente presente! Pente prepotente, pertinente, percuciente, perene. Perduram patifes para pessoas pedintes.

População preta, parda, pobre, periférica prefere periferia pintada pela poesia. Pivete parado pela polícia portando prosas, poemas pautando problemas, pois partidos políticos pararam praças prometidas para pessoas psicologicamente perdidas pelo podre processo “paz para poucos”. Pipocos partidos pela pistola parecendo proposital. Produzindo propaganda para programa policial. Priorizando pretos para personagem principal. Permaneço pesado, perturbado, psicótico, pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. Petróleo, preciosas pedras, pescas pros paranoicos persas, patetas perderão petecas. Pavoroso, poderoso pavilhão partindo pé, peito, pulmão, pescoço. Pacientes preferidos populares, professores, pescadores, padeiros, pedreiros, padres. Protagonista, personagem principal, provoço, protesto, proponho, planejo planos, projetos, programa, peço, persisto pro povo progresso!

Papiloscopistas, perícias, polícias, patrulha prossegue pegando propinas, pulgas. Pátria propícia pune plebeus. Protege patrício psicopata profissional. Patrimônio prostituído pelos portugueses pegando pau. Preferem priorizar passageiros pedófilos pro paraíso primordial. Planeta picareta, promíscua poder potencial. Pareço psicodélico pintando, pichando paredes pedindo por paz psicossocial.

Diante deste resgate sociocultural, analisando o enunciado, observamos que o MC Dieguin construiu a aliteração fazendo uso da consoante P no início de todas as palavras, ou seja, usando apenas palavras que se iniciam com a letra P. Podemos considerar que o enunciado adquiriu um valor social na comunicação do MC, e assim, adentra no mundo da ideologia, tomando forma e consolidando-se ao significar a violência que existe na Serrinha em que seus familiares e amigos foram presos, e/ou mergulharem no mundo das drogas e da prostituição.

No entanto, de acordo com a Análise Dialógica do Discurso, o signo ideológico é capaz de atribuir sentidos diferentes cada vez em que é usado, a depender da situação histórica concreta em que se materializa. Assim, em sua

enunciação verbal o *rapper* estabelece uma reexistência na sua prática de letramento ao pedir poder ao seu povo, ao povo preto, estabelecendo o signo ideológico periferia com duas realidades; uma composta por sujeitos que foram consumidos pela violência, mas que ainda existe outra; aquela que luta e reexiste para sobreviver e alcançar melhorias, como é o caso desses jovens *rappers*. Portanto, apesar da existência de ofertas de caminhos fáceis e violentos de se encontrar, com base na enunciação verbal: “Prefiro periferia pintada, pichada, pincelada por poemas perfeitos” (MC DIEGUIN, 2018), o jovem MC escolhe o caminho da arte, dos “poemas perfeitos”, através da prática do *rap*.

Mais adiante, observando o seguinte enunciado verbal: “População preta, parda, pobre, periférica prefere periferia pintada pela poesia. Pivete parado pela polícia portando prosas, poemas pautando problemas” (MC DIEGUIN, 2018) identificamos que o *rapper* ao usar o substantivo “população” confirma esse sentido que agora estabelece que essa preferência pela arte não se destina apenas ao seu desejo individual, mas que é uma vontade de todos os moradores da periferia que querem mudanças positivas no cenário atual em que as crianças e jovens são consumidas pela criminalidade violenta.

Com base nisso, na aliteração *Caneta Carrasca*:

Caneta Carrasca MC Dieguin

Com caneta carrasca critico Cunha canalha criminoso. Cavo covas colocando cada corpo. Corvos comem couro criticamente carbonizados. Corporação corrupta crucificada com cadeado.
 Convido cada crápula conhecer comunidades carentes, crianças castigadas com correntes, carregando carabinas competentes, cortando cocaína conforme comanda cínicos clientes.
 Cientistas cientes criam calabouços clandestinos com cidadãos capturados conscientes. Corja cleptomaníaca convive contente com coveiro cansado coletando cadáveres contrabandeados.
 Corsários capitalistas cometem carnificina, contribuindo catastroficamente com crescentes cemitérios. Cautelosamente, com critérios, critico: Criminalista, cadê cárcere com chefia corrosiva? Coíbo com corretivo covil congregado com corruptíveis criaturas, crueldade culminante, covarde, caracterizada cúpula. Cresci com coração coberto com cultura cearense, cogito combate contra calamidades caóticas, cuja, cobiça cristais, corpos, córnea. Consulados, classificam-se claustrofóbicos consumados circenses. Clamo cidades. Cigarra canta chuva.
 Canto ciladas contaminando crânios com cavidade cumula. Censuro comandantes, cabos, capitães, Coronéis, chefes; contestam conhecimento construído com conotação comunitária.
 Condenam cultura, cantos, cânticos, cantigas capacitadas certamente com correção carcerária.

Cerro candidato casmurro, com cédulas criam-se canudos. Cheiram choro com chumbo. Chofer chega com coquetel, chope, churrasco, charuto. Cidadania convive com cicatriz coletiva, cofre clausurado com cura cisma cintilante centrífuga. Caralho! Civilização casta, contesta contextos. Cadente, cadete caduco continua cagando cadeias, carpetes, casebres. Cômico cômico, com comicidade cerebral comunico com clareza canções consequentemente coesas! Com certeza continuarei colidindo com classe chique corriqueira, corteja controlar continentes, caçar cada carente confiscado calmamente. Chacina cara, chacinam caras; católico, categórico, cabos com caras, carcerejando calúnias, conspirando com certa culpa cochichando cagatório.

Podemos verificar o seguinte enunciado, “com caneta carrasca critico Cunha canalha criminoso” (MC DIEGUIN, 2018) e perceber que é por intermédio da escrita do *rap* – da caneta carrasca – que ele critica as autoridades criminosas. Então, no pensamento bakhtiniano, entendemos que, quando as palavras são interpretadas como signos, elas passam a refletir outra realidade. Assim o signo ideológico “Cunha” representa não somente o sujeito Eduardo Cunha, mas todas essas autoridades. Ou seja, representa aqueles que compõem a classe dominante detentora do poder diante da periferia. E para compreendermos o sentido histórico que deu origem ao enunciado concreto precisamos pontuar que Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, é o político que mais se destacou no ano de 2015 ao ser investigado pela Operação Lava Jato e principalmente por contribuir significativamente com a abertura do processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff.

Ainda, o MC traz a temática dos programas policiais e do meio político com base em um matiz degradador de corrupção, morte e vítimas. Analisando a enunciação concreta da aliteração construída com a letra V;

Vitor Valim verme voador vai voltar voado! Vacilão vive vendendo votos, vibra vendo vastos velórios. Valorizo verdadeiramente velhos versos, vejo vermelhidão vivificar velhacos vagos. Vivo vidrado vendo violentos vilões vingativos. Viaturas velozes varrendo vítimas virando vício. Vazou vários vídeos, violam vestígios. Vândalos viperinos viram vitalício.

Identificamos a importância da poesia para o *rapper*, ao proferir que “valorizo verdadeiramente velhos versos”. Além disso, MC Dieguin discursa sobre o “Vitor Valim”, assim como na canção Partindo o céu da boca, aqui seu enunciado estabelece significação de um sujeito que erra por vender voto e contribuir por meio da espetacularização em seu programa policial com a violência nas favelas, “vacilão vive vendendo votos, vibra vendo vastos velórios”. Trazendo a tematização do

discurso do *rapper*, Vítor Valim é um apresentador de programa policial que atinge bastante audiência televisiva, programa Cidade 190, e também uma personalidade engajada no âmbito da política brasileira como deputado federal.

No entanto, analisamos que, nas suas aliterações, o discurso do *rapper* é embebido de um constante embate de sentidos. Em que por um lado ele significa traços da realidade cotidiana difícil da periferia como vimos anteriormente, em contrapartida ocorre a ressignificação da periferia ao estabelecer que essa realidade é vencida dia após dia por intermédio das práticas culturais. Afinal, o MC diz que “cresci com coração coberto com cultura cearense” e que preferem que a periferia esteja cheia de cultura, pintada por poemas perfeitos, do que repleta de atos violentos. Portanto, o MC Dieguin como sujeito pertencente da comunidade faz uma exaltação à cultura existente de onde vive e usa o *rap* para conscientizar os jovens negros e pobres de sua condição de desprivilegiado socialmente, os incentivando a lutar por melhores condições de vida. Então, nesse sentido, analisaremos a fotografia a seguir que registra uma parte dos participantes do segundo encontro das oficinas sobre poesias e *rap*.

Figura 13 – Pra Si Paz: Oficinas de círculo de cultura de paz



Fonte: Arquivo pessoal.

Diante desse texto não verbal, percebemos a heterogeneidade dos sujeitos participantes das oficinas, crianças e jovens de idades diversas que vivenciaram, junto com os *rappers*, o jogo de linguagem oficina de poesia/*rap*. Como identificamos acima, os elementos que compõem a imagem dialogam com os sentidos estabelecidos pelo discurso do MC Dieguin, pois o signo visual revela sentidos, ao passo que investigamos juntamente enunciado verbal e visual, ou seja, a importância da cultura nas práticas dos sujeitos da oficina são reafirmados/confirmados ao entendermos os signos visuais da imagem, que ao fundo situa-se um dos jovens participantes da oficina erguendo um violão.

Assim sendo, com base na teoria bakhtiniana, o signo surge entre indivíduos somente socialmente organizados, então, o signo “violão” estabelece tais sentidos como; elemento musical que representa a arte da música, do *rap*. Elemento este que está situado ao centro da imagem e acima dos sujeitos, dessa forma, significando a arte, a prática cultural como algo prioritário e soberano na vida desses jovens. Além disso, na lateral esquerda da imagem, logo abaixo, uma das jovens segura um pandeiro. Esse ato responsivo reforça a abrangência de jovens ali que estabelecem contato com a cultura musical que ocupa uma devida importância em suas vidas.

Portanto, compreendemos que o que acontece é que a camada midiática e a classe social alta só perpetua o lado violento da comunidade, assim, atribuindo apenas este sentido ao signo “periferia”. Contudo, no embate com ideologias hegemônicas e estereotipadas, os moradores e suas práticas cotidianas nos mostram a cultura, o letramento reexistente ao realizar movimentos socioculturais, autonomia e engajamento da juventude periférica ao resistir sobrevivendo a um cotidiano difícil, de poucas oportunidades e reexistindo, se reinventando por intermédio do conhecimento e da prática cultural.

8.4 DA “RUA” PARA DENTRO DAS ESCOLAS/UNIVERSIDADES

Segundo Volóchinov (2017), a consciência só passa a existir quando tomada pelo conteúdo ideológico que estabelece significação pelos signos, estes que surgem apenas no processo de interação social. Dessa forma, em nosso caminhar exploratório, é possível afirmar que, por meio dos letramentos de

reexistência, o MC Dieguin se engajou em levar seus conhecimentos, contestações e rimas aos âmbitos educacionais como tentativa de caminhar por uma conscientização através da palavra, desenvolvendo oficinas de rimas, de *rap* e de cultura de paz e reexistência.

Ao realizar em sua comunidade oficinas voluntariamente para crianças e jovens, o MC Dieguin entende não só a premência de resistir a um modelo de letramento excludente, mas como também ao de apresentar outras formas de agir, ensinar, fazer e criticar. Dessa forma, o jovem não apenas resiste, mas reexiste. Então, para isso, se empenha em realizar um “trabalho” para que seja reconhecido como um âmbito de transformação e educação coletiva. Assim, estabelecendo nessas suas práticas de letramento uma forma de vida de reexistência juvenil, já que para Wittgenstein nossas formas de vida são coletivas e culturais. E sob as lentes da Análise Dialógica do Discurso, é possível perceber que como a palavra em seu cerne é um ato bilateral, é indispensável sua orientação, pois, “toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205). Afinal, a palavra é orientada e determinada tanto pelo sujeito o qual a profere como para quem ela se direciona.

Isto posto, pontuaremos a seguir três momentos em que o MC levou a cultura periférica do *rap* da Serrinha para os contextos de ensino a partir de um viés didático e estratégico sem deixar de ser situado a realidade enunciativa, expondo sua rima, suas ideologias, ensinando e ajudando crianças e jovens a produzir também sua poesia. O primeiro momento aconteceu quando foi convidado pela contadora de história Mirian Abondancia para desenvolver uma oficina de poesia na 7ª Oficina de contação de história Viva a Palavra 2017¹⁴. De pronto, MC Dieguin não hesitou e não só aceitou o convite, como também posteriormente percebeu a importância que tem nas crianças moradoras do bairro ter contato contínuo com a cultura, pois segundo o *rapper* “essa juventude tem que se ocupar com cultura, ocupar a mente, pra aliviar a cabeça”.

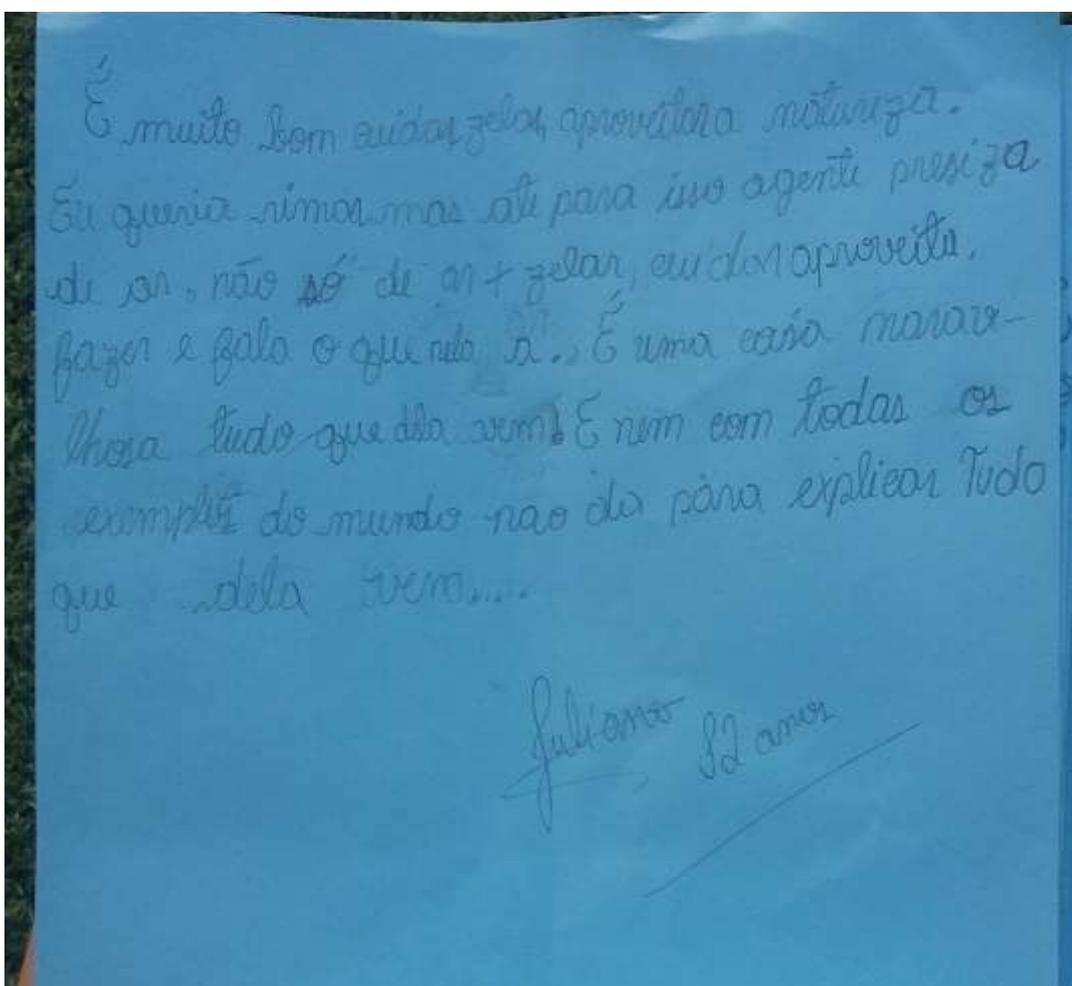
E assim, em uma tarde quente na comunidade Guaribal, no pátio da escola Instituto Infantil Irmã Giuliana Galli, crianças e adolescentes ouviram atentamente a contação de história da Borboleta Lilica e o grilo Criqui. Ao final

¹⁴ Panfleto de divulgação da contação nos anexos.

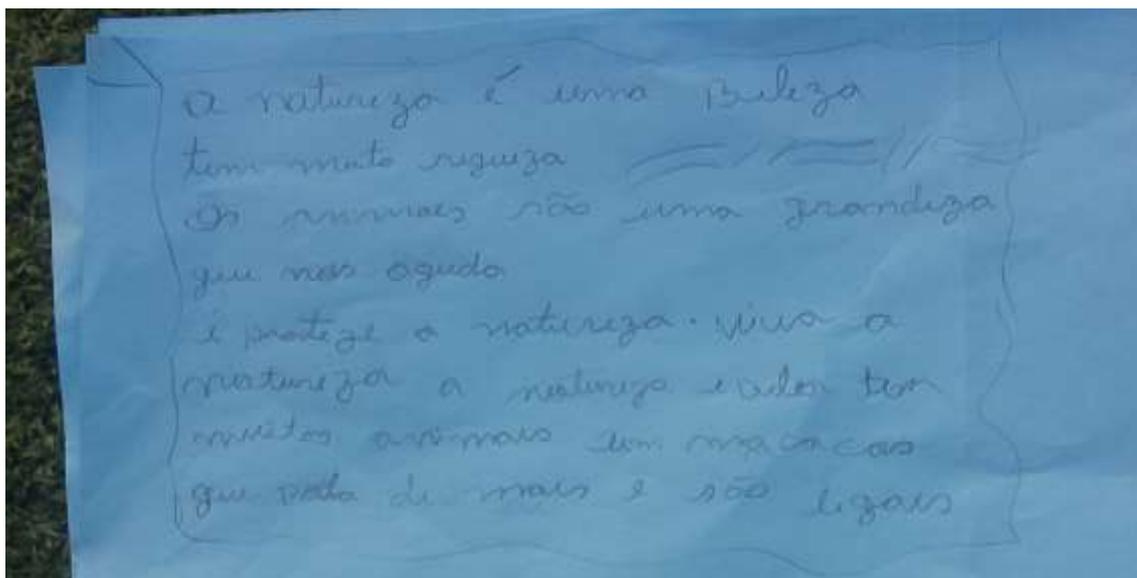
formaram-se grupos e o MC Dieguin cantou um *rap*, a canção *Diário de um maluco*, e os orientou juntamente com membros do Viva a Palavra para a construção de uma poesia sobre a natureza.

Para isso, o *rapper* tomou os seguintes caminhos metodológicos para a realização da oficina: a compreensão do assunto da poesia, a busca por palavras semelhantes para desencadear a rima, a atenção à escrita e, por fim, o estímulo e prática da leitura da sua poesia. Esse percurso metodológico foi observado em todas as atuações do MC referente à prática e ensino do *rap*/poesia em ambientes educacionais. A seguir, selecionamos a sequência de três imagens deste momento.

Figura 14 – Poesias produzidas na oficina



É muito bom cuidar, zelar, aproveitar a natureza. Eu queria rimar, mas até pra isso a gente precisa de ar. Não só de ar mais zelar, cuidar, aproveitar, fazer e falar o que nela há. É uma coisa maravilhosa tudo que ela vem. E nem com todos os exemplos do mundo não dá pra explicar tudo que dela vem. (Juliana, 12 anos)



A natureza é uma beleza, tem muita riqueza. Os animais são uma grandeza que nos ajuda e protege a natureza. Viva a natureza, a natureza é bela, tem muitos animais, tem macacos que pulam demais e são legais. (Lissandro, 10 anos)
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15 – Momento de ler as poesias produzidas: Elenita, 11 anos



Fonte: Arquivo pessoal.

Apesar de a canção *Diário de um maluco* narrar alguns fatos tristes e violentos, torna-se uma narrativa comum às crianças e jovens do bairro da Serrinha, por contar situações corriqueiras da realidade em que eles vivem, ou seja, se estabelece como um reflexo da realidade dos interlocutores. Primeiramente vejamos a canção a seguir, para depois analisar alguns enunciados:

**Diário de um maluco
Enquadro Rap**

Hoje o dia foi difícil pensamento oprimido morreu mais um menino na rua do seu vizinho, que acha que é normal, morreu um marginal, jogado no pantanal e que passou no canal 12 com vários tiros de 12, não chegou aos 14 anos de idade, pra muitos já era tarde, pra outros só o começo, hoje a gente tá na vida e amanhã nós paga o preço.

Queria jogar bola pra esquecer o desespero, mas aqui falta escola, quadra, campo e um goleiro. Acabou foi o arrego, também se foi o perdão, meus amigos foram mortos, não tem time campeão! Mas cadê a diversão, saúde e educação que falta pro meu povão? Tô cansado de escrever tanta letra sem refrão, minha voz é que me faz ter liberdade de expressão. Se liga então!

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar? (refrão)

Porra, não dá! Não tem como deter, mais um jovem assassinado com 10 tiros de pt, já passou foi na TV, no jornal e também no rádio, a gente passa fome, mas trabalha como escravo. Que porra de vida errada, mais um garoto na jogada, eu só queria um pouco de paz pra alegrar aqui as áreas.

Hoje o dia foi tranquilo pensamentos nos meus livros que me dão muito juízo pra esquecer o extermínio. Todo dia no trabalho cansado e sem ninguém, pensando na minha vida como ela vai e vem. Ontem a noite na madrugada eu tive um sonho da pesada, um sinal ou um alerta, parecia uma quadrada, acharam minha calça, fui levado no camburão, vi meu mano sendo solto e apertando minha mão. Realidade ou ilusão? Não sei por que sonhei com tiros, a liberdade foi embora e eu perdi muito com isso. Acordei atordoado procurando entender, um sinal ou um alerta, eu já vi acontecer. Escrevendo essa letra me arrepio até agora, todo mundo me deixou e eu fiquei fora da copa, quem sabe lá no sinal ou talvez no hospital, na fila de espera de um transplante cerebral.

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?(2x)

Diário de um maluco se é assim, então repúdio! Pode fazer barulho minha mente é meu escudo, que tamanho absurdo que por aqui muitos não crê, eu nasci desde pequeno programado pra morrer, sem saber nem o por que que tudo isso acontece, abandonado desde cedo e do mundo se esquece. Saiu uma manchete, “menina morta estuprada”! Aqui a calada da noite vem pra te como uma granada, que te mostra a verdade na cara, que chuta o seu vira lata, por aqui os canalhas safados usam terno e gravata.

Não falo besteira, eu falo a verdade, o que acontece com a gente vira história mais tarde, porque viver é uma arte e eu tô nessa também, sou um daqueles que sonham pensando em ser alguém. Não tenho mais caderno

com alguma folha em branco, foi tudo rabiscado em 9 horas trabalhando, sou mais um tô precisando, tenho que acreditar que depois de alguns anos tudo aqui vai melhorar, se eu pudesse assim voltar e no passado resolver, acabar com as desgraças que se passam na TV, e assim poder viver num mundo melhor, brincando com a galera ou jogando um dominó.

De bobeira lá na praça ou então num reggae com a moçada, que agora é de graça todo domingo lá nas áreas, que foi onde eu nasci e me criei jogando bola, curtindo um Racionais, Legião e um Sabota. Andando de skate ou basquete na instiga, o lugar onde eu moro é chamado de Serrinha, Guaribal ou a pracinha todo mundo necessita educação de qualidade e melhores condições de vida. Um pouco de alegria e menos repressão, só passa na TV nossa humilhação! Descaso, revolta, é só o começo, por que o ódio tá no sangue de cada irmão guerreiro, e eu não sou mais um que tá perdido no submundo, aqui é Diego Martins diário de um maluco.

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar? (2x)

A partir disso, para mostrar melhor o modo de entender a construção dos sentidos nos jogos de linguagem, vejamos o seguinte enunciado do *rapper* referente à canção Diário de um maluco:

Queria jogar bola pra esquecer o desespero, mas aqui falta escola, quadra, campo e um goleiro. Acabou foi o arrego, também se foi o perdão, meus amigos foram mortos, não tem time campeão! Mas cadê a diversão, saúde e educação que falta pro meu povão? (MC DIEGUIN, DIÁRIO DE UM MALUCO, 2017).

Seu discurso proferido no jogo de linguagem oficina de *rap* e poesia relata uma história comum aos moradores de sua periferia, afinal, denuncia os fatos corriqueiros na favela, como a ausência de “diversão, saúde e educação que falta pro meu povão”. Dessa forma, significando periferia como um lugar precário das necessidades básicas, tais como escola e lazer, e que, por falta disso, muitos jovens são conquistados pela criminalidade, conforme anuncia o MC, “meus amigos foram mortos”. Nesse sentido, entendemos que, de certa forma, os homicídios possuem diretamente sexo, idade, nível social, cor e endereço, estando-os centrados em territórios exatos, ou seja, em comunidades sustentadas pela segregação social e local, faltando-lhes desde rede de serviços básicos à segurança pública. Afinal, “todas as pesquisas revelam que a probabilidade de ser morto ou matar aumenta em função dessas variáveis. A vulnerabilidade é maior para jovens, homens, negros, pobres e moradores das periferias” (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, p. 116).

Portanto, de acordo com os sentidos emergidos no discurso do *rapper*, o acesso à escola de qualidade e à prática de esportes seria uma estratégia para ensinar e ocupar corpo e mente da juventude periférica para a prática educativa, assim, “esquecendo o desespero”, ou seja, as dificuldades do dia a dia e conseqüentemente isso tiraria muitos do crime. Corroborando com essa análise vejamos que:

A falta de infraestrutura comunitária e a ausência de programas e projetos com objetivo de prevenir e reduzir homicídios podem agravar a violência nessas áreas. Assim, é necessário que se desenvolvam ações de prevenção que foquem na rede de amigos e familiares dos adolescentes mortos (ORGANIZAÇÃO INSTITUTO OCA, 2017, p.34).

A partir de suas escolhas semânticas axiológicas, MC Dieguin continua descrevendo a narrativa de sua história de vida, o título da canção se chama Diário de um maluco, e a canção se estrutura como um relato de um diário, o seu diário. Além disso, com base em alguns termos, “eu tive [...] minha calça, fui levado [...] vi meu [...] minha mão [...] sonhei [...] perdi [...] acordei [...] eu já vi [...] eu te escuto”, percebemos que este maluco mencionado no título e no refrão da canção é o próprio MC. Fundamentado nos estudos do Círculo Bakhtiniano que diz que a entoação da palavra é estabelecida por circunstâncias efêmeras e pela situação imediata (VOLÓCHINOV, 2017) consideramos que a interação verbal se realizou entre locutor e interlocutor imersos em histórias de vida semelhantes e que por isso estabeleceu a compreensão discursiva por meio da identificação. Analisemos então o trecho:

Ontem a noite na madrugada eu tive um sonho da pesada, um sinal ou um alerta, parecia uma quadrada, acharam minha calça, fui levado no camburão, vi meu mano sendo solto e apertando minha mão. Realidade ou ilusão? Não sei por que sonhei com tiros, a liberdade foi embora e eu perdi muito com isso. Acordei atordoado procurando entender, um sinal ou um alerta, eu já vi acontecer. (MC DIEGUIN, DIÁRIO DE UM MALUCO, 2017)

A sensação de o sonho ser realidade é significado no enunciado concreto pelo fato da temática de ser abordado e preso por policiais serem práticas constantes na vida dos jovens negros da periferia. Assim como o MC Dieguin, muitos jovens da comunidade também tem algum parente ou amigo na penitenciária, ao enunciar “vi meu mano sendo solto”, verificamos que o termo mano é uma gíria entre a juventude que significa irmão, e a palavra “solto” retoma ao sentido de ser liberto pelo sistema prisional. A cena de presenciar ou vivenciar uma abordagem e

uma prisão é algo habitual aos moradores da periferia. Por isso, o *rapper* lança questionamentos acerca de já ter vivido ou não essa situação, assim, estabelecendo relação dialógica com suas experiências, refratando o sentido de que essa ação policial é possível acontecer com o MC e tantos outros jovens que assim como ele se situam em algumas condições iguais aos jovens que são encarcerados, condições essas estabelecidas pelo estereótipo de ser jovem, negro, pobre e morador da periferia, logo, “o locutor e o ouvinte são, ambos, fundamentais para o processo de compreensão da realidade social” (GONÇALVES; GONÇALVES; GUEDES, 2015, p. 172).

Mesmo diante de narrativas sofridas ao final de sua canção, o MC traz em seu discurso “o lado feliz da favela”, o trajeto em que os moradores da comunidade escolheram para percorrer por intermédio principalmente da cultura, refutando o estereótipo de periferia estabelecido pela classe detentora do poder.

De bobeira lá na praça ou então num reggae com a moçada, que agora é de graça todo domingo lá nas áreas, que foi onde eu nasci e me criei jogando bola, curtindo um Racionais, Legião e um Sabota. Andando de skate ou basquete na instiga, o lugar onde eu moro é chamado de Serrinha, Guaribal ou a pracinha todo mundo necessita educação de qualidade e melhores condições de vida. Um pouco de alegria e menos repressão, só passa na TV nossa humilhação! Descaso, revolta, é só o começo, por que o ódio tá no sangue de cada irmão guerreiro, e eu não sou mais um que tá perdido no submundo, aqui é Diego Martins diário de um maluco (MC DIEGUIN, DIÁRIO DE UM MALUCO, 2017).

No trecho acima, percebemos que o discurso do *rapper* reflete e refrata a realidade de cada esfera ideológica que lhe constitui, atribuindo-lhe novos sentidos aos signos, ressignificando-os por intermédio de suas vivências e suas particularidades. Assim, identificamos o relato de suas influências, revelando seus costumes, sua práxis. Analisando o trecho “curtindo um Racionais, Legião e um Sabota”, identificamos as influências musicais do MC Dieguin ao referenciar os grupos Racionais MC, Legião urbana e Sabotage. O primeiro e o último grupo são de *rap*, e o segundo de rock. Dessa maneira, seu discurso realiza relação dialógica com suas influências musicais dando significado a sua prática que mescla o *rap* e o rock, afinal, MC Dieguin canta o *rap* muitas vezes não ao som de uma base de batida eletrônica denominado pelos *rappers* por *beat*, mas em cima do som do violão, instrumento musical que aprendeu a tocar por influência do rock da banda Legião Urbana.

Além disso, em seu enunciado, “cada signo ideológico não é um simples reflexo da realidade, mas também um fragmento material dela” (GONÇALVES; GONÇALVES; GUEDES, 2015, p.167), por isso, o ambiente da praça é o lugar do bairro em que crianças e jovens tem para lazer, assim como o *rapper*, que enumera as práticas culturais que acontecem no local, o reggae de graça todo domingo, o jogo de bola, o skate e o basquete. Nesse sentido, seu enunciado concreto significa sua reivindicação por “todo mundo necessita(r) educação de qualidade e melhores condições de vida. Um pouco de alegria e menos repressão”, no ato de exigir melhorias, o *rapper* também denuncia a repressão e o descaso existente na Serrinha, “e menos repressão, só passa na TV nossa humilhação! Descaso, revolta”.

Em vista disso, essa significação é reafirmada na canção *Rap na Periferia*, assim, vejamos a canção:

Rap na periferia Enquadro Rap

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa.

Pra você e pra minha família que trabalha todo dia um prato de comida não satisfaz as minhas cruas de rua, que não sabem o porquê do sofrimento, perambulando na madrugada se acabando no veneno, deixou o filho pequeno com instabilidade, moleque desde cedo foi pra criminalidade! Não importa a idade, falou a necessidade, pois, antes de entrar fazia muita amizade no parque de diversão, a criançada brincava e a alegria transbordava como primeira opção.

Na última oração falou inquieto, “por favor, meu Deus, me tire desse inferno, já tenho 19 e nunca entrei em algum colégio.” Resgate minha força para que eu possa me sentir bem, tô cansado de chorar e de tanto dizer amém, pro refém que tá alí plantado na boca, esperando o viciado vir comprar uma arroba!

Por que é daqui que eu vivo e me sustento, sou mais um abandonado que tá aqui se fudendo, mas é assim o sofrimento é só questão de tempo, uma hora tudo passa e eu acabo morrendo! Então se liga, um pouco de paz na periferia, pra todos os lugares e também vossas famílias.

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. (2x)

Necessita! Pra você que não sabe, então se liga. Por aqui é complicado, é raro viver a vida. O que a gente colhe aqui, amanhã já vai pra pista, trabalhador brasileiro é roubado até na Suíça. Que bando de canalhas, pilantras, tudo bandido. Fim da Rede Globo e os grupos de extermínio. Contas no exterior, e a sede no interior, nossas vidas se acabando em nome do seu doutor, que não sente alguma dor quando corta a merenda. Fim da violência do programa do Datena, que não sente alguma pena quando morre favelado, tô cansado de sofrer na mão desses arrombados!

Explorados desde o descobrimento do Brasil, quero que todos eles vá pra puta que pariu. Sistema carcerário, repressor do caralho, constroem mais presídios, não seja voluntário! Só querem nos tirar do colo de nossas mães,

usufruem de nossas vidas para poder gerar milhões de reais. Agora eu te digo, óh meu rapaz, por aqui a vida é difícil, meu povo é sofrido e eu falo demais, mas na cabeça daqueles que pensam calados saber não satisfaz.

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. (2x)

Tu acredita que aqui ninguém morre de bala perdida? Sou contra o extermínio da juventude da periferia pobre e preta! Que não se cala, não aceita a repressão que é imposta pelo lado da direita. Não se contentam com a riqueza. Cresce o zói, quer sobremesa. Em baixo da mesa com medo da chuva, a zona aqui é de risco, por favor alguém me ajuda! Me escuta! Não confunda necessidade com ambição, todos os dias eles matam com uma caneta na mão. Sem opção, a chuva vai levar a TV, a geladeira que eu dei duro pra comprar. Aonde eu vou morar? O barraco já vai cair, o esgoto a céu aberto tá querendo me engolir. Meu filho me chamando com tom de desespero, pai segura a minha mão, o lençol e o travesseiro! Quero mais condições pras famílias dos guetos, mais alegria, cultura e moradia. Eu quero muito rap na periferia!

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. (2x)

Dessa forma, a significação é reafirmada quando o MC diz “então se liga, um pouco de paz na periferia, pra todos os lugares e também vossas famílias” (MC DIEGUIN, RAP NA PERIFERIA, 2017), perpetuando a necessidade de paz no seu bairro, na sua periferia, já que a rotina na periferia é ver sujeitos “perambulando na madrugada se acabando no veneno, deixou o filho pequeno com instabilidade, moleque desde cedo foi pra criminalidade!” (MC DIEGUIN, RAP NA PERIFERIA, 2017), isto posto, aqueles que fazem uso de drogas, do “veneno”, acabam morrem cedo e isso desencadeia a desestruturação de uma família em que perde seu provedor. A partir disso, “a dependência química dos pais repercute sobre vários aspectos da vida dos filhos” (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 222), pois um filho órfão, fica sem amparo físico e emocional, e por falta de oportunidades e incentivo na favela, muitas vezes vivencia a mesma trajetória de seu referente, entrando na criminalidade.

Dessa forma, percebemos a existência de um ciclo, uma cadeia de vivência que repete o mesmo percurso mudando apenas os sujeitos. Validando os caminhos tortuosos do bairro da Serrinha com base no enunciado concreto do *rapper*, “Agora eu te digo, óh meu rapaz, por aqui a vida é difícil, meu povo é sofrido e eu falo demais, mas na cabeça daqueles que pensam calados saber não satisfaz” (MC DIEGUIN, RAP NA PERIFERIA, 2017), entendemos que o MC expõe a necessidade de externalizar e não ficar calado, “calados saber não satisfaz”, em

relação à vida difícil, ao sofrimento, à desigualdade, à repressão, ao extermínio, etc., e a prática do *rap* por meio da linguagem é como uma ferramenta para concretizar esse rompimento do ficar calado.

Seguindo nossa caminhada analítica, o segundo momento foi no dia das crianças no ano de 2017 em que vários movimentos sociais do bairro se mobilizaram para desenvolver uma ação para o divertimento e aprendizagem das crianças da comunidade. O intuito foi proporcionar um dia divertido e produtivo já que muitas delas são de famílias pobres que não possuem condições financeiras para nenhum lazer. Além da capoeira, futebol, pintura, leitura e dança também foi proporcionado conhecer as palavras e construir rimas a partir da Oficina de Rima *com Enquadro Rap*. Diante de uma tenda com varal de poesias periféricas e marginais, o MC Dieguin sorriu e fez sorrir muitas crianças com seus ensinamentos e suas rimas. Dentre elas Levi, um garoto que chegou timidamente e disse ao MC Dieguin que era seu fã e que seu sonho era saber rimar como seu ídolo. O *rapper* então dispôs toda atenção às crianças que estavam na tenda, dialogando sobre a realidade da comunidade para que elas pudessem construir suas poesias.

Em consonância com o pensamento do Círculo Bakhtiniano, analisando os aspectos que dizem respeito aos sentidos traçados pelo material visual (Cf. figura 16), percebemos que, a partir da unidade temática, oficina de poesia em frente a um córrego de esgoto a céu aberto, em uma escola filantrópica, no entorno de casas e barracos construídos pelos próprios moradores, identificamos a ressignificação do signo ideológico periferia. Afinal, o enunciado visual no plano de fundo da imagem retoma o discurso “já dito” de que a periferia é um lugar precário, de extrema pobreza, em que só há criminalidade e dificilmente existe acesso à educação e cultura. Contudo, entra em confronto com a situação histórica concreta de enunciação, estabelecendo a atualização do tema e a ressignificação do signo periferia a partir do letramento de reexistência do jovem MC Dieguin ao se engajar voluntariamente e cultivar práticas culturais do *rap* para as crianças e jovens da comunidade. Nesse sentido, constituindo a periferia como um lugar em que os jovens e moradores resistem às dificuldades cotidianas, buscando e perpetuando o conhecimento, a cultura, o crescimento e a coletividade já que “triste da família dos jovens meninos que desde pequeno não tem incentivo” (POMBA BRANCA, MC DIEGUIN, 2017).

Corroborando com isso, podemos analisar o trecho do *rap Partindo o céu da boca* quando o MC Dieguin ressignifica o signo ideológico periferia ao dizer que “aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio”. Então, mesmo diante da ausência de incentivo à cultura e à educação por parte dos órgãos responsáveis, os jovens da comunidade, a partir do seu letramento de reexistência, ou seja, dos seus conhecimentos adquiridos nas práticas cotidianas que envolvem leitura, escrita e oralidade, desenvolvem seu lado artístico, seu lado poético, que serve como uma cura, “como remédio”, para vencer as dificuldades do dia a dia.

Figura 16 – Levi, MC Vida Loka e MC Dieguin



Fonte: Arquivo pessoal.

E, por fim, no terceiro momento, podemos analisar o meio semiótico não verbal que compõe a cena da figura 17 e inferir que os signos visuais dialogam entre si e com os sentidos socialmente inscritos como veremos a seguir. A fotografia registra a participação dos *rappers* no Sarau de Cenopoesia do lançamento do livro *Discurso, fronteiras e hibridismo* organizado por Claudiana Nogueira de Alencar, Maria de Fátima Vasconcelos da Costa e Nelson Barros da Costa na Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará (ADUFC). Então, na imagem,

identificamos MC Dieguin à esquerda, e Fábio Júnior à direita, dois jovens *rappers* que seguram livros no mesmo posicionamento em que se porta uma arma de fogo.

A escolha responsiva pela sua ação nos ajuda a compor sentidos de que jovens negros da periferia geralmente seguram armas. Já os *rappers* escolheram usar os livros como suas “armas”, como ferramenta para vencer na vida, não seguindo o percurso da criminalidade, e sim do conhecimento através da prática cultural do *rap*. Essa escolha discursiva aponta uma tomada de posição por parte dos enunciadores em relação à multiplicidade de vozes sociais que permeiam seus discursos, consolidando com a ideia bakhtiniana de que nossos enunciados estão imbricados de ideologias sempre relacionadas às nossas vidas, à nossa realidade. Tendo em vista isso, o enunciado visual é reafirmado ao observarmos o enunciado concreto do *rap Diário de um maluco* no trecho que o MC Dieguin diz que “hoje o dia foi tranquilo pensamentos nos meus livros que me dão muito juízo pra esquecer o extermínio”.

Figura 17 - Sarau de Cenopoesia: Lançamento do livro Discurso, fronteiras e hibridismo. Orgs. Alencar, Costa e Costa



Na esquerda de camisa verde MC Dieguin e a direita de camisa vermelha Fábio Júnior. Ambos *rappers*, moradores do bairro da Serrinha e atualmente membros do Viva a Palavra. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir disso, percebemos que o MC declara que é através do acesso a leitura, aos livros, que ele resiste e contrapõe-se aos aspectos hegemônicos, ou seja, com base também na seguinte enunciação do *rapper* “minha mente é meu escudo” compreendemos que “alimentar” a mente com conhecimento é sua estratégia de superação ao extermínio de jovens pobres e negros que acontece na periferia, assim, possibilitando as variações temáticas para o signo “periferia”, pois, “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 32).

Ainda, a partir do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa On-line a palavra escudo¹⁵ significa “proteger, amparar, defender, qualquer coisa que sirva para defender de algum ataque ou perigo”, dessa forma, podemos analisar o matiz lexical da figura de linguagem enunciada pelo MC como o fato de que é por intermédio do saber que ele reexiste, inverte o estigma imputado a ele, escapa da invisibilidade social, transformando sua realidade pela ação, pela práxis, pois conforme Freire (1987).

Os homens que, através de sua ação sobre o mundo, criam o domínio da cultura e da história, está em que somente estes são seres da práxis. Somente estes são práxis. Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. [...] Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais. (FREIRE, 1987, p.52)

Além disso, investigando as ideologias que emergem nas relações dialógicas da imagem (Cf. figura 16) com os enunciados da canção *Diário de um maluco* proferidos pelo MC, o sujeito situado no ambiente acadêmico da Universidade Federal do Ceará (UFC), lugar em que moradores da comunidade dificilmente tem acesso, mesmo muitas vezes morando nas proximidades, revela seus anseios, pretensões e esperanças, ao dizer que “viver é uma arte e eu tô nessa também, sou um daqueles que sonham pensando em ser alguém [...] tenho que acreditar que depois de alguns anos tudo aqui vai melhorar”.

Consoante com Bakhtin (2015, p. 211) ao afirmar que “as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra [...] se nela se chocam dialogicamente duas vozes”, assim, identificamos por

¹⁵ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/escudo>>. Acesso em: 01 set. 2018.

um lado a voz do sujeito se posicionando como periferia, o ser da periferia é ser periferia. Ao enunciar que “tá nessa também”, que vivencia juntamente com outros jovens e moradores da comunidade os percalços de viver/ser na/da periferia. Mas que a prática do *rap*, por meio da arte e da educação, se constitui em linguagem de resistência e vozes emancipatórias, que articula o mundo vivido e seus problemas, do mundo como é percebido pelos interlocutores, engendrando sentidos de luta da periferia que resiste, acredita e sonha em alcançar novas melhorias.

Em contrapartida, há o embate com a voz da hegemonia discursiva socialmente esmagadora traçada sobre a juventude pobre e negra da periferia, principalmente nas páginas policiais da grande mídia, como retrata o *rap* nos seguintes trechos:

Não dá pra entender e eu quero saber por que 190 só filma você [...] O Barra Pesada espera você! [...] mais uma ocorrência pro Rota vim filmar [...] O sorriso estampado no rosto não é sinônimo de felicidade. Te engano com o brilho contido nos cílios, tão finos. No crânio só ódio, se afoga em maldade por conta da cena, sentença que é plena e aumenta o risco de jovens no vício, mas no papel de ofício o Cassiano desenha e não vira estatística para vários Datena. (MC DIEGUIN, PARTINDO O CÉU DA BOCA, 2018)

Nesse caminhar, analisando os aspectos extraverbais, vimos nos enunciados concretos acima do MC Dieguin que ele buscou alcançar os principais programas policiais das notáveis emissoras televisivas. Assim, é imprescindível entender que 190, Barra Pesada e Rota 22 são programas policiais brasileiros de grande audiência. Por isso, é importante pontuar que “em Fortaleza, a maioria dos entrevistados afirmou que a morte de seus filhos teve cobertura dos chamados programas policiais (66,4%). Em Juazeiro do Norte, todos os casos incluídos na pesquisa foram divulgados pela imprensa” (Organização Instituto OCA, 2017, p. 30).

E, além disso, seguindo na construção da significação explanada anteriormente, precisamos perceber a tematização dos programas policiais, ou seja, as relações lógicas e concreto-semânticas das relações dialógicas do discurso, Bakhtin (2015), do MC Dieguin. Elas nos esclarecem que esses programas possuem apresentadores relativamente fixos que são expressos no discurso do MC, tais como: Vitor Valim, Nonato, Ely Aguiar e Datena. Assim, hoje eles são umas das principais vozes das grandes mídias, porque possuem bastante audiência, principalmente da periferia, devido o atual momento político, histórico e social do

país em que a violência só cresce desenfreadamente. Nesse seguimento, compreendemos que “ao realizar-se no processo de comunicação social, todo signo ideológico, é determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social” (VOLÓCHINOV, 2017, p.110).

Com base no enunciado concreto do MC Dieguin, “A vítima vinha voltando pra casa, entrou foi no beco, sentaram o dedo, sem dó, sem respeito mataram o menor, foi na Marajó, cheirava loló, viciou fez um nó, pois aí olhem só, chegaram os bocós!”, o seguinte trecho ainda da canção Partindo o céu da boca, nos revela vivências realizadas cotidianamente pelos moradores da periferia ao serem vítimas, pois por falta de incentivo entram pro “mundo do crime”, e assim são vítimas das ações policiais que ao serem imersos na periferia já agem inicialmente usando a arma de fogo sem ao menos primeiro abordar o sujeito e saber sua procedência. Essas vivências, segundo o MC, acontecem especificamente na Rua Marajó, rua do bairro da Serrinha conhecida como um dos acessos principais do constante tráfego de veículos policiais.

Sustentando a significação do signo “periferia” como um lugar de esquecimento das políticas públicas e da falta de incentivo e oportunidade aos jovens moradores da favela, o *rapper* profere que “a oportunidade não bate na porta, disfarça no assalto, na mão a pistola, na raiva te mostro e apavoro que é tudo problema dos grandes negócios, do homem engravatado que tá no escritório assinando minha ficha pro reformatório”. Denotando então um repúdio a certos valores estabelecidos pela sociedade em que há o domínio do poder político e econômico. Esses valores então pregam que a devida maneira de combater e tirar os jovens periféricos da criminalidade é os prendendo em reformatórios. Com base nisso, retomamos as palavras de Bakhtin/Voloshinov (1976, p. 14) quando afirmam que “todos os elementos do estilo de uma obra poética estão também impregnados da atitude avaliativa do autor com relação ao conteúdo e expressam sua posição social básica”.

Então, consideramos aqui o *rapper* como o autor da sua obra poética que são suas canções de *rap*, construídas esteticamente por rimas e aliterações que se materializam por signos. Esses signos por um lado atribuem sentido ao signo “periferia” ao representar a realidade da vida social na/da comunidade carregada de situações comunicativas de uma camada da sociedade que, em muitas situações, é

excluída, mas que por outro lado, ressignifica “periferia” ao resistir e reexistir por meio de sua luta diária e das suas manifestações culturais.

Ainda analisando as enunciações do MC Dieguin a partir da canção “Partindo o céu da boca”, vejamos o seguinte trecho:

Então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia! Convida a família, galera arrepiada, esqueceu a ideia, se vira nos 30. Aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio. Que não é entregue nos postos de saúde, ajude várias vidas e essa atitude parte dos moradores que não aguenta uma ação truculenta, do sistema fascista preconceituoso e capitalista. (MC DIEGUIN, PARTINDO O CÉU DA BOCA, 2018)

Com base nesse enunciado, ressignifica a favela como um lugar de cultura e reciprocidade, onde todos se ajudam, pois, ao invés de terem assistência e o devido atendimento nos postos de saúde público, o que realmente acontece é o que o *rapper* denuncia em seu enunciado concreto, o sucateamento das unidades de saúde por falta de medicamento, em contrapalavra, anunciando o engajamento dos moradores da periferia ao se ajudarem por intermédio da cultura, da leitura, da poesia. Esse incentivo acontece principalmente na prática do sarau, realizado pelos jovens “na pracinha”, conhecida como Praça da Cruz Grande, o convite de “então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia!... se vira nos 30”, retoma as práticas culturais realizadas na praça, o sarau, que sempre tem espaço para a “voz” do povo em conversas (prosa) e poemas (periféricos) com o chamado “microfone aberto”, que é o momento em que as pessoas podem usar o microfone para expor suas ideias, pensamentos, arte, reivindicações, etc. Além disso, o signo “voz” retoma também o canto de alguns jovens artistas que sempre cantam ao som do seu violão, já a enunciação “esqueceu a ideia, se vira nos 30” retoma o já dito das regras do jogo de linguagem batalha de *rap*, que também acontece na praça, pois, nas batalhas em que há muitos participantes o tempo para cada *rapper* improvisar e proferir suas rimas, “a ideia”, é de 30 segundos.

Nesse sentido, de acordo com Wittgenstein (1989), ao afirmar que nossas práticas linguísticas são guiadas por regras, por uma gramática. Tal afirmação advém da analogia que ele faz entre o jogo e a linguagem. Então, gramática aqui é “compreendida como regras sociais que são aprendidas e construídas enquanto um saber aprendido socialmente pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem, a partir

de suas próprias experiências cotidianas” (BONFIM, 2011, p. 51). E por isso, entendemos que as ações que se concretizam em um dado jogo de linguagem devem seguir a gramática desse jogo que foi estabelecido sócio historicamente.

O *rap* além de ser uma prática cultural realizada pelos jovens que rompem a hegemonia estabelecida socialmente a respeito do jovem negro da periferia, também é uma ferramenta de denúncia das barreiras que os moradores da comunidade são submetidos a enfrentar. Alicerçado nos signos ideológicos que constitui o enunciado do MC, “também chega pra vê a favela animada, a comunidade organiza o sarau na praça é melhor ainda que é de graça, e é a dois, então chama a gata. De repente o repente da mente transborda em lágrimas, que agita a criança e que corre na mãe desamparada”, verificamos que o “repente¹⁶” estabelece relação dialógica com ao *rap*, seu estilo de se materializar por meio do repente, ou seja, significando “repente” a prática do *rap*. Além disso, a prática do letramento de reexistência do *rap* denuncia as barbaridades que acontecem na comunidade, e ao denunciar os interlocutores são tocados dialogicamente por compartilhar em suas vivências as mesmas ideologias perpetuadas pelo MC, e assim, “a mãe desamparada” se identifica ao ouvir sobre suas perdas e de tantas outras. E por fim, analisemos a canção *Pomba Branca*:

Pomba Branca Enquadro Rap

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. (2x)

Eu e você somos apenas passageiros, motorista ou trocador, se não for corre ligeiro! 5 da manhã hora de trabalhar, vou sair em de fininho pra ninguém me assaltar. Mas adianta de que? Estou sendo assaltado, o imposto tá em alta pro meu mínimo salário. Agora penso eu que trabalho todo dia, e vejo a molecada morrer na hipocrisia. Mas seja eu, seja você o seu pai ou o seu tio é só mais um pra estatística da porra do Brasil!

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro! Mas quem morre o dia inteiro? Essa pergunta é uma piada! O sistema tá lucrando enquanto a gente aqui se mata! Dona cegonha mandou mais uma criança, pra compensar aqueles onze que morreram sem esperança. Na rua da saudade, deixaram familiares chorando lágrimas de sangue de bandidos militares.

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. (2x)

¹⁶ Na seção 9.3 *A aliteração na poesia do cotidiano* explanamos o que é o repente e sua origem, assim também como a relação dele com o rap.

Tráfego de pessoas na zona da periferia. O meu cotidiano mata gente. O dia a dia da correria de quem vive só na agonia, de não ter o que comer e nem moradia. Eu vou falar pra você e pra dona Maria, que essa luz no fim do túnel é muita bala perdida! É muita bala perdida. Muita bala perdida! A vingança cometida da noite pro dia abalou a estrutura na periferia. Mas não esquece meu irmão, escuta o que digo. Se liga na porra desse extermínio.

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. (2x)

Os manos tão ligado que eu tô interado, não se fala de doido, não fique assustado. Não sou retardado que apoia o estado opressor do caralho, não gasta um centavo com o povo daqui, que tá se acabando nas guerras do tráfico ou PM matando. Não fique você parado e pensando que vai melhorar com polícia aumentando. Cansado de ver meus irmãos, meus amigos, entrar nessa vida só tem dois destinos, morrer baleado ou viver num presídio.

Entendo o motivo, puto eu fico. Triste da família dos jovens meninos que desde pequeno não tem incentivo. Não sabem o caminho do bem ou do mal. Não olhem assim, não sou marginal. Em frente à escola não posso estudar, vivo de esmola, meu pai e minha mãe passam fome lá fora, em baixo da ponte, deprimente história.

Realidade cruel que afeta o país, não seja mais um, não vire aprendiz, é o mundo do crime final infeliz. Agora escuta, vai ter que entender, quem nasce aqui não pode viver. Quem sabe um dia poder-te falar foi difícil viver, mas foi fácil matar. Quero crescer, não posso chorar. Não venha você querer criticar, não levanta o rabo da sala de estar, assistindo TV sem saber que agora fui morto a pauladas em frente à escola, pedindo esmola e você não me deu, pobre menino agora morreu. Liga pro SAMU, chama a ambulância. Avisa que aqui mataram uma criança! Esquece a ambulância, liga pro SAMU. Avisa que mataram mais um!

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. (2x)

Portanto, a canção segue estabelecendo os mesmos sentidos que pontuamos ao longo dessa subseção, ou seja, sustentando um cenário de uma periferia conturbada e atingida pela repressão policial e pelo crime local. Expor o descaso que existe na favela da Serrinha no ambiente educacional, em uma instituição pública de ensino superior no lançamento de um livro acadêmico em que estão presentes sujeitos de diversas classes sociais, fez-se uma “ponte” de entendimento do cotidiano de muitos moradores da comunidade com o conhecimento de pouco saber sobre essa realidade. A enunciação do MC Dieguin é um ato político de conscientização ideológica vinculada ao posicionamento responsivo dos sujeitos interlocutores em ouvi-lo em determinada situação de ato de fala marcado por posições de poder e de verdade. Uma canção cantada com o corpo e a voz, no ato de fala o MC emitia expressões faciais de indignação, andando de um lado pro outro em passos largos, fazia gestos com as mãos de acordo com o ritmo das batidas, como se orquestrasse por meio do seu corpo sua fala de tons e

sentidos fortes que aos poucos foram construindo o cenário sofrido e violento da periferia emergido em suas significações discursivas. A partir disso, ao narrar algumas situações rotineiras da periferia, os enunciados verbo-visuais do MC são compreendidos pelos sujeitos interlocutores. Assim, verifiquemos a seguinte enunciação:

Tráfego de pessoas na zona da periferia. O meu cotidiano mata gente. O dia a dia da correria de quem vive só na agonia, de não ter o que comer e nem moradia. Eu vou falar pra você e pra dona Maria, que essa luz no fim do túnel é muita bala perdida! É muita bala perdida. Muita bala perdida! A vingança cometida da noite pro dia abalou a estrutura na periferia. Mas não esquece meu irmão, escuta o que digo. Se liga na porra desse extermínio. (MC DIEGUIN, POMBA BRANCA, 2018)

De imediato, percebemos que o enunciado “tráfego de pessoas na zona da periferia” faz referência a uma das antigas bandas que o MC Dieguin participava, *The Zone People*¹⁷, citada em uma das nossas conversas/entrevistas nos meses iniciais desta pesquisa. Além do mais, o termo “tráfego” remete ao sentido de trafegar, tramitar de pessoas. Logo, em uma comunidade pobre onde existem as chamadas bocas de fumo¹⁸, é hábito o transitar de diversas pessoas na rotina de receber ou vender drogas e armas de fogo. Por isso, o *rapper* diz que o “cotidiano mata gente”, esse enunciado é uma figura de linguagem que nos mostra mais de um sentido, a significação de matar os usuários de drogas pelo seu consumo que acarreta a morte ao longo do tempo, e ao matar referente aos homicídios que acontecem em confrontos entre bandidos e bandidos e/ou bandidos e policiais.

De um lado, a busca, a correria por um prato de comida, por algum alimento, do outro, a fuga dos tiroteios “O dia a dia da correria [...] não ter o que comer [...] muita bala perdida”. Isto posto, o enunciado concreto que emerge de forma significativa em um determinado “momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social” (BAKHTIN, 1988, p. 86). Por conseguinte, o discurso do MC Dieguin, “a vingança cometida [...] Se liga na porra desse extermínio”, realiza relação dialógica com a tematização da cidade de Fortaleza, em

¹⁷ Discorreremos sobre a participação do rapper em diversas bandas na seção 8.4.2 A escolha do MC focal.

¹⁸ Boca de fumo é uma expressão popular que significa um lugar, um local em que se produz e/ou vende drogas ilícitas.

que nos últimos anos desencadearam uma “onda” de chacinas nas principais periferias da cidade, dentre elas, na Serrinha. A primeira chacina aconteceu no bairro da Messejana, depois disso, em curto prazo de tempo foram acontecendo em diversos outros bairros da periferia.

O juízo de valor a partir de assertivas equivocadas conduz a injustiças e reforça estigmas e estereótipos, quando, em geral, tenta vincular vítimas a antecedentes de crime ou ato infracional. A Chacina de Messejana, em novembro de 2015, é um caso emblemático do despropósito desse tipo de associação. Dos 11 mortos, apenas três tinham passagem pela Polícia, segundo a própria Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, informações que ainda foram contestadas pelas famílias. (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 105).

Então, pelas características semelhantes aos acontecimentos de todas as chacinas, por isso, foi atribuído o sentido as chacinas como uma ação de extermínio da juventude pobre e preta da periferia. Analisando o enunciado concreto do MC “a pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro” (MC DIEGUIN, POMBA BRANCA, 2018), vemos que “a pomba branca” que é conhecido mundialmente como a simbologia da paz, ao ser “pintada de vermelho”, explica o possível motivo das chacinas. A partir dos enunciados concretos do *rapper*, a chacina, o extermínio na Serrinha, acontece pela atuação dos policiais na comunidade, ou seja, como argumento de combater o crime, para estabelecer a paz, é que alguns policiais realizam essa ação, porém, esses fatos ainda estão sob investigações judiciais. Nesse sentido, entendemos que o pintar de vermelho remete à coloração sanguínea. Assim, os sujeitos cometem homicídios e os explica com o argumento do combate a criminalidade para estabelecer a paz. Mas, o que acontece na comunidade é que a paz de muitos pais e familiares é “tirada” pela perda do seu ente querido através do homicídio independente da origem da sua execução.

Existe uma relação de conflitualidade entre polícia e comunidade, marcada por intimidação, indiferença e sobretudo violência contra os jovens. As abordagens policiais revelam uma estigmatização de adolescentes negros e pobres. Em **Fortaleza** e **Caucaia**, segundo os familiares, 73% dos adolescentes vítimas de homicídios sofreram violência policial (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 552, grifos do autor).

Retomando a significação de descaso e a pouca importância que os órgãos responsáveis dão quando acontecem casos que envolvem jovens periféricos

como vítimas, esses sentidos são matizados no enunciado concreto: “liga pro SAMU, chama a ambulância. Avisa que aqui mataram uma criança! Esquece a ambulância, liga pro SAMU. Avisa que mataram mais um!” (MC DIEGUIN, POMBA BRANCA, 2018). Como “a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (GONÇALVES; GONÇALVES; GUEDES, 2015, p.166), seus significados matizam a indevida importância de que o serviço público de saúde dispõe quando se refere à realização de socorro aos sujeitos da periferia. Na enunciação “mataram mais um” não há o uso de adjetivo que qualifique e/ou caracterize a vítima indicando a ausência da construção da identidade do sujeito, tratando-o como apenas mais uma pessoa que foi assassinada, e nenhuma outra característica além dessa.

Acentuando os sentidos do signo “periferia” no que diz respeito ao enunciado concreto do *rapper* que em sua prática de letramento de reexistência se materializa. Entendemos não só como é a favela da Serrinha, mas, todas as periferias do país - realidade cruel que afeta o país - por intermédio do seu discurso orientado que nos contam que é:

Triste da família dos jovens meninos que desde pequeno não tem incentivo. Não sabem o caminho do bem ou do mal. Não olhem assim, não sou marginal. Em frente à escola não posso estudar, vivo de esmola, meu pai e minha mãe passam fome lá fora, em baixo da ponte, deprimente história. Realidade cruel que afeta o país, não seja mais um, não vire aprendiz, é o mundo do crime final infeliz (MC DIEGUIN, POMBA BRANCA, 2018).

Diante das palavras do MC Dieguin, os sentidos representam a escassez existente nas comunidades; de incentivo, de escola, de comida e de moradia, pois, alguns vivem “em baixo da ponte”. Ainda, nesse fragmento enunciativo verificamos que o discurso do *rapper* atribui sentidos ao signo “periferia” remetendo novamente a um lugar que falta incentivo e educação, “desde pequeno não tem incentivo [...] Em frente à escola não posso estudar”, muitas crianças e jovens moradores da periferia desde cedo precisam trabalhar para ajudar no sustento da família, e dessa maneira, muitos abandonam a escola, ou não tem se quer a oportunidade de estudar por que possui a obrigação de passar o dia inteiro trabalhando. Assim, a prática de anunciar e denunciar do discurso do *rapper* cobrando melhorias é para amenizar o empobrecimento assentado pela indiferença de uma sociedade que rejeita a existência populacional de periferias e seus moradores, expondo-lhes suas vivências que são comuns a tantos outros sujeitos da comunidade.

Em “não seja mais um”, o MC retoma a ideia de que quem se envolve com a criminalidade é considerado pela sociedade como “mais um”, ou seja, como um sujeito estereotipado retomando o discurso já dito de que quem é negro, pobre e da periferia também é criminoso, e por isso não lhe é atribuído reconhecimento, consideração e respeito à sua condição humana. Ainda discursando sobre o crime ao enunciar que “o mundo do crime final infeliz”, o *rapper* se refere à infelicidade dos sujeitos que se envolvem com essas ações por eles terem trajetórias praticamente predeterminadas, o homicídio ou a prisão. Também por isso que “a naturalização dessas mortes e suas justificativas socialmente difundidas foram consolidadas por um tipo de narrativa midiática policialesca que cresceu muito no Brasil nas duas últimas décadas” (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016p. 564-565).

No intuito de determinar sua identidade, o MC diz: “não olhem assim, não sou marginal”, a partir da sua enunciação ele se posiciona como um sujeito que apesar de se encaixar ao estereótipo de um marginal, seu enunciado juntamente com suas práticas sociais de reexistência entra em confronto com o discurso hegemônico sobre os moradores da periferia serem marginais, principalmente os jovens, realizando a contrapalavra ao discurso estabelecido socialmente pelas grandes mídias e pelos programas policiais. Nesse cenário, um dos significados da palavra marginal¹⁹, de acordo com o Dicionário Aurélio, é “quem vive à margem da sociedade”. E aliado a essa significação o *rapper* profere seu discurso que matiza sentidos de que marginal é um sujeito que realiza atos criminosos.

Portanto, com base na nossa pesquisa, pode-se perceber que os significados associados ao signo “periferia” permeiam dois principais sentidos, de um lado, o significado estabelecido pelas mídias - programas policiais - e pela classe detentora do poder, - classe alta – que declara como um lugar repleto de conflitos policiais e criminalidade.

Programas que se utilizam da espetacularização da violência, da estigmatização e da criminalização de adolescentes pobres e negros, bem como da violação da legislação vigente no país e do desrespeito a direitos contribuem para uma abordagem superficial de um problema complexo como a violência urbana e para o fortalecimento da cultura punitivista. Em **Juazeiro do Norte**, 100% dos assassinatos foram apresentados em programas policiais. Nas demais cidades, mais da metade dos casos foram apresentados. [...] A excessiva exposição da violência na mídia, de forma

¹⁹ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/marginal>> Acesso em: 15 nov. 2018.

espetacularizada, colabora para a difusão de uma cultura que promove o medo e a não observação dos direitos humanos, tendo em vista a frequente exposição e criminalização de adolescentes e suas famílias, incitando prejulgamentos tendenciosos. (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA, 2016, p. 556-557, grifos do autor).

E, por outro lado, nos jogos de linguagem do MC Dieguin, que emergem sentidos de que, apesar da periferia não ter investimentos e incentivos por parte dos aparelhos ideológico do estado, ainda assim, os moradores da comunidade convivem com tantas dificuldades e buscam superá-las por intermédio da voluntariedade de todos e das práticas culturais, tais como; educação, oficinas, esportes, música, dança, desenho, etc. Ou seja, eles vivem resistindo, se mantendo firmemente, e reexistindo, rompendo com a hegemonia estereotipada aos moradores da periferia quando decidem seguir o caminho da luta, da educação, da cultura e da reexistência.

Então, para finalizar nossos resultados de análise, é importante mencionar que desde a qualificação, a professora Dra. Ana Lúcia Silva Souza, me lançou o desafio de refletir sobre meu processo de inserção e conquista do campo de pesquisa e dos sujeitos. Posso falar que foi um desafio e tanto, contudo, resolvi responde-lo por meio de depoimentos expostos a seguir. Para isso, a seguir veremos três depoimentos. O primeiro é meu, como pesquisadora que busco estabelecer impressões e sentimentos do primeiro contato com os sujeitos e com o campo de pesquisa. O segundo depoimento é do MC Dieguin, que nos narra o que falta entre o elo acadêmico e a periferia no bairro da Serrinha, e também, como a pesquisadora foi vista na comunidade desde o primeiro contato até o desenrolar cartográfico. Por fim, o terceiro depoimento é do *rapper* Fábio Júnior, que nos fala sobre a inserção do sujeito da academia na periferia.

Depoimento da pesquisadora: impressões e sentimentos do primeiro contato com os sujeitos e com o campo de pesquisa.

Meu contato com os jovens *rappers* aconteceu como um processo, assim como a cartografia me permite tramitar. Os *rappers* foram dando abertura, desde a primeira reverência formal com um – oi, sou o Diego, prazer. Até o atual bom dia, como você está? Enviado via mensagem de Whatsapp. Dessa forma, recordo que minha primeira vivência na batalha de *rap* de conhecimento aconteceu na Praça da Cruz Grande no bairro da Serrinha, em 12 de abril de 2017. Meu nervosismo se

iniciou logo em casa, quando não sabia nem que roupa vestir, pois, minha preocupação era passar despercebida, visto que, tinha receio da reprovação dos jovens *rappers* logo de início. Então, escolhi vestir uma blusa preta sem detalhes e um short jeans, tentei me imaginar como se estivesse indo passear na pracinha, e foi dessa maneira que agi. Mesmo ainda insegura de não transmitir confiabilidade pelo fato de ser jovem, mulher, branca e acadêmica, disposta a pesquisar sobre jovem negro da periferia, eu não desisti e fui à busca dessa “aprovação”.

Cheguei à praça pontualmente às 18h30min, e para meu alívio MC Dieguin já estava lá, com outros três jovens conversando. Cumprimentei todos e de imediato Dieguin nos apresentou e logo me dispôs de toda atenção. Sentamos na arquibancada de cimento da praça onde iria acontecer a batalha e conversamos por cerca de quinze minutos. Durante a conversa me senti recuada ao perceber que muitos jovens me olhavam diferente, como quem avalia ou busca algo. Foi tempo suficiente para a praça encher de jovens, alguns sentados conversando, outros em pé, ou ajudando na organização do equipamento, uma caixa de som, e dois microfones. Então começaram a chamar os *rappers* que iriam batalhar para poder “colocar” seus nomes na lista do sorteio. Antes de começar a batalha alguns jovens cantaram suas rimas, entre eles MC Dieguin. Assim, quando resolvi filmá-lo por meio da câmera do celular reparei alguns jovens ao meu redor olhando diferente, ou apenas tentando entender o motivo da gravação, ou até mesmo especulando com o colega ao lado quem seria “aquela ali”.

Eu, além de ser um sujeito em território não pertencente, era uma acadêmica mulher, que estava em um jogo de linguagem que quase não tinha mulher. Por isso, já era esperado o estranhamento. Desde o início da escolha da pesquisa, sabia que não seria fácil, e foi assim que segui, resistindo. Então, o contato que tive com os jovens foi estabelecido aos poucos, eles foram me dando abertura e eu fui sentindo o espaço e as possibilidades de diálogo, desde o trocar um contato, a uma conversa no Whatsapp, até um combinado de se encontrar em uma ação, como um sarau ou uma batalha, ou até mesmo, um convite para um café com conversa na casa do MC Dieguin.

Dessa maneira, os caminhos foram traçados automaticamente, a cada vivência a confiança era firmada, e isso foi possível principalmente pelo fato de que eu sempre dispus aos sujeitos envolvidos todo saber dos detalhes da minha pesquisa, até a existência da liberdade de sua contribuição e interferência nela. Por

isso que esta pesquisa foi feita dialogicamente, por diversas “mãos”, permeada das ideologias de pesquisadora-pesquisado.

Depoimento MC Dieguin: o que falta entre o elo acadêmico e a periferia no bairro da Serrinha, e como a pesquisadora foi vista na comunidade desde o primeiro contato até o desenrolar cartográfico?

O que acontece é que falta muita raça, falta muita problemática que não tem certo tipo sabe, seja negro, seja branco. Mas que pra galera da academia que não sabe o que acontece dentro da periferia, que o *rap* passa e transmite através da poesia, dos poemas, dos contos. E da Tatiane, acho que é muito querer e muita coragem também né. É muito tapa na cara que você leva. Ela mesmo sabe, vivenciou isso lá na praça, quando chegou lá na praça a galera já estranhou a presença dela lá naquele espaço. Isso é notório entre os meninos que estavam lá rimando e tal, só em ter né, pessoas da academia lá, ali, bem dizer, não só visualizando, mais analisando, pesquisando, monitorando e tal. Toda uma questão de como eu até costume dizer que, como uma metáfora, uma maneira metafórica, como se fosse ratos de laboratório, como eu já vivenciei muito isso numas outras pesquisas ai da UECE, que a pessoa só cai aqui com um livro, pergunta o que é que eu faço e vai embora. Não dá nenhum retorno pra gente, sabe nem o que aconteceu, o que tem, o que tá acontecendo, e tal, o que se desenrolou naquela pesquisa, o que falaram de nós, e isso eu acho que, eu agradeço a ela também por tá retratando da nossa quebrada, tá mostrando né, expandindo a nossa realidade, como toda uma forma de transformar, não só mostrar. Não só chegar pra ver mais também pra fazer acontecer né? Que é muito importante isso!

Depoimento *rapper* Fábio Júnior: a inserção do sujeito da academia na periferia.

Quando alguém da universidade vem e tal. Eu pelo menos fico com pé atrás, penso sabe, há, é só mais um playboy que quer me usar pra fazer a pesquisa dele, pegar o diploma, que de repente poderia ser meu e tal. No meu espaço, se liga? Então a gente fica meio com esse pé atrás e a pessoa sente, essa, quando ela tenta se inserir ali no meio, sente essa, um pouco dessa repulsa da gente, até ser possível ter um contato e ver realmente qual a intenção da pessoa. Então no início é bem difícil mesmo você, por exemplo, eu posso chegar num lugar, numa quebrada,

eu não conheço ninguém, mas já ver que é da mesma realidade que eu, então pra mim é bem mais fácil do que uma pessoa que vem de outro lugar, principalmente da universidade. Então não vai ser tão fácil a gente estabelecer uma comunicação. Porque de repente eu posso falar uma coisa, e pra ela já vai ter outra interpretação do que realmente aconteceu comigo, e vice e versa. Então, se hoje eu tô vivo assim, é muito pelo *rap*, se liga? Eu não deixar cair, essas coisas, o *rap* tanto me tirou do ferro do revolver quanto do ferro das correntes mentais, se liga? Se não fosse pelo *rap* hoje eu não sei nem o que eu seria.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paro perplexo! Peço poder pro povo preto! [...] Pobres periféricos passando por piores pesadelos! Prefiro periferia pintada, pichada, pincelada por poemas perfeitos [...] População preta, parda, pobre, periférica prefere periferia pintada pela poesia (MC DIEGUIN, POESIA PARALELA, 2018).

Neste trabalho, a partir do Programa de Extensão Viva a Palavra da UECE, no qual explanamos a respeito na segunda seção, realizamos uma investigação cartográfica do *rap* como prática de letramento de reexistência realizados por sujeitos historicamente situados que me permitiu entender um pouco do universo da cultura do *rap* na periferia de Fortaleza. O convívio com os jovens periféricos do bairro da Serrinha de Fortaleza, engajados em movimentos socioculturais me fez escrever algumas páginas, principalmente no início dessa dissertação, acerca do bairro Serrinha e dos movimentos sociais existentes na comunidade cartografada.

A seguir, com a chegada ao campo de pesquisa, por meio das minhas primeiras observações ao *corpus* que fundamentei esta investigação. De início tinha apenas o objeto de estudo estabelecido. Eu, como pesquisadora, segui explorando o campo e foi então que, caminhando junto com MC Dieguin, acompanhando a trajetória diária do bairro e do *raper*, que percebi o dia a dia atordoado desse jovem que se divide entre trabalho, estudo, elaboração de canções, movimentos sociais e a prática do *rap*.

Em um dos nossos primeiros diálogos, o MC relatou que suas músicas eram escritas durante o trabalho, na madrugada, ou em qualquer instante “vago”, por isso ele sempre andava com uma caneta e um pedaço de papel no bolso, além de sua inseparável agenda que guardava na mochila. A partir disso, entendi que o agir do *raper* era letramento de reexistência e, que em suas práticas culturais, emergiam ideologias que estabelecia sentido ao considerarmos o tema e a significação do enunciado concreto, que se materializa nos jogos de linguagem do *rap*. Assim então, estava traçado nosso embasamento teórico.

Pautado na perspectiva de estudos em Linguística Aplicada e na Pragmática Cultural, instauramos um elo com a Análise Dialógica do Discurso e os

Jogos de Linguagem wittgensteinianos, afinal, se vinculam ao preocupar-se com o mesmo objeto de estudo: a linguagem em seu uso concreto e situado.

Assim, ao passo que fomos cartografando as ações do *Enquadro rap*, focalizamos em um único sujeito, MC Dieguin, por ter se mostrado o jovem mais engajado do coletivo cultural, como aquele que não só não é refém do sistema, e sim que resiste e reexiste ao panorama de injustiças sociais evidenciados pelo cenário do capitalismo globalizante. Nesse sentido, constituíram o *corpus* desta pesquisa: vídeos das ações dos *rappers*, letras de músicas autorais do Enquadro *rap* e o diário de campo.

Então, retomaremos agora as questões iniciais que motivaram esse trabalho, respondendo as respectivas indagações de pesquisa e buscando construir as respostas alicerçadas nos resultados das análises apresentadas na seção anterior. Assim, os questionamentos que nos impulsionaram foram:

- a) Que jogos de linguagem são vivenciados pelo coletivo cultural *Enquadro Rap* e que regras culturais das formas de vida da periferia constituem tais jogos?
- b) Como se dá a significação e o tema do signo ideológico “periferia” nas dimensões verbal, visual e verbo-visuais de linguagem do *rap* e como esse signo ideológico atua e constitui sentidos nos jogos de linguagem dos MCs?
- c) Como a tematização do signo ideológico “periferia” produzida nos enunciados concretos dos MCs pode se constituir em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento do coletivo cultural *Enquadro Rap*?

Nossa trajetória a seguir percorre cada pergunta respondendo-as. Então, responderemos o primeiro questionamento motivacional:

Que jogos de linguagem são vivenciados pelo coletivo cultural Enquadro Rap e que regras culturais das formas de vida da periferia constituem tais jogos?

Para chegar aos devidos resultados de análise desta pesquisa, de início mapeamos os jogos de linguagem vivenciados pelo coletivo cultural *Enquadro Rap*, para então identificar que regras culturais das formas de vida da periferia constituem tais jogos. Como resultado em nossas seções de análise, explanamos as regras de três principais jogos de linguagem que compõem a práxis do MC Dieguin: o sarau, a batalha de conhecimento e a oficina de *rap*/poesia.

Nesse sentido, os principais jogos de linguagem vividos pelo *Enquadro Rap*; o sarau, a batalha de conhecimento e a oficina de *rap*/poesia, são constituídos por suas regras. Dentre elas, o sarau, ações que foram realizadas nas praças e locais públicos, em prol de proporcionar oportunidade dos sujeitos de expor sua arte, questionamentos, pensamentos e lutas. A batalha de conhecimento que por sua vez, cada *rapper* tem que “mandar” sua rima nos 40 segundos estabelecidos por esse jogo, além de ter que respeitar o turno de fala do adversário no duelo, ter domínio do improviso e do assunto da rodada para conquistar o público. Já nas oficinas de *rap* e poesia o MC Dieguin resgata desde a história do *Hip Hop* e do *rap*, até a leitura de poesias marginais e periféricas, tanto de autores conhecidos como Sérgio Vaz, Inquérito, Criolo, Emicida, Sabotage, entre outros. Como também dos *rappers* da comunidade da Serrinha e das periferias de Fortaleza. Além disso, as oficinas são encontros que mesclam a teoria e a prática, pois, o principal combustível do MC Dieguin, segundo ele, é ver os jovens produzindo poesias e rimando, ou seja, ocupando seu tempo e mente com cultura.

Refletindo os resultados no que concerne a significação e o tema do signo ideológico “periferia”, respondemos o segundo questionamento de pesquisa:

Como se dá a significação e o tema do signo ideológico “periferia” nas dimensões verbal, visual e verbo-visuais de linguagem do Rap e como esse signo ideológico atua e constitui sentidos nos jogos de linguagem dos MCs?

À vista disso, ao tomarmos os pressupostos do Círculo Bakhtiniano sobre ideologia para o nosso objeto de estudo, constatamos que, diante das ações do *rapper*, os signos ideológicos foram tomando novos sentidos e sendo atualizados, como por exemplo, por um lado a mídia e as grandes massas perpetuam que na periferia só existe violência, tráfico e pobreza. Então, na contra mão da hegemonia, o MC Dieguin amplia ideologias que constitui seus enunciados concretos ao se estabelecerem como contrapalavra ao enunciar que na periferia existe muita cultura, através da pintura, da leitura, do desenho, da música, do *rap*, do rock e do reggae; muita luta por melhores condições de vida por meio da prática de saraus, batalhas e oficinas; muita resistência ao seguir em oposição à hegemonia, buscando e acreditando em seus sonhos, desejos e anseios.

A partir disso, nos debruçamos a investigar com base na Análise Dialógica do Discurso, como se dá a significação e o tema do signo ideológico “periferia” nas dimensões verbal, visual e verbo-visuais de linguagem do *rap*, assim

como esse signo ideológico atua e constitui sentidos nos jogos de linguagem do MC. Nas aliterações do MC Dieguin, o discurso do *rapper* é embebido de um constante embate de sentidos. Esse embate de um lado estabelece sentidos em torno dos traços da realidade cotidiana da periferia permeada por dificuldades diversas de moradia, e do outro, ressignificam a periferia ao afirmar que essa realidade é vencida dia após dia por intermédio das práticas culturais.

Nesse ponto de vista, os signos ideológicos das práticas culturais do coletivo juvenil *Enquadro Rap*, sobretudo do MC Dieguin, nos demonstraram que significa uma contestação subalterna à violência excludente imposta pela colonialidade do poder, rompendo fronteiras posta por aparelhos repressores do estado, existente principalmente nas periferias de Fortaleza, com ênfase no bairro da Serrinha, local em que o *rapper* reside e que se situa o Campus da UECE.

Nesse sentido, responderemos ao último questionamento norteador dessa pesquisa, que é:

Como a tematização do signo ideológico “periferia” produzida nos enunciados concretos dos MCs pode se constituir em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento do coletivo cultural Enquadro Rap?

A tematização do signo ideológico periferia produzida nos enunciados concretos do MC se revela em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento do *rapper*, ao recorrer às ações contra-hegemônicas que superam e descontrolam os processos de dominação, ao tornar visíveis as periferias tidas como “cidades invisíveis” (ALENCAR, 2014a) pelo estado, se matizando como um espaço embebido de novos sentidos, e não só de sentidos já prontos estereotipados, mas um lugar em que emerge a produção de sentidos pautados no saber mediado pela práxis.

Nesse sentido, no discurso do MC Dieguin o signo “periferia” é tematizado como uma disputa entre os sentidos dos que demonstram o “lado infeliz da favela” e os sentidos dos que defendem que a favela “é linda, é bela, não é só desgraça. É artigo de luxo”. Então, entendemos a prática do *rap* como uma forma de vida do movimento social militante. E a batalha, o sarau e as oficinas, realizados pelos jovens militantes, como um jogo de linguagem que compõe essa forma de vida. Afinal, os sujeitos fazem uso da linguagem para lutar realizando suas ações que são constituídas de recorrências como; performance corporal intensa de movimentos rápidos e corpos situados um de frente para o outro, referenciando o significado de

embate e luta, e, discursos embebidos de denúncias sociais e rimas que narram as vivências dos sujeitos da periferia.

Portanto, em conformidade com Alencar (2017, p.112), acreditamos que estudar os “processos de resistência apagados pelo discurso hegemônico consiste num movimento de decolonialidade, a partir da leitura dos saberes e táticas de resistência do lado subalterno sistema-mundo capitalista colonial”.

Diante do mapeamento das diversas atuações e da dimensão de enunciados proferidos pelo MC Dieguin que estabelece significação e ressignificação em seus diversos jogos de linguagem na prática cultural do *rap*, destacamos que aqui não chegamos ao esgotamento de pesquisa, pois, do ponto de vista cartográfico, outros diversos caminhos são possíveis serem percorridos, e deverão.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **Searle interpretando Austin**: a retórica do medo da morte nos estudos da linguagem. 2005. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **Linguagem e medo da morte**: uma introdução à linguística integracionista. Fortaleza: Eduece, 2009a.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **Relatório de Pesquisa**: as construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará. Fortaleza: Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização (FUNCAP), 2009b. 44p.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **Projeto de Pesquisa**: Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano. 2013. 48p. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **Projeto de pesquisa**: Programa Viva a Palavra circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. 2014a, 37p. Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014a.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, Daniel e; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana. **Nova pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014b, (no prelo).

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Linguagem, dor e agência: a gramática descolonial dos trabalhadores rurais sem terra. **Linguagem em Foco**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, v. 6, n. 2, p. 11-21, 2014c. Disponível em: < <http://www.uece.br/linguagememfoco/index.php/edicoes-anteriores/43572-20141>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. **Discurso**: sentidos e ação, v. 10, p. 141-162, 2015b. Disponível em: <<http://www.unifran.edu.br/wpcontent/uploads/2016/09/vers%C3%A3o-online-Cole%C3%A7%C3%A3oMestrado-em-Lingu%C3%ADstica-Vol.-10.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

ALENCAR, Claudiana Nogueira; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; COSTA, Nelson Barros da (Orgs.). **Discurso, fronteiras e hibridismo**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. VOLOSHINOV, Valentin. Discurso na vida e discurso na arte. In: VOLOSHINOV, Valentin. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BARROS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p.79-92.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo. Um balanço sobre a produção da história da educação dos negros no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius.; BARROS, Surya Aaronovich Pombo. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2016. p. 51-70.

BARTON, David; HAMILTON Mary; IVANIC, Roz. (Orgs.). **Situated literacies**: reading and writing incontext. Londres: Routledge, 2000.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Sóbrios, firmes e convictos**: uma etnografica dos *straightedges* em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2015.

BONFIM, Marco Antônio Lima. **Queres saber como fazer identidades com palavras?** Uma Análise em pragmática cultural da construção performativa do Sem Terra no MST-CE. 2011, 150f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.

CAONE, Yray; BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 25-58.

CAONE, Yray; BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: Maria Aparecida Silva (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 147-162.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação: 2005. p.171-185.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 201-220.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA. **Cada Vida Importa: Relatório final do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência**. Fortaleza, 2016.

CRUZ, Carlos Eduardo Ferreira da. **Travessias cartográficas das práticas de letramentos não escolares da juventude da periferia de Fortaleza: uma vivência no Programa Viva a Palavra!** 2016. 182 f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/TESE%20%20CARLOS%20EDUARDO%20F.%20DA%20CRUZ.pdf>>. Acesso em: 15 de out. 2018.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005. p. 21-33.

CUNHA, Lídia Nunes. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação: 2005. p. 221-247.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria Cadernos de Ciências Humanas**, v. 16, n. 27, p. 193-212, jul./dez. 2015.

FERREIRA, Ruberval. Críticas da linguagem: o ético, o político e o ideológico em questão. In: FERREIRA, Ruberval. (Org.). **Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo**. Fortaleza: EdUece, 2007. p. 29-52.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA, Marcus Vinícius. Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. In: ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação: 2005. p. 93-113.

FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói, RJ: EdUFF, 2016, p.23-50.

FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói, RJ: EdUFF, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH [online]**, v. 21, n. 54, p. 439-455, 2008b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792008000300003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 20 ago. 2017.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, mai./ago. 2011.

GONÇALVES, Laryssa Érika Queiroz; GONÇALVES, João Batista Costa; GUEDES, Indira Lima. A perspectiva bakhtiniana para o estudo do signo ideológico em textos verbo-visuais: uma análise da capa da revista VEJA. **Comunicação e Sociedade**, v. 37, n. 2, p. 159-181. 2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/5120>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GOOGLE Drive plataforma de armazenamento. Fortaleza, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1AjFFQPem-taByPW44QzI8QeZHuCHU Dtg?usp=sharing>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GOOGLE Drive plataforma de armazenamento. Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1vvrY0_aK5nIrfiwGZ_9_i9wGqJxwauqT?usp=sharing>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22 , n 2, p. 201-210, mai./ago. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 5 set. 2017.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. **Significados e ressignificações do letramento**: desdobramentos de uma pesquisa sociocultural sobre a escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

MARTINS, Helena. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. **Veredas**, revista de estudos lingüísticos, v. 4, n. 2, p. 19-42, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **O português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Global, 2016.

NOGUEIRA DE ALENCAR, Claudiana. Cultura e identidade em jogos de linguagem do cotidiano cearense. In: COLÓQUIO DISCURSO E PRÁTICAS CULTURAIS, Fortaleza, 2009. **Anais**. Fortaleza: DIPRACS UFC, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

Organização Instituto OCA. **Trajetórias interrompidas**: homicídios na adolescência em Fortaleza e em seis municípios do Ceará. Brasília: UNICEF, 2017

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNYCOOK, Alastair. Performance and performativity. In: PENNYCOOK, Alastair. **Global Englishes and Transcultural Flows**. London: Routledge, 2007.

PINTO, Joana. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu**, n. 33, p.117-138, julho-dezembro, 2009.

PINTO, Joana. **Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem**. 2002. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: < <http://repositorio.unica.br/jspui/handle/REPOSIP/269106>>. Acesso em: 4 set. 2017.

Prefeitura Municipal de Fortaleza IPLANFOR. **Revista Fortaleza 2040**. v. 2, n. 1, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Austin do qual a Lingüística não tomou conhecimento e a Lingüística com a qual Austin sonhou. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 30, p.105-116, jan./ jun. 1996.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão de ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROMÃO, Jeruse. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação: 2005.

SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: Inês Signorini. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Situar a lingua[gem]**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 118-148.

SILVA, Fransuellen Geremias. Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 29, p.150-167, 2016.

SILVA, Daniel. **Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270855>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SILVA, Daniel. **Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira**. 2010. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269110?mode=full>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SILVA, Daniel. 'A propósito de Linguística Aplicada' 30 anos depois: quatro truísmos correntes e quatro desafios. **DELTA**. São Paulo. n. 31, p. 349-376, 2015.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269280/1/Souza_AnaLuciaSilva_D.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Linguagem e Letramentos de Reexistência: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. **Linguagem em foco**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, v. 8, n. 2, p. 67-76, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/linguagememfoco/index.php/edicao-atual/43577-2016>>. Acesso em: 29 de ago. 2017.

STREET, Brian Vicent. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANEXO

ANEXO A – Batalha de conhecimento na Praça da Cruz, divulgado pelo *Facebook*

Fonte: <https://www.facebook.com/events/292247927885051/>

ANEXO B - Batalha de conhecimento na Praça da Cruz Grande



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO C – Fórum de Cara com a Linguagem, divulgado pelo Facebook e na UECE



fórum

DE CARA COM A LINGUAGEM!

Linguagem, Juventude e Periferia

Participação:

Exatidão Rap
Enquadro Rap
Viva a Palavra
Flor de Cactus
Ensaio Rock
Baticum provocações
Bueiro Verde

22 de maio de 2017 (9h30)
Auditório do Centro de Humanidades da UECE
(Av. Luciano Carneiro, 345 – Bairro de Fátima)

Realização:
Curso de Letras
Alunos e Professores do Projeto Especial II

Grupos de pesquisa
PRAGMA CULT
PRAETEC

Programa de extensão
Viva a Palavra

Apoio:
PosLA
ProEx
CH-UECE

Fonte: Página do Viva a Palavra no facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VivaAPalavra16/>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

ANEXO D – 1ª Batalha do Dragão, divulgado pelo *Facebook*

Fonte: Página do facebook do evento. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/583964125095034/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ANEXO E – 2ª Batalha do Dragão, divulgado pelo Facebook



14 Batalha do Dragão
JUL Erivan Produtos De Merro

CADASTRAR-SE

Comparecer ✓ Compartilhar Salvar Mais

🕒 Sex, 14 de Jul às 18:00 - 21:30 BRT
Próxima semana

📍 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Rua Dragão do Mar 81, Praia de Iracema, 60060-990 Fortaleza

📄 Inscrição gratuita

Fonte: <https://www.facebook.com/events/417625625304699/>

ANEXO F – 1º Evento cultural contra o extermínio da juventude, divulgado pelo Facebook



Fonte: https://www.facebook.com/jangurussuderresistencia/?ref=br_rs



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO G – Sarau da B1, divulgado pelo Facebook

SARAU DA B1
com o Poeta Sérgio Vaz

organização **PLN** **CUF** **Cooperifa**

→ CONVICÇÃO ANCESTRAL → DALI
→ MICROFONE ABERTO
APRESENTAÇÃO: CARLOS MELO, NINA RIZZI e SAMUEL DENKER

LANÇAMENTO DO LIVRO

28 / 07
18:30

PRACINHA DA B1
CANT. SÃO CRISTÓVÃO - JARDIM LIBÉLI
PERIFÉRIA DE FORTALEZA

Flores de alvenaria
SÉRGIO VAZ

The poster features a photograph of poet Sérgio Vaz on the left, wearing glasses and a light-colored shirt, holding a book and pointing towards the right. The background is a dark, textured wall. The text is arranged in a structured layout with various fonts and colors (white, black, orange) to highlight key information like the date, time, and book launch.

Fonte: <https://www.facebook.com/VivaAPalavra16/>

ANEXO H – Sopão pela paz, divulgado pelo Facebook e na Serrinha



Fonte: <https://www.facebook.com/VivaAPalavra16/>



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO I – JUBRA, divulgado pelo site, pelo *Facebook* e na UFC



Fonte: <http://jubra2017.com.br/>



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO J – Contação de História, divulgado pelo Facebook e na Serrinha



A borboleta Lilica e o grilo Criqui

7ª Oficina 2017
VIVA A PALAVRA Apresenta
Contação de História

A borboleta Lilica e o grilo Criqui - 7ª Oficina de Contação de Histórias

O Programa de Extensão **VIVA A PALAVRA** da Universidade Estadual do Ceará-UECE convida crianças a partir de 7 anos para participarem da 7ª oficina de **Contação de histórias**.

Dia: 07/10/2017
Horário: 14h 30min às 17h
Local: Instituto Infantil Irmã Giuliana Galli (escola pequena)
Celular: (85) 9.8768-3290

GRATUITO - LIVRE

Participação Especial
Genival Passal

Professor do Curso de Graduação em Música (Licenciatura - Pedagogia, Licenciatura em Música, Pós-graduação em Música) do curso de Pedagogia e do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará.

APOIO:




Fonte: Arquivo pessoal

ANEXO K – Dia das Crianças, divulgado pelo *Facebook* e na Serrinha



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO L – Sarau para a revitalização da praça da cruz grande, divulgado pelo Facebook



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO M – Pra Si Paz: Círculo de cultura

14H | 17H
OFICINA
QUINZENAL

AMORBASE
RUA SANTIAGO | 359
SERRINHA-FORTALEZA



Se liga no calendário:

- > Agosto: 04 e 18.
- > Setembro: 01, 15 e 29.
- > Outubro: 13 e 27.
- > Novembro: 10 e 24.

CULTURA DE PAZ PARA EMOÇÕES EXTERMINADAS

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Arquivo pessoal.

14H | 17H
OFICINA
QUINZENAL
INÍCIO DIA 04/08

AMORBASE
RUA SANTIAGO | 359
SERRINHA-FORTALEZA

CULTURA DE PAZ PARA EMOCÕES EXTERMINADAS

CONVIDAMOS VOCÊ A PARTICIPAR DE OFICINAS DE GESTÃO DAS EMOCÕES A PARTIR DAS PALAVRAS DE PAZ CONTRA O EXTERMINIO DA JUVENTUDE.

REALIZAÇÃO

Convidamos você a participar do PRA SI PAZ:

São realizadas oficinas on-line e offline que mesclam literatura, música, gestão das emoções, poesia, teatro, rap, hip hop, práticas de combate, etc.

É um projeto de oficinas que utiliza o diálogo como instrumento para promover a paz e o combate ao extermínio da juventude.

Vem dialogar sobre temas críticos do cotidiano como racismo, feminismo, preconceito, homofobia, etc.

Quando? 27 de Outubro; 10 e 24 de Novembro.

Local: Rua Santiago nº 359, Bairro Serrinha Associação das moradoras da Serrinha (Amorbase);

Horário: das 14 às 17h;

Com direito a certificado;

Gratuito - Livre;

Apoio:

Fonte: Arquivo pessoal.

ANEXO N – Aliteração Caneta Carrasca, MC Dieguin

Com caneta carrasca critico Cunha canalha criminoso. Cavo covas colocando cada corpo. Corvos comem couro criticamente carbonizados. Corporação corrupta crucificada com cadeado.

Convido cada crápula conhecer comunidades carentes, crianças castigadas com correntes, carregando carabinas competentes, cortando cocaína conforme comanda cínicos clientes.

Cientistas cientes criam calabouços clandestinos com cidadãos capturados conscientes. Corja cleptomaníaca convive contente com coveiro cansado coletando cadáveres contrabandeados.

Corsários capitalistas cometem carnificina, contribuindo catastroficamente com crescentes cemitérios. Cautelosamente, com critérios, critico: Criminalista, cadê cárcere com chefia corrosiva? Coíbo com corretivo covil congregado com corruptíveis criaturas, crueldade culminante, covarde, caracterizada cúpula. Cresci com coração coberto com cultura cearense, cogito combate contra calamidades caóticas, cuja, cobiça cristais, corpos, córnea. Consulados, classificam-se claustrofóbicos consumados circenses. Clamo cidades. Cigarra canta chuva.

Canto ciladas contaminando crânios com cavidade cumula. Censuro comandantes, cabos, capitães, Coronéis, chefes; contestam conhecimento construído com conotação comunitária.

Condenam cultura, cantos, cânticos, cantigas capacitadas certamente com correção carcerária.

Cerro candidato casmurro, com cédulas criam-se canudos. Cheiram choro com chumbo. Chofer chega com coquetel, chope, churrasco, charuto. Cidadania convive com cicatriz coletiva, cofre clausurado com cura cisma cintilante centrífuga. Caralho! Civilização casta, contesta contextos.

Cadente, cadete caduco continua cagando cadeias, carpetes, casebres. Cômico cômico, com comicidade cerebral comunico com clareza canções consequentemente coesas! Com certeza continuarei colidindo com classe chique corriqueira, corteja controlar continentes, caçar cada carente confiscado calmamente. Chacina cara, chacinam caras; católico, categórico, cabos com caras, carcarejando calúnias, conspirando com certa culpa cochichando cagatório.

ANEXO O – Aliteração Poesia Paralela, MC Dieguin

Palavras potentes pro pente permanecer perigoso, pra picar político palhaço pelo papel preguiçoso. Perdi parceiros, primos, parentes para prisão, porque preferem pagar pra PM perfurar pulmão. Preferem pessoas possuídas pela perdição. Pivete pirado pedindo por pó, perpetuando piração. Pobres prostitutas pegando ponto pelo pão, presas pela profissão, parceiro principal, político pistoleiro, petroleiro, pagão. Práticas perversas, passatempo predileto pedir pra polícia proibir passeatas, protestos. Paro perplexo! Peço poder pro povo preto! Pobres periféricos passando por piores pesadelos! Prefiro periferia pintada, pichada, pincelada por poemas perfeitos. Peito palpita, pulso pesa, permaneço pensando, pouca pressa, peça principal pra picar panaca palhaço portando pó, paletós, pequenos potes, pois poste, propina partida pros partidos parasitas! Pareço pessimista, país puteiro, putaria, prostituição, pancadarias. Precarizam políticas públicas para pivetes, políticos proliferam, propagam pragas, pestes, PECs, percebe? Podre poluição permanente presente! Pente prepotente, pertinente, percuciente, perene. Perduram patifes para pessoas pedintes.

População preta, parda, pobre, periférica prefere periferia pintada pela poesia. Pivete parado pela polícia portando prosas, poemas pautando problemas, pois partidos políticos pararam praças prometidas para pessoas psicologicamente perdidas pelo podre processo “paz para poucos”. Pipocos partidos pela pistola parecendo proposital. Produzindo propaganda para programa policial. Priorizando pretos para personagem principal. Permaneço pesado, perturbado, psicótico, pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. Petróleo, preciosas pedras, pescas pros paranoicos persas, patetas perderão petecas. Pavoroso, poderoso pavilhão partindo pé, peito, pulmão, pescoço. Pacientes preferidos populares, professores, pescadores, padeiros, pedreiros, padres. Protagonista, personagem principal, provoco, protesto, proponho, planejo planos, projetos, programa, peço, persisto pro povo progresso!

Papiloscopistas, perícias, polícias, patrulha prossegue pegando propinas, pulgas. Pátria propícia pune plebeus. Protege patrício psicopata profissional. Patrimônio prostituído pelos portugueses pegando pau. Preferem priorizar passageiros pedófilos pro paraíso primordial. Planeta picareta, promíscua poder potencial. Pareço psicodélico pintando, pichando paredes pedindo por paz psicossocial.

ANEXO P – Canção Partindo o céu da boca, *Enquadro Rap*

Se liga na rima que eu tô maquinado, não sou Sabotagem, mas tô interado, prestando atenção no movimento dos carros, os porcos safados querem reprimir, não vou permitir, eu vou impedir que o Vitor Valim fale algo daqui, não vou me calar, que saia do ar o Barra Pesada e o Eli Aguiar.

Que ganham dinheiro filmando as mortes da gente que é pobre, quero vê dá suporte, um carro sport na rua do fim, não teve a sorte, capotou o infeliz, entupindo o nariz só de coca, me diz, tu acha que é isso que quero pra mim.

Não dá pra entender e eu quero saber por que 190 só filma você.

Que a*ortou a bala, porrada, facada na porta de casa com a molecada tocando violão, não teve escola mas teve seu nome na grande estatística de gente que morre de bala perdida, tô na correria, o sol de meio dia é forte é quente, uma bala fervente, sentado na sala.

Pesado é a barra e no Barra Pesada minha vó se impregna assistir em família a carnificina passar na telinha, é de noite, é de dia, depois do meio dia.

Transmitem a tragédia de várias famílias da periferia.

Novato pequeno, cenário veneno, não teve incentivo, só deu audiência pro tal do Nonato, que ganha centavos com noticiário, mostrando o lado infeliz da favela, que é linda, é bela, não é só desgraça!

Municipiam a bala, faltou a borracha. A caneta, o lápis, também o caderno, o microfone aqui, é o que me tira do ferro.

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (Refrão)

É sensacional no telejornal, estampado na capa mais uma Baixada.

A vítima vinha voltando pra casa, entrou foi no beco, sentaram o dedo, sem dó, sem respeito mataram o menor, foi na Marajó, cheirava loló, viciou fez um nó, pois ai olhem só, chegaram os bocós!

Cenário melhor que garante audiência, pois, a violência daqui transmitida é mais fonte pra classe que é rica.

Divulgam a vida e uma triste notícia.

A mãe muito aflita correu pra esquina, a repórter chegou perguntou seu nome.

Dois homens numa moto aplicaram em instantes tiros perfurantes, disparos constantes matou o estudante camisa cyclone, o celular manchado de sangue não gravou uma bala, mas a luz na sua cara, assisti daqui da sala.

O sangue tá em alta! Então faço chover! O Barra Pesada espera você!

Pra ser entrevistado, humilhado, algemado, cabeça pra baixo ouvindo as perguntas. Repórter fajuta, se intera sua burra, criança amarrada tá no porta mala dessa viatura!

Loucura absurda, fissura sem cura que nunca vai mudar, mais uma ocorrência pro Rota vim filmar.

O sorriso estampado no rosto não é sinônimo de felicidade, Te engano com o brilho contido nos cílios, tão finos. No crânio só ódio, se afoga em maldade por conta da cena, sentença que é plena e aumenta o risco de jovens no vício, mas no papel de ofício o Cassiano desenha e não vira estatística para vários Datena.

Tamanha a verdade, tampouco a reciprocidade que atinge os irmãos que tão na cidade, a oportunidade não bete na porta, disfarça no assalto, na mão a pistola, na raiva te mostro e apavoro que é tudo problema dos grandes negócios, do homem engravatado que tá no escritório assinando minha ficha pro reformatório.

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (2x Refrão)

Então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia!

Convida a família, galera arrepiada, esqueceu a ideia, se vira nos 30.

Aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio.

Que não é entregue nos postos de saúde, ajude várias vidas e essa atitude parte dos moradores que não aguenta uma ação truculenta, do sistema fascista preconceituoso e capitalista. E as mulheres aqui elas tem voz, *** os machistas, quem faz o coletivo aqui é nós, e é assim que tem que ser, um apoio ao movimento LGBT, e também chega pra vê a favela animada, a comunidade organiza o sarau na praça é melhor ainda que é de graça, e é a dois, então chama a gata.

De repente o repente da mente transborda em lágrimas, que agita a criança e que corre na mãe desamparada.

A parada é estudar, se informar, se organizar, para construirmos a revolta popular, para tirarmos do ar apresentadores sem futuro, que não direcionam suas câmeras para cultura do gueto que é artigo de luxo. Temer teme o povo, tirano passará mal!

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (Refrão)

ANEXO Q – Canção Pomba Branca, *Enquadro Rap*

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro!

Eu e você somos apenas passageiros, motorista ou trocador, se não for corre ligeiro! 5 da manhã hora de trabalhar, vou sair em de fininho pra ninguém me assaltar. Mas adianta de que? Estou sendo assaltado, o imposto tá em alta pro meu mínimo salário. Agora penso eu que trabalho todo dia, e vejo a molecada morrer na hipocrisia. Mas seja eu, seja você o seu pai ou o seu tio é só mais um pra estatística da porra do Brasil!

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro! Mas quem morre o dia inteiro? Essa pergunta é uma piada! O sistema tá lucrando enquanto a gente aqui se mata! Dona cegonha mandou mais uma criança, pra compensar aqueles onze que morreram sem esperança. Na rua da saudade, deixaram familiares chorando lágrimas de sangue de bandidos militares.

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro!

Tráfego de pessoas na zona da periferia. O meu cotidiano mata gente. O dia a dia da correria de quem vive só na agonia, de não ter o que comer e nem moradia. Eu vou falar pra você e pra dona Maria, que essa luz no fim do túnel é muita bala perdida! É muita bala perdida. Muita bala perdida! A vingança cometida da noite pro dia abalou a estrutura na periferia. Mas não esquece meu irmão, escuta o que digo. Se liga na porra desse extermínio.

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro!

Os manos tão ligado que eu tô interado, não se fala de doido, não fique assustado. Não sou retardado que apoia o estado opressor do caralho, não gasta um centavo com o povo daqui, que tá se acabando nas guerras do tráfico ou PM matando. Não fique você parado e pensando que vai melhorar com polícia aumentando. Cansado de ver meus irmãos, meus amigos, entrar nessa vida só tem dois destinos, morrer baleado ou viver num presídio.

Entendo o motivo, puto eu fico. Triste da família dos jovens meninos que desde pequeno não tem incentivo. Não sabem o caminho do bem ou do mal. Não olhem assim, não sou marginal. Em frente à escola não posso estudar, vivo de esmola, meu pai e minha mãe passam fome lá fora, em baixo da ponte, deprimente história. Realidade cruel que afeta o país, não seja mais um, não vire aprendiz, é o mundo do crime final infeliz. Agora escuta, vai ter que entender, quem nasce aqui não pode viver. Quem sabe um dia poder-te falar foi difícil viver, mas foi fácil matar. Quero crescer, não posso chorar. Não venha você querer criticar, não levanta o rabo da sala de estar, assistindo TV sem saber que agora fui morto a pauladas em frente à escola, pedindo esmola e você não me deu, pobre menino agora morreu. Liga pro SAMU, chama a ambulância. Avisa que aqui mataram uma criança! Esquece a ambulância, liga pro SAMU. Avisa que mataram mais um!

A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro. A pomba branca foi pintada de vermelho com sangue derramado de quem morre o dia inteiro!

ANEXO R – Canção Diário de um maluco, *Enquadro Rap*

Hoje o dia foi difícil pensamento oprimido morreu mais um menino na rua do seu vizinho, que acha que é normal, morreu um marginal, jogado no pantanal e que passou no canal 12 com vários tiros de 12, não chegou aos 14 anos de idade, pra muitos já era tarde, pra outros só o começo, hoje a gente tá na vida e amanhã nós paga o preço.

Queria jogar bola pra esquecer o desespero, mas aqui falta escola, quadra, campo e um goleiro. Acabou foi o arrego, também se foi o perdão, meus amigos foram mortos, não tem time campeão! Mas cadê a diversão, saúde e educação que falta pro meu povão? Tô cansado de escrever tanta letra sem refrão, minha voz é que me faz ter liberdade de expressão. Se liga então!

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?

Porra, não dá! Não tem como deter, mais um jovem assassinado com 10 tiros de pt, já passou foi na TV, no jornal e também no rádio, a gente passa fome, mas trabalha como escravo. Que porra de vida errada, mais um garoto na jogada, eu só queria um pouco de paz pra alegrar aqui as áreas.

Hoje o dia foi tranquilo pensamentos nos meus livros que me dão muito juízo pra esquecer o extermínio. Todo dia no trabalho cansado e sem ninguém, pensando na minha vida como ela vai e vem. Ontem a noite na madrugada eu tive um sonho da pesada, um sinal ou um alerta, parecia uma quadrada, acharam minha calça, fui levado no camburão, vi meu mano sendo solto e apertando minha mão. Realidade ou ilusão? Não sei por que sonhei com tiros, a liberdade foi embora e eu perdi muito com isso. Acordei atordoado procurando entender, um sinal ou um alerta, eu já vi acontecer. Escrevendo essa letra me arrepio até agora, todo mundo me deixou e eu fiquei fora da copa, quem sabe lá no sinal ou talvez no hospital, na fila de espera de um transplante cerebral.

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?

Diário de um maluco se é assim, então repúdio! Pode fazer barulho minha mente é meu escudo, que tamanho absurdo que por aqui muitos não crê, eu nasci desde pequeno programado pra morrer, sem saber nem o por que que tudo isso acontece, abandonado desde cedo e do mundo se esquece. Saiu uma manchete, “menina morta estuprada”! Aqui a calada da noite vem pra te como uma granada, que te mostra a verdade na cara, que chuta o seu vira lata, por aqui os canalhas safados usam terno e gravata.

Não falo besteira, eu falo a verdade, o que acontece com a gente vira história mais tarde, porque viver é uma arte e eu tô nessa também, sou um daqueles que sonham pensando em ser alguém. Não tenho mais caderno com alguma folha em branco, foi tudo rabiscado em 9 horas trabalhando, sou mais um tô precisando, tenho que acreditar que depois de alguns anos tudo aqui vai melhorar, se eu pudesse assim voltar e no passado resolver, acabar com as desgraças que se passam na TV, e assim poder viver num mundo melhor, brincando com a galera ou jogando um dominó.

De bobeira lá na praça ou então num reggae com a moçada, que agora é de graça todo domingo lá nas áreas, que foi onde eu nasci e me criei jogando bola, curtindo um Racionais, Legião e um Sabota. Andando de skate ou basquete na instiga, o lugar onde eu moro é chamado de Serrinha, Guaribal ou a pracinha todo mundo necessita educação de qualidade e melhores condições de vida. Um pouco de alegria e menos repressão, só passa na TV nossa humilhação! Descaso, revolta, é só o começo, por que o ódio tá no sangue de cada irmão guerreiro, e eu não sou mais um que tá perdido no submundo, aqui é Diego Martins diário de um maluco.

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?

Diário de um maluco se é assim que eu te escuto, a porta se fechou bati a cara contra o muro, mas ai eu te pergunto como é que vai ficar, a gente aqui tá se matando e eles só vem pra filmar?

ANEXO S – Canção Rap na periferia, *Enquadro Rap*

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa.

Pra você e pra minha família que trabalha todo dia um prato de comida não satisfaz as minhas cruas de rua, que não sabem o porquê do sofrimento, perambulando na madrugada se acabando no veneno, deixou o filho pequeno com instabilidade, moleque desde cedo foi pra criminalidade! Não importa a idade, falou a necessidade, pois, antes de entrar fazia muita amizade no parque de diversão, a criançada brincava e a alegria transbordava como primeira opção.

Na última oração falou inquieto, “por favor, meu Deus, me tire desse inferno, já tenho 19 e nunca entrei em algum colégio.” Resgate minha força para que eu possa me sentir bem, tô cansado de chorar e de tanto dizer amém, pro refém que tá alí plantado na boca, esperando o viciado vir comprar uma arroba!

Por que é daqui que eu vivo e me sustento, sou mais um abandonado que tá aqui se fudendo, mas é assim o sofrimento é só questão de tempo, uma hora tudo passa e eu acabo morrendo! Então se liga, um pouco de paz na periferia, pra todos os lugares e também vossas famílias.

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa.

Necessita! Pra você que não sabe, então se liga. Por aqui é complicado, é raro viver a vida. O que a gente colhe aqui, amanhã já vai pra pista, trabalhador brasileiro é roubado até na Suíça. Que bando de canalhas, pilantras, tudo bandido. Fim da Rede Globo e os grupos de extermínio. Contas no exterior, e a sede no interior, nossas vidas se acabando em nome do seu doutor, que não sente alguma dor quando corta a merenda. Fim da violência do programa do Datena, que não sente alguma pena quando morre favelado, tô cansado de sofrer na mão desses arrombados!

Explorados desde o descobrimento do Brasil, quero que todos eles vá pra puta que pariu. Sistema carcerário, repressor do caralho, constroem mais presídios, não seja

voluntário! Só querem nos tirar do colo de nossas mães, usufruem de nossas vidas para poder gerar milhões de reais. Agora eu te digo, óh meu rapaz, por aqui a vida é difícil, meu povo é sofrido e eu falo demais, mas na cabeça daqueles que pensam calados saber não satisfaz.

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa.

Tu acredita que aqui ninguém morre de bala perdida? Sou contra o extermínio da juventude da periferia pobre e preta! Que não se cala, não aceita a repressão que é imposta pelo lado da direita. Não se contentam com a riqueza. Cresce o zói, quer sobremesa. Em baixo da mesa com medo da chuva, a zona aqui é de risco, por favor alguém me ajuda! Me escuta! Não confunda necessidade com ambição, todos os dias eles matam com uma caneta na mão. Sem opção, a chuva vai levar a TV, a geladeira que eu dei duro pra comprar. Aonde eu vou morar? O barraco já vai cair, o esgoto a céu aberto tá querendo me engolir. Meu filho me chamando com tom de desespero, pai segura a minha mão, o lençol e o travesseiro! Quero mais condições pras famílias dos guetos, mais alegria, cultura e moradia. Eu quero muito rap na periferia!

Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa. Rap na periferia, rap na periferia. É mais saúde, educação e moradia! Rap na periferia, rap na periferia, é tudo isso que a gente aqui precisa.